

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

EDUARDO LIMA DUARTE

**PERCEPÇÃO DA CRIMINALIDADE E DA VIOLÊNCIA EM MANAUS:
AS PAISAGENS DO MEDO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

**MANAUS - AM
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

EDUARDO LIMA DUARTE

**PERCEPÇÃO DA CRIMINALIDADE E DA VIOLÊNCIA EM MANAUS:
AS PAISAGENS DO MEDO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Área de concentração: “Amazônia: Território e Ambiente”. Linha de pesquisa: “Espaço Território e Cultura na Amazônia”. Requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre.

**Dra. AMÉLIA REGINA BATISTA NOGUEIRA
Orientadora**

**MANAUS - AM
2019**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

D812p Duarte, Eduardo Lima
Percepção da Criminalidade e da Violência em Manaus : as paisagens do medo dos estudantes do ensino médio / Eduardo Lima Duarte . 2019
106 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Amélia Regina Batista Nogueira
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Violência. 2. Criminalidade. 3. Medo. 4. Percepção. 5. Cidade.
I. Nogueira, Amélia Regina Batista. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

EDUARDO LIMA DUARTE

**PERCEPÇÃO DA CRIMINALIDADE E DA VIOLÊNCIA EM MANAUS
AS PAISAGENS DO MEDO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Área de concentração: “Amazônia: Território e Ambiente”. Linha de pesquisa: “Espaço Território e Cultura na Amazônia”. Requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 10/07/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Amélia Regina Batista Nogueira- PPGEOG/ UFAM
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Therezinha de Jesus Pinto Fraxe – PPG-CASA/ UFAM
Avaliador

Prof. Dr. Marcos Castro de Lima – PPGEOG/ UFAM
Avaliador

*À Elisângela Duarte,
com carinho e gratidão.*

AGRADECIMENTOS

A conclusão de um trabalho não acontece de forma isolada, muitos contribuíram para o êxito dessa pesquisa, dessa forma, alguns nomes não estarão citados, mas saiba que se você de alguma forma, em algumas das etapas participou sinta-se agradecido(a). Agradeço às orações, as intenções, as vibrações e o axé, que recebi de muitas pessoas ao longo desse processo, em dobro eu desejo o mesmo a todos.

Busco palavras e diante de tantas, utilizo uma para minha orientadora: GRATIDÃO. Nesse caminhar suas contribuições, direcionamento e apoio foram o farol e a bússola dessa jornada geográfica. Muito obrigado! Professora Doutora Amélia Regina Batista Nogueira, sua competência como docente e orientadora é uma qualidade inquestionável. A mesma Gratidão tenho por toda minha família, agradeço ao meu pai José Duarte e minha mãe Maria Raimunda Lima Duarte, a todos meus irmãos e irmãs pelas palavras de incentivo durante as etapas desse trabalho. A dedicatória desse trabalho é um agradecimento merecido a minha companheira, amiga, esposa e colaboradora Prof^a Elisângela das Dores da Costa Duarte, em todas as etapas esteve comigo de forma incondicional, suas observações advindas de sua formação em Filosofia se constituíram uma das colunas que sustentam minhas convicções, obrigado minha querida Filósofa.

Agradecimento especial aos estudantes do ensino médio, seus pais e responsáveis que de forma voluntária se dispuseram a caminhar comigo nessa jornada. Ao Gestor da Escola Estadual Desembargador André Vidal de Araújo Prof. Maurício Lira Teixeira, sua atenção e compromisso com a educação permitiu o desenvolvimento e o êxito dessa pesquisa, a mesma referência faço ao ex-administrador escolar Prof. João Bindá (in memória) e a administradora Profa. Aparecida Bastos Athan. Aos Professores: Rosângela dos Santos Lopes, Edivaldo de Souza Oliveira, Elvécio Pereira Lima, Renata Barros Ribeiro, Marly Sombra e Silvia da Matta, profissionais que estiveram ao meu lado e me apoiaram nas etapas dessa pesquisa. A Secretária da Escola Prof^a. Fátima Tatiane Neves da Silva e os Técnicos em Administração Sra. América Bastos e Sr. Adeilson Glória, pela atenção e apoio.

Aos colegas mestrandos da turma 11, pela companhia durante o curso. A Coordenação do Programa de Pós-graduação, a todos os Professores do Programa e especialmente a Secretária Sra. Graça Luzeiro.

A querida amiga Marlene França e sua família, ao amigo Carlos Klynger Alencar Omena, pelo apoio recebido durante minha trajetória acadêmica.

*É uma profunda ironia que frequentemente a cidade
possa parecer um lugar assustador.*
(Yi-Fu Tuan, 2005)

RESUMO

A experiência de viver nas cidades coloca os moradores diante de uma ambivalência frente à criminalidade e a violência que estão presentes no cotidiano urbano, se sentir seguro ou ter medo, ou melhor, segurança e insegurança, sentimento que permeia a vida dos moradores diante das paisagens, sobretudo, aquelas paisagens que por meio de símbolos e elementos alimentam o medo. Portanto, o habitante é capaz de perceber quais paisagens lhe trazem mais insegurança. Esse aspecto tornou-se então a base principal que impulsionou essa pesquisa. Assim, o objetivo geral desse estudo é: compreender o fenômeno da violência e da criminalidade na cidade de Manaus a partir da percepção e da representação dos estudantes do ensino médio por meio dos mapas mentais. Para alcançarmos esse objetivo, buscamos os princípios metodológicos da fenomenologia, tendo a percepção como uma categoria importante para a compreensão das paisagens estudadas, sendo os mapas mentais os elementos principais dessa pesquisa. Os sujeitos envolvidos foram 36 estudantes matriculados na 3ª série do ensino médio, no turno matutino, ano letivo 2018, da Escola Estadual Desembargador André Vidal de Araújo, situada na Avenida Timbiras s/n bairro Cidade Nova, zona norte de Manaus. Dos mapas elaborados pelos estudantes, selecionamos 12 que são discutidos nesse trabalho e representam os elementos que simbolizam a criminalidade e a violência em Manaus.

Palavras-chave: Violência. Criminalidade. Medo. Percepção. Cidade

ABSTRACT

The experience of living in cities places residents in the face of an ambivalence in the face of criminality and violence that are present in urban everyday life, feeling safe or afraid, or better, security and insecurity, permeate the feeling of the residents in the face of the landscapes, especially those landscapes that by means of symbols and elements feed the fear. Therefore, the inhabitant is able to perceive which landscapes bring him more insecurity. This aspect then became the main base that boosted this research. Thus, the general objective of this study is: to understand the phenomenon of violence and criminality in the city of Manaus based on the perception and representation of high school students through mental maps. To achieve this goal, we seek the methodological principles of phenomenology, having the perception as an important category, to understand the landscapes studied, being the mental maps the main elements of this research. , The subjects involved were 36 students enrolled in the 3rd grade of high School, in the morning shift in the academic year 2018, at the state school Desembargador André Vidal de Araújo, located on the avenue Timbiras S/N neighborhood Cidade Nova, northern area of Manaus. Of the maps elaborated by the students we selected 12 that are presented and discussed in this work and represent the elements that symbolize criminality and violence in Manaus

Keywords: Violence. Criminality. Fear. Perception. City.

LISTA DE MAPAS

Mapa de Localização das Paisagens do Medo Representadas pelos Estudantes.....	71
Mapa Mental 01: O PERIGO RONDA A ESCOLA	72
Mapa Mental 02: TERMINAL DE INTEGRAÇÃO 3 BAIRRO CIDADE NOVA.....	74
Mapa Mental 03: A PARADA DO MEDO NA DJALMA BATISTA.....	76
Mapa Mental 04: CUIDADO COM ASSALTOS NA PARADA	78
Mapa Mental 05: O BECO DO MEDO E A PARADA DO TERROR	80
Mapa Mental 06: VALE DO SINAI E A SUBIDA DO MEDO	82
Mapa Mental 07: A MATA DO MEDO FICA NO COROADO	84
Mapa Mental 08: O ESTRADÃO DA CIDADE DE DEUS	86
Mapa Mental 09: AS ESCADAS DO MEDO	89
Mapa Mental 10: A ÁREA VERMELHA.....	91
Mapa Mental 11: TRÊS ÁREAS PERIGOSAS NO PARQUE DAS NAÇÕES	94
Mapa Mental 12: MEDO NA ZONA LESTE DE MANAUS.....	97

LISTA DE ABREVIATURAS

APA: Área de Proteção Ambiental

APP: Área de Proteção Permanente

ONU: Organização das Nações Unidas

PMAM: Polícia Militar do Estado do Amazonas

PROERD: Programa Educacional de Resistência às Drogas

SEDUC-AM: Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas

UFAM: Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I - A PAISAGEM DO MEDO NA ABORDAGEM DA GEOGRAFIA HUMANISTA E CULTURAL	19
1.1 Paisagem geográfica: a construção de um conceito-chave para a geografia.....	20
1.2 As origens da geografia humanista e cultural	25
1.3 A perspectiva humanista e cultural frente à paisagem do medo	30
CAPÍTULO II - A VIOLÊNCIA E A CRIMINALIDADE URBANA: ASPECTOS E FATORES QUE CONTRIBUEM NA FORMAÇÃO DA PAISAGEM DO MEDO.	38
2.1 A definição de violência e alguns aspectos.....	39
2.2 Fatores ligados a violência e a criminalidade urbana	46
2.3 As paisagens do medo formadas pela criminalidade e violência: a insegurança e o medo na cidade	56
CAPÍTULO III - OS MAPAS MENTAIS DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CRIMINALIDADE E DA VIOLÊNCIA EM MANAUS	66
3.1. Considerações acerca da Percepção e da Representação	67
3.2 Os mapas mentais dos estudantes: elementos e símbolos percebidos e representados que formam as paisagens do medo	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS.....	103

INTRODUÇÃO

Nenhuma pesquisa começa sem que algo possa ter desencadeado no pesquisador o intuito de estudar determinado assunto. A origem dessa pesquisa está atrelada a uma atividade diária, onde estavam presentes as práticas ligadas à criminalidade, por exemplo, assaltos, roubos, estupros, latrocínio, além de homicídios, observados e vividos a partir da minha experiência como policial militar.

Entre os anos de 2004 e 2013, atuei como policial, na Polícia Militar do Amazonas – PMAM. Na prática ostensiva dessa atividade, diversas vezes surgiram situações em que os moradores sempre defendiam sua rua como tranquila, as mazelas ali existentes eram oriundas de outros locais. Situações que nos levaram a refletir sobre a relação do morador com o seu ambiente, não permitindo que sua rua ou seu bairro fossem vistos como violentos. As reflexões advindas dessas situações começaram a alimentar a ideia de estudar a violência sob o ponto de vista do morador.

Exercendo a função de instrutor do Programa Educacional de Resistência às Drogas – PROERD¹. Ao realizar atividades sobre a violência e a criminalidade com os estudantes, eles geralmente apontavam que o problema estava presente, mas as pessoas que praticavam vinham de outra rua ou de outros bairros, essas respostas fortaleceram ainda mais o intuito de estudar a violência sob o ponto de vista do morador, especificamente os estudantes.

Atuando como professor de Geografia, o tema violência está presente nas aulas ministradas na 3ª série do ensino médio. O conteúdo, segundo a Proposta Curricular para o ensino médio da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas – SEDUC-AM (2012) é abordado com o tema “violência urbana” e está previsto no 1º bimestre, sendo um dos problemas sociais que as cidades atuais enfrentam e que aflige seus moradores. A partir dessas aulas vimos a possibilidade de aliar anseios antigos com a atualidade e levar em frente o estudo sobre a violência, tendo o estudante do ensino médio como o morador inserido na pesquisa e a partir de sua percepção representasse uma paisagem presente no seu cotidiano, considerada insegura diante da criminalidade e da violência.

¹ Aplicado aos alunos do 5º ano ensino fundamental, o programa busca através da aproximação do policial com os alunos, a aplicação de técnicas e procedimentos que os afastem das drogas e da criminalidade.

Desse modo, o conceito-chave desse estudo é a Paisagem, abordada sob a ótica da geografia Humanista e Cultural, é a paisagem ligada ao elo de afetividade conforme as ideias de Dardel (2011). Porém, esse elo é atrelado ao sentimento do medo, uma interrelação entre o sujeito e o objeto formando a Paisagem do Medo, discutida por Tuan (2005). Essa é a noção de paisagem que trabalhamos nesse estudo, focaremos particularmente nas paisagens ligadas à criminalidade e a violência percebidas e vivenciadas pelos estudantes.

Não se trata de reformular teorias ou conceitos sobre o tema proposto, mas ampliar o debate para uma questão mais próxima de quem geralmente está exposto aos diversos atos violentos, tipificados como crimes. O estudo está pautado não apenas no olhar do pesquisador, mas do pesquisado, essa é a questão relevante nessa pesquisa. Ela está voltada para quem vivencia a violência da cidade, nesse caso específico o estudante, morador da cidade de Manaus.

A pesquisa foi desenvolvida com os seguintes objetivos:

1- Compreender o fenômeno da violência e da criminalidade na cidade de Manaus a partir da percepção e da representação dos estudantes do ensino médio por meio dos mapas mentais;

2- Discutir os aspectos ligados a criminalidade e a violência urbana, apontando esse fenômeno como formador do medo e da insegurança nas cidades;

3- Identificar nas paisagens representadas pelos estudantes, quais são os elementos que eles percebem e representam como símbolos da criminalidade e da violência;

4- Entender por meio dos símbolos representados nos mapas mentais, como os estudantes percebem o medo da violência e da criminalidade.

Para trabalhar os objetivos propostos, buscamos os princípios metodológicos da fenomenologia. O trabalho foi desenvolvido dentro das ciências humanas com a abordagem da Geografia Humanista e Cultural, na perspectiva da percepção. O método de abordagem é o fenomenológico, segundo Dartigues (2008) é um método que renovou a maneira de abordagem dos fenômenos humanos.

A fenomenologia permite, segundo Merleau-Ponty (2011), o estudo das essências das coisas, e para se compreender tais essências é preciso que haja a compreensão de quem as vivencia, o homem. Corroborando com essa afirmação, Nogueira (2014) enfatiza que dentro

da fenomenologia, quem vive o fenômeno é extremamente importante: “A descrição aqui ressaltada não é apenas do sujeito que pesquisa, mas aquela de quem vive o fenômeno”. (NOGUEIRA, 2014, p. 35). A escolha da fenomenologia como aporte teórico-metodológico nesse estudo, foi, sobretudo, a certeza de que os sujeitos envolvidos na pesquisa revelariam novos elementos acerca do tema.

A pesquisa é qualitativa, Lima e Moreira (2015) destacam a importância dessa abordagem para a compreensão do fenômeno estudado, pois garante uma visão detalhada do assunto, além do que seu foco é a subjetividade, onde os resultados não podem ser obtidos pelas questões quantificáveis. Nesse tipo de abordagem, a quantidade de dados ou informações cede lugar à qualidade, pois geralmente se busca uma compreensão na qual a experiência tem grande valor. Nas pesquisas qualitativas os sentimentos são extremamente importantes, um estudo sob a ótica fenomenológica, requer primordialmente uma abordagem qualitativa, em vista disso, a pesquisa não se apoia em estatísticas ou índices.

A perspectiva fenomenológica pressupõe aproximação entre o sujeito e o objeto, os estudantes participantes residem em Manaus e vivenciam a violência como os demais moradores da cidade, além do que o assunto sobre a violência urbana é também discutido nas aulas de geografia, conforme citamos anteriormente.

Este princípio nos levou a escolher o Mapa Mental como instrumento principal da pesquisa. Embora os participantes sejam jovens, as experiências acumuladas nessa primeira fase da vida já possibilita aos mesmos, percepções acerca das questões estudadas; além do que, as aulas de geografia possibilitaram a elaboração dos mapas mentais. Acerca dos mapas mentais, Nogueira (1994), ressalta que os mesmos são resultados da acumulação de experiências vividas, portanto os mapas estão presentes no cotidiano humano e são construídos a partir da percepção.

A escolha desse instrumento está associada principalmente a dois aspectos: primeiro, a representação de símbolos, signos e artefatos que evidenciam o que os sujeitos da pesquisa têm em suas mentes, adquiridas a partir de suas experiências; segundo, os envolvidos são estudantes, sobre isso, Nogueira (2014) propõe o uso dos mapas mentais nas aulas de geografia, sugerindo que os mapas produzidos pelos alunos devem ser utilizados nos estudos sobre a cidade e seus problemas, como é o caso da violência e da criminalidade e principalmente, porque a produção de mapas mentais é uma atividade prazerosa para o estudante.

Para a elaboração dos mapas mentais os estudantes utilizaram: papel ofício A4, lápis, borracha, giz de cera colorido e uma folha para fazer a descrição de seus mapas. Durante os encontros foram utilizados computador e Datashow, na digitalização dos mapas utilizamos impressora e escâner.

Os envolvidos nessa pesquisa foram estudantes matriculados na 3ª série do ensino médio, da Escola Estadual Desembargador André Vidal de Araújo, situada na Avenida Timbiras s/n bairro Cidade Nova, zona norte de Manaus, escola na qual trabalhamos como Professor de Geografia, conseqüentemente professor dos referidos estudantes. Esse aspecto surgiu como a oportunidade para aliar a prática docente à pesquisa.

Os 36 estudantes estavam matriculados nas turmas 1,2,3,4,5 e 6 da 3ª série do ensino médio no ano letivo de 2018, turno matutino, todos na faixa etária de 17 anos; os mesmos se dispuseram voluntariamente a participar da pesquisa, juntamente com a permissão de seus responsáveis. Os estudantes residem em diversos bairros da cidade de Manaus. Na zona norte (Cidade Nova, Cidade de Deus, Colônia Santo Antônio, Monte das Oliveiras, Nova cidade, Novo Israel, Novo Aleixo, Terra Nova, Santa Etelvina e Lago Azul); na zona centro-sul (Flores); zona oeste (Redenção, Tarumã e Tarumã-Açu) e zona leste (Jorge Teixeira, Tancredo Neves, Nossa Senhora de Fátima, São José e Coroado); possibilitando uma representação de diversas paisagens da cidade.

A pesquisa de campo foi realizada em duas etapas. A primeira iniciou durante o primeiro bimestre de 2018, no decorrer de três aulas sequenciais, todos os alunos presentes nas respectivas turmas estudaram questões relacionadas à violência e a criminalidade, dentro do conteúdo: “violência urbana”. As aulas foram dialogadas com a participação direta dos estudantes, a atividade principal aconteceu por meio de narrações de situações ligadas à criminalidade e a identificação de áreas consideradas inseguras. Em cada uma das 6 turmas, identificamos os estudantes e as áreas descritas, essas anotações foram importantes para sabermos quais estudantes estavam mais dispostos e realmente envolvidos com o tema.

Após as três aulas, fizemos o convite aos estudantes interessados, entre eles tivemos a adesão de 36, número que consideramos ideal para a nossa pesquisa qualitativa. Todos os voluntários comunicaram aos seus responsáveis suas intenções e durante a reunião do 1º bimestre, os pais assinaram o termo de consentimento.

A segunda etapa da pesquisa foi desenvolvida durante o segundo bimestre, ela aconteceu por meio de encontros realizados na própria escola com a participação dos 36 estudantes, os encontros aconteceram geralmente nos dias de quinta-feira, em tempos vagos ou entre às 11:15 e 12:00 horas.

Nos três primeiros encontros abordamos as questões sobre violência e criminalidade em Manaus, nessa ocasião foram tratadas as questões ligadas a segurança e a insegurança; apresentamos aspectos sobre a Paisagem do medo, falamos um pouco sobre percepção e representação, principalmente sobre os mapas mentais. Esses encontros estabeleceram as bases para a elaboração dos mapas.

No decorrer do quarto e quinto encontros aconteceu a elaboração dos mapas e das descrição das paisagens representadas. É importante ressaltar que os estudantes não foram induzidos a escolher determinada paisagem, as recomendações foram apenas que a mesma deveria está ligada de alguma forma a eles. O último encontro serviu para agradecermos e encerramos a pesquisa de campo. A fase completa da pesquisa de campo compreendendo as duas etapas aconteceu entre os meses de março a julho de 2018, equivalente aos 1º e 2º bimestres letivos.

A elaboração da dissertação ocorreu em duas fases. A primeira contemplou as bases teóricas e fundamentais desse estudo, diante de uma rica pesquisa bibliográfica, buscamos fundamentos que apoiassem as convicções estabelecidas nesse trabalho e principalmente abarcassem os principais conceitos utilizados. Essa fase embasou toda a pesquisa, mas fundamentalmente contribuiu na elaboração dos dois primeiros capítulos.

O primeiro capítulo sob o título: **A Paisagem do Medo na abordagem da Geografia Humanista e Cultural**. Expõe as discussões teóricas acerca do conceito de Paisagem, apresenta os principais aspectos na construção da noção de Paisagem Geográfica, apontando as contribuições que ao longo do processo de evolução do pensamento geográfico formaram esse conceito. Em seguida, são estabelecidas as bases que sustentam a definição de Paisagem Cultural, destacando as origens e os pressupostos da Geografia Humanista e Cultural, é esse entendimento que nos leva a compreensão da noção de Paisagem do Medo, discussão que encerra o capítulo.

O Segundo capítulo, intitulado: **A Violência e a Criminalidade Urbana: Aspectos e fatores que envolvem esse fenômeno na formação da Paisagem do Medo**. Abrange a

discussão sobre a definição de Violência, tal como a relação com as palavras Poder, Força e Agressividade; apresenta à noção de violência estrutural e conjuntural; conceitos importantes como criminalidade e crime, estes apoiam e reforçam os argumentos frente às ideias equivocadas em relação à violência e à criminalidade nas cidades. O capítulo se encerra com a discussão sobre a formação das Paisagens do Medo, construídas pela percepção da criminalidade e da violência; além dos aspectos que envolvem a ambivalência de viver nas cidades, ou seja, sentir medo e segurança. Os dois primeiros capítulos, não apresentam objetivamente às percepções dos estudantes sobre o tema, mas elas estão implícitas, isso é comprovado quando interpretamos os Mapas Mentais expostos no terceiro capítulo.

A segunda fase da pesquisa, como já detalhamos, se configurou na pesquisa de campo (elaboração dos mapas), concluída com as interpretações dos mapas juntamente com as descrições de cada estudante. Os resultados são apresentados no terceiro capítulo, intitulado: **Os Mapas Mentais dos Estudantes do Ensino Médio: Percepção da Criminalidade e da Violência em Manaus.** Uma breve discussão sobre a Percepção e a Representação dá início ao capítulo; seguida pelas interpretações acerca dos Mapas Mentais que representam as Paisagens do Medo dos estudantes. Essas representações são discutidas frente às teorias e os conceitos trabalhados nos capítulos anteriores. Dentre os 36 mapas, selecionamos 12 para compor esse capítulo, estes contemplam as principais paisagens e os elementos e símbolos mais relevantes, no tocante à violência e a criminalidade.

Encerramos o texto destacando considerações importantes sobre a pesquisa, sobretudo, a participação dos estudantes e suas percepções acerca do assunto. Os três capítulos que compõem esse trabalho permite uma leitura agradável e reveladora diante dos aspectos que envolvem o fenômeno da violência e da criminalidade na cidade.

CAPÍTULO I - A PAISAGEM DO MEDO NA ABORDAGEM DA GEOGRAFIA HUMANISTA E CULTURAL

Esse estudo aponta a Violência e a Criminalidade como um fenômeno, que alimenta a insegurança e contribui na formação de Paisagens que representam medo para os habitantes das cidades. Portanto, temos a Paisagem como categoria principal, apoiada na perspectiva da Geografia humanista e cultural. Desse modo, nosso discurso começa estabelecendo a Paisagem como categoria geográfica, seguido pelo conceito de Paisagem Humanizada, ou melhor, Paisagem Cultural e finalizamos com a noção de Paisagem do Medo.

As discussões estão apoiadas principalmente em teóricos ligados as correntes humanista e cultural. Partimos do pressuposto de uma Paisagem formada por elos afetivos, conforme Dardel (2011). Constituída de elementos objetivos, subjetivos, simbólicos, visíveis e invisíveis conforme: Berque (2012), Claval (2007; 2012), Cosgrove (2012), Duncan (2004), Gandy (2004) e Holzer (2004), embasamentos importantes para a compreensão da Paisagem do Medo, conceito discutido por Tuan (2005) na obra: “Paisagens do Medo”, na qual o autor, ao classificar diferentes tipos de paisagens que causam medo, aponta os conflitos oriundos da criminalidade como um dos elementos que formam essas paisagens.

Segundo Tuan (2005), a cidade é um ambiente, cujas características propiciam a formação de um mosaico de paisagens, que representam o medo. Logo, nossa pesquisa foi realizada com a participação de moradores da cidade de Manaus, por meio dos quais, buscamos identificar e representar paisagens formadas pelo medo, que eles percebem diante da criminalidade e da violência.

Esse primeiro capítulo apresenta as contribuições de teóricos fornecendo embasamentos para uma discussão que abrange a formação do conceito de Paisagem Geográfica, passando pela noção de Paisagem Cultural, chegando a Paisagem do Medo. Para tanto, dividimos o mesmo em três itens: primeiro, explanamos a evolução do conceito de Paisagem dentro da ciência geográfica; em seguida, abordamos a Paisagem na perspectiva da Geografia Humanista e Cultural, pontuando as bases que alicerçam essas correntes geográficas; finalizando o capítulo apresentamos e discutimos as ideias que abarcam a noção de Paisagem do Medo.

1.1 Paisagem geográfica: a construção de um conceito-chave para a geografia

A Geografia, ao longo da construção de seu aporte epistemológico foi desenvolvendo seus conceito-chaves. Segundo Corrêa (1997), a Paisagem juntamente com Espaço, Região, Território e Lugar, formam o conjunto de conceitos da ciência geográfica. As propostas de estudos sobre o conceito de paisagem, desde Humboldt aos dias atuais foram concebendo ao termo características que cunharam a ideia de paisagem geográfica. De acordo com Claval (2012), a paisagem não é um termo originário da Geografia.

Antes da paisagem se tornar conceito geográfico, ela já estava presente especificamente nas artes, originalmente na Holanda no século XV, conforme esclarece Claval (2012):

O termo paisagem, aparentemente, não tem mistério. Surgiu no século XV, nos Países Baixos, sob a forma de *landskip*. Aplica-se aos quadros que apresentam um pedaço da natureza, tal como a percebemos a partir de um enquadramento – uma janela, por exemplo. [...] A moldura que circunda o quadro substitui, na representação, a janela através da qual se efetuava a observação. (CLAVAL, 2012 p. 245)

Segundo o autor, a difusão da técnica de pintura tornou-se comum na Europa e ajudou difundir os quadros que retratavam aspectos naturais. Segundo Gomes (2017), as paisagens eram vendidas em forma de quadros, presentes em ateliês e no comércio em geral daquela época, o autor descreve o seguinte:

É também na Holanda e nesse momento que mapas e quadros passam a ser vendidos como mercadorias, nos ateliês e mercados, junto a livros e estampas [...]. É dentro desse movimento que se difunde a pintura de paisagens, de visões panorâmicas de grandes composições de espaços abertos. (GOMES, 2017 p. 31)

A proposta de estudo da paisagem que chegou à geografia, já estava presente no cotidiano europeu, saindo da Holanda e se destacando primeiramente na Alemanha, em seguida na França e Itália, como assinala Claval (2012):

O alemão forja o termo *Landschaft*, e o inglês, *landscap*, para traduzir o novo termo holandês, cujo emprego se impõe como difusão do novo gênero pictural. O italiano transcreve a ideia de extensão de *pays*, que vem da raiz *land*, criando *paesaggio*, de onde deriva o termo francês. Seu emprego é verificado a partir de 1549. (CLAVAL, 2012 p. 246)

É a partir dessa difusão que a paisagem adentra a geografia, Claval (2012) e Gomes (2017) destacam os estudos de Humboldt, como sendo o início dos estudos da paisagem na geografia, a partir do século XVIII. Os estudos inaugurados por Humboldt revelaram uma

nova forma de ver os quadros naturais, segundo Gomes (2017) não se tratava apenas de uma reunião de elementos, e sim um conjunto capaz de revelar e exprimir ideias, não era uma mera descrição, tratava-se de uma descrição de relações de atributos, revelando a originalidade do trabalho de Humboldt sobre a paisagem:

A originalidade imensa do trabalho de Humboldt consistiu em uma nova forma de apresentar esses elementos em um conjunto, localizando-os, situando-os e fazendo de uma imagem o veículo que descreve e faz pensar, pelo cruzamento possível de informações situadas em um mesmo plano, sem apelar para uma narrativa anterior da qual a imagem seria apenas uma expressão. (GOMES, 2017 p. 41)

A descrição que Humboldt realizou sobre a paisagem, reuniram elementos que favoreceram uma nova leitura sobre as paisagens. Suas viagens realizadas nas áreas intertropicais do planeta lhe renderam uma espécie de quadro geográfico sobre as variedades vegetais dessas áreas, e ao mesmo tempo estabeleceu dentro da geografia, a descrição das paisagens como um primeiro momento de estudo do termo.

Sobre a metodologia de sistematização de elementos naturais, Gomes (2017) esclarece que Humboldt não foi o primeiro a adotar tal procedimento, desde a Grécia antiga se tem conhecimento de trabalhos que usam tal metodologia. Porém, a originalidade de Humboldt, está pautada na correlação entre: reunir, mensurar, medir e relacionar elementos dispostos, os quais formam um quadro, ou seja, uma forma de ver o mundo, uma ideia de unidade, princípio básico da paisagem geográfica

A continuidade da construção da paisagem como conceito geográfico está situada na Alemanha, de acordo com Claval (2007) foram os estudos sobre as transformações da cobertura vegetal, perante a ocupação humana, realizados por Otto Schlüter, que estabeleceram os fundamentos para o entendimento da paisagem humanizada, se distinguindo dessa forma da descrição dos aspectos naturais, esses estudos colocaram o homem como transformador da paisagem natural.

A ideia desenvolvida por Schlüter teve como base os fundamentos de dois alemães, o primeiro foi Ratzel, do qual ele extraiu a noção da relação homem e meio, ou seja, o homem é um elemento presente na paisagem e possui relação direta com ela; o segundo foi August Meitzen, deste ele retira a questão do direito ao uso, ou seja, a posse e o direito de transformar a paisagem. Dessa forma, o homem como agente transformador, estaria agindo através do direito que o mesmo possui sobre o meio.

Schlüter torna-se o primeiro geógrafo a propor a paisagem como objeto de estudo da geografia. Segundo Hartshorne (1978) e Claval (2007), coube a ele a ideia inicial de propor uma unidade para a geografia, revelando a paisagem como possibilidade dessa ideia, tornando-a o objeto da geografia:

Ele redige em 1907 uma curta brochura na qual faz da paisagem o objeto da geografia humana. O eco que encontra esta publicação é considerável. Ela mantém a unidade da geografia, pois uma paisagem é tanto modelada pelas forças da natureza e pela vida, quanto pela ação dos homens. (CLAVAL, 2007 p. 23)

A ideia da paisagem como objeto da geografia proposta por Schlüter estabeleceu em contrapartida, a noção primordial da paisagem geográfica, a unidade dos elementos que a compõe, e entre estes elementos, o homem, definindo assim, a base de uma paisagem humanizada, na qual estão presentes elementos naturais e humanos. A proposta de Schlüter expressava a noção de paisagem, embora segundo Hartshorne (1978), os estudos ressaltavam a noção de região ou diferenciação de áreas, questões bastante discutidas no início do século XX.

Outro geógrafo alemão, que se inscreve na origem do estudo da paisagem humanizada é Eduard Hahn, suas pesquisas estavam voltadas às questões ligadas à agricultura e pecuária, precisamente a relação entre o cultivo e a domesticação de animais.

As técnicas e os utensílios são assuntos debatidos na relação do homem com o meio, ligados a transformação que este efetua, criando novas paisagens. Claval (2007) destaca que, embora as ideias de Hahn tivessem fundamentos em uma vasta pesquisa, elas eram pouco aceitas perante os demais geógrafos, pois Eduard Hahn não aceitava a ideia pertinente na época: “A ideia de que a humanidade passou no seu desenvolvimento pelo estágio da caça e da pesca, depois pela vida pastoril nômade antes de aceder à agricultura e à vida sedentária era, então, normalmente admitida. Eduard Hahn recusava este esquema”. (CLAVAL, 2007 p. 27). Para Hahn havia uma complexidade entre as relações do homem com o uso da terra e a domesticação de animais, evidenciando uma transformação de paisagem muito antes do que se pensava.

Foram os estudos de Schlüter e Hahn que destacaram o homem como elemento transformador dos aspectos naturais, distinguindo a paisagem natural da paisagem humanizada.

Outra contribuição valorosa para a noção da paisagem dentro da geografia advém da França, os estudos de Vidal de La Blache e o conceito de gênero de vida, favoreceram a formulação de uma paisagem ainda mais humanizada, evidenciando as técnicas e os utensílios como elementos na construção da paisagem, segundo Claval (2007), as técnicas e os utensílios, são elementos constantes na forma como cada grupo busca sua adaptação e exploração do meio, manifestando maneiras de se fazer paisagens.

As contribuições de alemães e franceses, ocorridas entre o final do século XIX e início do século XX, fortaleceram o entendimento pelo qual os elementos humanos agiam sobre os elementos naturais, essas contribuições foram importantes para estabelecer a paisagem como categoria da geografia. Conforme Claval (2012) no início do século XX, inúmeros geógrafos definiam a geografia como a ciência das paisagens.

Nas primeiras décadas do século XX, os estudos sobre a paisagem receberam a contribuição direta dos norte-americanos. Cosgrove e Jackson (2007) destacam a importância e a contribuição que Carl Sauer e a Escola de Berkeley deram ao tema, para os autores, as propostas de Sauer e seus seguidores sobre a paisagem foram fundamentais para consolidá-la, definitivamente como categoria geográfica.

Os estudos norte-americanos, marcam um novo tempo para o estudo da paisagem, principalmente quanto ao conceito e a metodologia. Vejamos como Carl Sauer (2012) define paisagem:

O termo paisagem é apresentado para definir o conceito de unidade da geografia, para caracterizar a associação peculiarmente geográfica de fatos. [...] Ela pode ser, portanto definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais. (SAUER 2012 p. 178)

Nessa definição é destacada a ideia da observação, dessa observação teríamos uma composição das qualidades físicas da área - paisagem natural - e das qualidades e fatos da cultura humana - paisagem humanizada, ou seja, uma unidade, elemento fundamental da paisagem. Essa unidade ele define como paisagem cultural, construída sobre uma base natural, definindo dois aspectos importantes para a definição de paisagem: o meio e o agente transformador:

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente; a área natural o meio; a paisagem cultural é o resultado. [...] A paisagem natural é evidentemente, de fundamental importância, para nos fornecer os materiais com os quais a paisagem cultural é formada. (SAUER, 2012 p. 209)

No processo de formação da paisagem, temos primeiro o meio, composto de elementos naturais, exemplos a superfície, o solo, os minerais, a vegetação e o mar, de onde se extraem os materiais, com os quais o homem através das técnicas cria utensílios e artefatos, elementos estes que refletem diretamente na densidade e na mobilidade da população, na estruturação de habitações e na produção da comunicação, formas existentes a partir da cultura, estabelecendo de fato a paisagem cultural.

Segundo Corrêa e Rosendahl (2007) as ideias de Carl Sauer foram importantes na consolidação do pensamento geográfico e seu legado é primordial na concepção de paisagem. Porém, entre as décadas de 1960 e 1970, duras críticas foram feitas às propostas do estudo sobre a cultura e sobre a paisagem cultural realizada por Carl Sauer e seus seguidores. Essas críticas estavam relacionadas tanto pela ênfase dada apenas as comunidades tradicionais, como pelo conteúdo dado a cultura, pois nesses estudos, a paisagem cultural era vista como homogênea e sem conflitos.

As críticas mencionadas fizeram parte do processo de reformulação da concepção de paisagem, alguns teóricos revisaram principalmente o aspecto cultural que compõem a paisagem. Conforme Claval (2012) essa revisão trouxe novas formas de interpretação da paisagem, ligadas principalmente às reformulações pelas quais a ciência geográfica passou nas décadas de 1960 e 1970.

Esses novos olhares revelaram novas leituras, novas interpretações, ligadas as questões funcionais, estruturais, culturais e existenciais do homem sobre o meio, favorecendo uma gama ainda maior do estudo da paisagem, citado por Corrêa (1997):

Na retomada do conceito de paisagem novas interpretações, novos modos de abordá-la emergem, enriquecendo a geografia em seu papel de tornar o mundo mais inteligível. Paisagem natural, paisagem cultural, paisagem como vitrine e como matriz cultural, paisagem da cultura dominante, paisagem residual, paisagem emergente, paisagem excluída, paisagem do medo e paisagem do desespero são algumas das acepções e leituras feitas pelos geógrafos. (CORRÊA, 1997 p. 50/51).

Entre as variadas interpretações propostas para o estudo da paisagem, algumas estão ligadas a corrente filosófica marxista/estruturalista, ou ao positivismo; outras ligadas à fenomenologia/existencialista, essas correntes filosóficas fundamentam as variadas concepções sobre as paisagens humanizadas estabelecidas pela geografia.

Segundo Claval (2012), o planejamento urbano e a organização espacial da cidade realizados respectivamente pelos governantes e moradores, possuem sonhos, expressões,

apetites e interesses, que vão construindo paisagens cada vez mais humanas, ou transformadas. Os elementos que compõem as paisagens urbanas são carregados de valores, estabelecendo um complexo sistema de signos, esse sistema possibilita as variadas formas de análise realizadas pelos geógrafos, das quais duas ganham destaque, uma ligada aos aspectos da estrutura econômica, a outra aos elementos do conteúdo cultural, mas, ambas possuem o mesmo elemento transformador, ou seja, o ser humano.

Acerca dos aspectos estruturais da paisagem, Holzer (2004a) ressalta alguns teóricos ligados as correntes marxistas, estruturalistas e positivistas, que a partir de 1970 discutiram também o termo paisagem, como por exemplo: Yves Lacoste, a mercantilização e o espetáculo da paisagem; Bailly, Raffestin, Raymond e as dimensões da paisagem, questões geométricas, projetivas e temporais. Estudos que contribuíram de certa forma à renovação dessa categoria e reforçaram ainda mais a noção de paisagem humanizada.

Conforme citamos anteriormente, trabalhamos a Paisagem dentro da abordagem humanista e cultural, focaremos nosso discurso particularmente nas contribuições que essas correntes deram ao termo, pontuando além das bases teóricas, os elementos que revalorizam esse conceito.

1.2 As origens da geografia humanista e cultural

Desde a formação das primeiras sociedades, já existia nas práticas cotidianas artefatos, utensílios e técnicas que possibilitavam as transformações que o homem realizava na superfície terrestre. Tais elementos tiveram papel importante, tanto para estabelecer a transformação das paisagens, como para constituir a gênese dos estudos que fundamentaram a geografia cultural e humanista. Portanto, a cultura e os seus elementos estão na origem da concepção de paisagem que abordamos nesse trabalho.

Os elementos que formam a cultura estiveram presentes na construção humana, em tempos diversos e sociedades distintas. A partir das reformulações e sistematização da ciência moderna, os diversos campos do conhecimento se propuseram na construção de seus objetos de estudos, sobretudo nos temas que envolveriam as pesquisas e as discussões de cada campo. Nesse aspecto, dentro das ciências humanas, a cultura torna-se um elemento comum entre elas. Claval (2007) destaca essa questão:

A cultura é um campo comum para o conjunto das ciências humanas. Cada disciplina aborda esse imenso domínio segundo pontos de vista diferentes. O olhar do geógrafo

não dissocia os grupos dos territórios que organizaram e onde vivem; a estrutura e a extensão dos espaços de intercomunicação, a maneira como os grupos vencem o obstáculo da distância e algumas vezes o reforçam estão no cerne da discussão. (CLAVAL, 2007 p. 11)

A cultura começa a fazer parte dos estudos desenvolvidos pelos geógrafos, constituindo assim, seu próprio modo de estudá-la, enfatizando inicialmente a diversidade dos povos, como grupos que se inserem em determinados ambientes, assim como a organização dos territórios.

A cultura passa a ocupar espaço dentro das ideias discutidas pelos primeiros geógrafos que constituíram esse campo científico. Claval (2007) destaca a princípio, a contribuição dos alemães e os coloca como a gênese dos estudos culturais. Dentre os alemães, o autor destaca Fridrich Ratzel, a sua obra (antropogeografia) é vista como fundamento, não apenas da geografia humana, mas também da geografia cultural.

De acordo com Claval (2007), ao propor um estudo que buscava estabelecer as causas geográficas da repartição dos homens na superfície terrestre, Ratzel expõem que a cultura não deveria ser deixada a parte, e sim estudada, no intuito de entender que as relações construídas pelos homens junto ao ambiente em que vivem, são estabelecidas pela técnica e esta provém da cultura. Contudo, Ratzel não estabeleceu a geografia cultural, mas evidenciou a cultura como uma das variáveis dos estudos da geografia humana.

Ao se tornar um elemento estudado pela geografia, a cultura, a partir desse processo passa a ser vista como um fator preponderante na interrelação homem e meio, esse processo favorece a formação da paisagem humanizada, noção que está na origem da geografia cultural e em seguida favoreceu as bases da geografia humanista, correntes geográficas que revalorizaram a forma de descrição e interpretação da paisagem. Portanto, torna-se relevante expor as bases que originaram a formação das vertentes cultural e humanista.

A origem da geografia cultural segundo Claval (2007) aconteceu na Alemanha, sendo estabelecida por Otto Schlüter e Eduard Hahn, estes desenvolveram suas ideias sobre as paisagens humanizadas. Schlüter se empenhou nos estudos das transformações das paisagens rurais, procurando estabelecer as questões das formações das áreas agriculturáveis com as questões étnicas; Hahn buscou estabelecer relações entre a domesticação dos animais e práticas da agricultura, destacando os utensílios provenientes da cultura como elementos dessa relação, para Claval (2007), esses teóricos pressupõem a gênese da geografia cultural.

Outra contribuição importante surgiu na França no século XIX, de acordo com Corrêa e Rosendahl (2007), a dimensão cultural da sociedade estava presente na geografia, principalmente com a contribuição de Vidal de La Blache, o gênero de vida se constituiu segundo os autores, o foco central no interesse de geógrafos, que buscavam compreender a diversidade espacial.

Assim sendo, Vidal de La Blache e seus seguidores franceses legam à geografia cultural, fundamentos ligados aos valores dos quais os gêneros de vida eram carregados de elementos ligados ao trabalho, à confecção de utensílios e a utilização de técnicas para a inserção no ambiente. As ideias discutidas pelos franceses juntamente com os alemães, formaram a base inicial da geografia cultural.

Segundo Corrêa e Rosendahl (2007), a geografia cultural ganhou notoriedade e identidade nos Estados Unidos da América, a partir das obras de Carl Sauer e seus discípulos que juntamente com ele formavam a Escola de Berkeley, que desempenhou papel fundamental nas bases desta nova área da ciência geográfica. Duncan (2007) reforça a importância de Sauer para a geografia cultural, porém, destaca a influência dos geógrafos alemães, nos estudos desenvolvidos nos Estados Unidos:

Carl Sauer foi a figura hegemônica na geografia cultural americana. Os principais temas deste campo, a saber, a ecologia cultural, a difusão de artefatos e ideias e a percepção cultural da paisagem, estiveram presentes em seu trabalho. Sauer reconheceu sua dívida intelectual para com os geógrafos culturais alemães do final do século XIX e início do século XX, especialmente Ratzel, Schüter e Hann. Sauer considerava Ratzel, acima de todos os outros como, o pai da geografia cultural. (DUNCAN, 2007 p. 70)

A geografia cultural consolidada nos Estados Unidos possui suas bases na Europa, precisamente na Alemanha, as ideias discutidas pelos geógrafos alemães, foram revalorizados por Carl Sauer e seus seguidores, passando a estabelecer de fato a geografia cultural, como uma disciplina que vigoraria durante o século XX. Embora as ideias de Carl Sauer e seus estudos tenham sido alvos de críticas e reformulações, não se pode negar seu legado à geografia cultural.

Embalado pelas reformulações da ciência no pós-segunda guerra, a geografia ou precisamente suas áreas, a partir da década de 1970 tiveram suas renovações, a geografia cultural está entre elas, contribuindo no intuito de reconstruir a própria geografia humana. Nessa década, segundo Corrêa e Rosendahl (2007), a geografia cultural ganhou novos impulsos, advindos da revalorização da cultura e principalmente da consolidação de uma

nova corrente que também despontava nesse período, a geografia humanista, que traz consigo a filosofia dos significados.

Esse novo campo geográfico começa a ser gestado nos Estados Unidos, conforme assinala Marandola Jr. (2013):

A chamada geografia humanista foi um movimento de renovação da geografia que eclodiu nos Estados Unidos e Canadá nos anos 1970, possuindo antecedentes explícitos desde os anos 1960. Buscava uma reaproximação da geografia com as humanidades, no contexto de busca e alternativas ao neopositivismo e às tendências de quantificação predominantes na época. Na esteira do grande debate teórico e metodológico promovido pela Nova Geografia, alguns geógrafos voltaram-se para a literatura, a história, os estudos culturais, a psicologia e sobretudo a filosofia, buscando renovar epistemologicamente a geografia com valores humanistas: a crítica da época era que a geografia, ao buscar ser ciência, estava deixando de ser humana. (MARANDOLA JR, 2013 p. 50).

Essa nova corrente buscava segundo o autor, a possibilidade de um novo momento, um novo modelo metodológico, enraizado em valores humanistas, destacado principalmente pela interdisciplinaridade, surgindo dessa forma novos elementos que vieram encorpar novas ideias e reformular os temas que a geografia já estudava, assim nascia a geografia humanista.

Para Holzer (2016), é impossível falar da geografia humanista sem se reportar a geografia cultural, pois as duas estão ligadas por meio dos seus temas geralmente entrelaçados. Assim sendo, as bases da geografia humanista estão atreladas a geografia cultural. Para o autor, a teoria estabelecida por Carl Sauer se constitui como base importantíssima na estruturação da geografia humanista.

Segundo Holzer (2016), foi a partir das propostas de comparação entre as áreas, advindas da geografia cultural que os geógrafos humanistas formularam suas ideias acerca do mundo vivido, o autor ainda destaca outros pontos semelhantes entre as duas correntes, ou melhor, pontos que a geografia humanista extraiu da geografia cultural como: a afirmação de que a geografia está além da ciência e a recusa da aceitação da geografia quantitativa. Questões que fomentavam os debates entre as correntes geográficas na década de 1970.

Outra grande contribuição para as formulações básicas da geografia humanista, veio de John Kirtland Wright, ele desenvolveu estudos na área da geografia histórica e história da geografia. Segundo Holzer (2016), em sua obra principal: “*Terrae Incognitae*”, Wright destaca a ideia da subjetividade e da imagem mental ligadas a curiosidade do homem comum, aquele que vivencia a realidade, ou seja, o mundo.

Esses aspectos serviram de bases para a construção dos pressupostos relevantes na geografia humanista, como destaca Holzer:

Wright foi um precursor e um visionário. Destacou o valor da subjetividade e do senso geográfico do homem comum, aprofundou-se no domínio dos mapas mentais, preconizou o alargamento das relações entre a geografia e as Humanidades – a criação de uma geografia humanista. (HOLZER, 2016 p. 54/55)

As ideias de Wright estão presentes nas discussões dos geógrafos humanistas, principalmente a subjetividade, embora as mudanças que ocorreram no decorrer da evolução desse campo tenham incorporados novos entendimentos sobre a mesma, que atualmente se apresenta com as contribuições da fenomenologia. Segundo Holzer (2016), não podemos falar em origem da geografia humanista sem mencionar Wright, embora pouco conhecido, sua contribuição é inegável nesse campo geográfico.

No processo de formação da geografia humanista, entre os principais fundadores dessa nova área, Holzer (2016) destaca: “Lowenthal e Tuan são os pais incontestáveis da geografia humanista”. (HOLZER, 2016 p. 351). As obras e os debates propostos pelos dois teóricos são os fundamentos clássico da geografia humanista.

De acordo com Holzer (2016) tanto Lowenthal como Tuan foram influenciados pela escola de Berkeley . As discussões propostas pelos dois teóricos tinha como base a questão da subjetividade frente à questão objetiva que tomara conta das reflexões geográficas em meados do século XX. Suas obras colocaram em evidência questões como, a experiência, os valores e os comportamentos humanos perante o meio. Lowenthal traz a base que discute as imagens mentais, criadas a partir da experiência, Tuan estabelece os fundamentos que criam as atitudes e os valores que construímos em relação ao ambiente.

As contribuições desses geógrafos somadas às ideias de Eric Dardel completam de forma integral a base teórico-filosófica da geografia humanista. De acordo com Holzer (2016), as concepções de Dardel revelam as nuances mais profundas entre o homem e terra, ressaltando a relação existencial que há entre o ser humano e o meio, definida como: geograficidade, conceito carregado de subjetividade, apoiado em comportamentos, valores e atitudes em relação ao meio. As ideias de Dardel, diferentemente de Tuan e Lowenthal, só seriam amplamente conhecidas a partir de 1980, mas suas discussões fundamentam o teor filosófico dessa corrente.

Logo, a geografia humanista e cultural estão atreladas como destaca Holzer (2016): “A geografia humanista é resultado de um longo processo de renovação e revisão dos conceitos e base filosófica da geografia cultural e histórica norte-americana”. (HOLZER,

2016 p. 174). Ou seja, são duas correntes envolvidas na reformulação e na renovação da ciência geográfica, que não devem ser analisadas separadamente à medida que, a geografia cultural está na base da formação da geografia humanista e esta está na renovação da geografia cultural. Contudo, essas reformulações revitalizaram a concepção de paisagem pós década de 1970.

1.3 A perspectiva humanista e cultural frente à paisagem do medo

As discussões sobre o termo paisagem, segundo Claval (2012) recebeu um novo fôlego a partir de 1970, possibilitando novas formas de analisar e interpretar a paisagem, estabelecendo diversos pontos de vista. Dessa reformulação, duas características se revelaram fecundas: o simbolismo e a subjetividade, aspectos que marcam a concepção de paisagem dentro da geografia cultural e humanista.

Foram as transformações científicas e culturais ocorridas na década de 1970, que revelaram novas ideias dentro da geografia, à medida que esta ciência incorpora novas correntes filosóficas como descreve Claval (2012):

As atitudes se modificaram no decorrer da década de 1970. O impacto das filosofias fenomenológicas influenciou-as significativamente: o mundo que o indivíduo percebe jamais é objetivamente dado. É preciso fazer um esforço para retornar às sensações e desconstruir aquilo que nossa educação nos ensinou; então, e só então, é possível, por meio de uma descrição crítica e minuciosa das sensações, compreender as coisas como elas são e penetrar na sua verdadeira natureza. (CLAVAL, 2012 p. 262/263).

Essas atitudes, esses valores, advindos da fenomenologia influenciaram de forma direta os novos estudos e as reformulações da geografia cultural e humanista, sobretudo no estudo de seus temas, neste caso a paisagem. Os teóricos influenciados por essas questões buscaram entender valores, atitudes e comportamentos humanos, como fatores que favorecem a transformação das paisagens, surgindo novas definições, novos campos a serem estudados. Mas, principalmente a confirmação da cultura, como sendo o elo entre o homem e o ambiente.

A noção da cultura como elemento primordial entre o homem e o meio, é confirmada por Claval (2007):

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos. Ela constitui desta maneira

um documento-chave para compreender as culturas, o único que subsiste frequentemente para as sociedades do passado. (CLAVAL, 2007 p. 14).

A cultura se confirma como elemento transformador das paisagens, estas revelam de fato aspectos da cultura de determinado povo, as paisagens são constituídas de elementos materiais e imateriais, visíveis e invisíveis, novos e antigos, concretos e simbólicos, que foram reunidos e utilizados em tempos distintos. A paisagem não pode mais ser vista apenas como um quadro sem significados e é nesse sentido que a cultura surge como elemento ímpar. Não podemos mais conceber a paisagem sem entender que a cultura é um fator essencial para a compreensão das paisagens humanizadas, estabelecendo a ideia na qual, toda paisagem é uma paisagem cultural.

Essa noção que toda paisagem geográfica é uma paisagem cultural, é confirmada por Wagner e Mikesell (2007): “Então, a paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área [...]” (WAGNER e MIKESELL, 2007 p. 36). Para os autores, o conteúdo geográfico é formado por artefatos e símbolos que estão presentes na paisagem, esses símbolos possuem aspectos e representam um determinado grupo, são únicos, ou seja, o conteúdo geográfico é expressado na paisagem, nesse caso uma paisagem cultural.

Em vista disso, cada paisagem é formada por simbolismo. As paisagens urbanas segundo Cosgrove (2012) são repletas de imagens que possuem significados simbólicos, sejam aspectos visíveis ou invisíveis, dispostos nos diversos espaços que compreendem a cidade, conforme sua descrição:

Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são produtos da apropriação e da transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens elaboradas – a cidade, o parque e o jardim – e por meio da representação da paisagem na pintura, na poesia e em outras artes. (COSGROVE, 2012 p. 228)

As formas e as estruturas dos monumentos, dos logradouros, das construções, juntamente com os valores e as atitudes que compõem o comportamento dos habitantes de uma cidade, formam paisagens repletas de ideologias e de paixões ligadas às questões morais, religiosas e políticas. Nenhum elemento está livre de um valor simbólico, o símbolo está carregado de valores que constroem uma linguagem, dessa forma, cada grupo ou indivíduo compartilha sentimentos perante os artefatos que compõem uma paisagem.

A simbologia presente nas paisagens geralmente é carregada de afetividade. Claval (2012) destaca que o sentimento que as pessoas nutrem pelos espaços e pelos artefatos transformam monumentos, praças e outros logradouros em locais de veneração, revelando assim uma simbologia que busca sempre a valorização da paisagem.

O valor simbólico presente nas paisagens está atrelado diretamente à forma de ver e interpretar cada paisagem, pois como assinala Gandy (2004), a arte, a literatura e a religião influenciam na concepção e na interpretação da paisagem, as vezes esses campos criam a ideia da visão harmônica, idealizada na noção de uma paisagem sem conflitos, ou seja, paisagem sublime. As paixões e as venerações deixam escapar elementos que expressam a dominação e o poder simbolicamente representados e presentes nas paisagens.

Os símbolos são construídos a partir de valores, esses estão ligados a questões subjetivas, desse modo, a subjetividade se torna importante para a interpretação da paisagem. A subjetividade deve estar pautada na interdisciplinaridade principalmente com a arte, a antropologia, a crítica literária e a psicologia; o diálogo entre esses saberes favorece uma nova idealização de paisagem para o geógrafo. Um exemplo, de acordo com Duncan (2004) é compreender ou interpretar a paisagem como um texto, que está repleto de símbolos, nesse caso, as figuras de linguagem, compreendendo dessa forma as mensagens que estão por trás dessa simbologia, nesse aspecto a cultura é extremamente importante, por expressar hábitos, práticas coletivas e individuais, esses hábitos e práticas estão impregnados de alusões alegóricas com variados significados que não devem ser ignorados na leitura da paisagem.

Alguns geógrafos segundo Duncan (2004) estão preocupados na objetificação da paisagem, ou seja, a paisagem como veículo concreto gradual de persuasão, funcionando por meio de suas formas, impondo mecanismos de poder e dominação, a paisagem concreta e visível, aspectos ligados a questão estrutural. Outro grupo busca a representação, ou seja, a forma como a paisagem é expressa e está repleta de simbologia e subjetividade, uma linguagem que requer um novo olhar para interpretá-la, um adentrar diante de aspectos antropológicos e psicológicos, elementos que compõem e demonstram o sistema cultural que forma a paisagem.

A interpretação subjetiva da paisagem, segundo Duncan (2004) revela que a mesma é formada por um sistema de signos, e está atrelada sobre três linhas de investigação: relato de quem está inserido na paisagem, relato de quem não está inserido na paisagem e a interpretação do geógrafo quanto ao conjunto desses signos. Por isso, a interpretação da

paisagem é uma prática que não está ligada apenas ao pesquisador, mas deve envolver também os sujeitos presentes ou não na paisagem. Quanto ao conjunto de signos, refere-se aos elementos que formam a paisagem, que não estão isolados e nem podem ser vistos isoladamente.

A subjetividade que discutimos já estava presente nas bases da geografia humanista. Segundo Holzer (2016) nas obras de David Lowenthal já se discutiam as questões subjetivas, relacionadas ao meio em que vivemos, Lowenthal seguia os passos de Wright, este, destacava que a subjetividade não é a antítese da objetividade, ela é: “Uma disposição mental de conceber as coisas referindo-se a alguém – ou seja, como aparecem a um indivíduo pessoalmente, ou tal como afetam ou possam ser afetadas por interesses e desejos pessoais de alguém.” (WRIGHT, 1947 apud HOLZER 2016, p. 51/52). Ou seja, as experiências e as referências que temos do ambiente ligadas ao nosso comportamento formam as ideias que construímos do mundo. Essas ideias são pessoais, princípio da subjetividade.

Desse modo Lowenthal concebia a ideia de que todo conhecimento que temos do mundo também é concebido de forma subjetiva, percebemos o que vemos e sentimos, ao mesmo tempo construímos um meio ambiente pessoal e único, a partir de nossas experiências e vivências pessoais: “Cada imagem e ideia acerca do mundo é composta, então da experiência pessoal, do aprendizado, da imaginação e da memória”. (LOWENTHAL, 1961a apud HOLZER, 2016 p. 61). A princípio, a imaginação e a memória são essenciais para a construção de símbolos e signos, porém, as mesmas, só serão formadas por meio das experiências e vivências.

Segundo Holzer (2008), as ideias de Lowenthal focavam sobre a crítica, na qual a geografia não dava o devido valor ao mundo pessoal apreendido; assim como não era observada a forma como as paisagens eram modeladas e construídas, para ele, o meio deveria ser geografado, ou seja, experimentado, apreendido e vivido, esses aspectos estão presentes nos estudos que Lowenthal desenvolveu, principalmente sobre as paisagens inglesas. Suas ideias reforçavam o entendimento que cada elemento recebe uma carga subjetiva, principalmente os elementos do passado presentes nas paisagens, refletindo na imaginação, concebendo um valor pessoal sobre a paisagem.

Outro geógrafo humanista que expressa em sua obra a subjetividade é Eric Dardel, segundo Holzer (2016), o conceito de geograficidade, construído por Dardel, ressalta a divergência da geografia puramente objetiva para uma geografia com bases subjetivas. O teor

da subjetividade presente no conceito de geograficidade é visto claramente na sua concepção de paisagem:

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue. (DARDEL, 2011 p. 31)

Essa relação afetiva chamada de geograficidade original representa o quanto estamos envolvidos nas paisagens, pois a paisagem é o meio no qual realizamos nosso cotidiano. Sentimos e experimentamos a paisagem, formamos concepções sobre ela, construímos afeição, essas sensações são puramente subjetivas. Esses valores são construídos por meio da geograficidade.

A interpretação subjetiva ou intersubjetiva torna-se evidente e discutida principalmente nas ideias de Augustin Berque (2012), o extenso estudo sobre a paisagem elaborado por Berque reforça as questões subjetivas, ou seja, a interrelação entre o sujeito e objeto, ou melhor, sociedade e natureza. Na construção de sua concepção de paisagem-marca e paisagem-matriz, o autor formula um conceito essencial a sua proposta, a trajeção.

Conforme Holzer (2004b) a concepção de trajeção, possui fundamentos no conceito de geograficidade, pois a trajeção é o processo que possibilita a geograficidade, haja vista, que este conceito está relacionado entre a ligação original do homem com a terra. Dessa forma, a interpretação da paisagem através de aspectos subjetivos e intersubjetivos perpassa pela trajeção.

A trajeção é a relação intrínseca entre o sujeito e o objeto, construída constantemente, Segundo Berque (2012) sujeito e objeto são plurimodal (passivo-ativo-potencial), ambos possuem as mesmas cargas determinantes e estão co-integrados exclusivamente pela cultura. A trajeção se revela na paisagem, assim devemos compreendê-la como: marca e matriz, Berque (2012) descreve o seguinte:

É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado, ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política etc.; e, por outro, ela é matriz, ou seja, determina, em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética, essa moral, essa política, etc. (BERQUE, 2012 p. 240)

Diante disso, a paisagem está tomada de elementos que expressam um papel perpétuo e simultâneo de marca e de matriz. Como marca ela é descritiva e inventariada; possui a relação forma, função e estrutura. Como matriz, a paisagem é apreendida pela consciência, está carregada de valores, que julgam essa paisagem, tendo como base a estética gerada por uma política. Em contrapartida, a própria paisagem é a base que gera todos os valores que a cercam, relação somente compreendida por meio da trajetória.

A sociedade por meio da cultura imprime sua marca, ou seja, produz sua paisagem. E, é por meio da paisagem que surge a concepção da ação, que canaliza a interrelação sociedade e meio, ou seja, a cultura se define como uma matriz. O conceito de Berque (2012) sobre a paisagem aponta novos rumos sobre o tema, principalmente por expressar a interrelação sociedade e ambiente, o que representa a consolidação do estudo da paisagem, pautado na subjetividade, cuja base é a fenomenologia.

Fica evidente que a compreensão da Paisagem do Medo perpassa pelo entendimento das características discutidas nesse item, os elementos presentes na paisagem e a interrelação entre ela e o sujeito são fundamentais para a definição da Paisagem do Medo. As características, a classificação e as distintas formas de conceber uma Paisagem do Medo, fazem parte da obra: “Paisagens do Medo”, do geógrafo sino-americano Yi-fu Tuan, publicada originalmente em inglês no ano de 1979, traduzida e publicada no Brasil em 2005. É uma obra que traz em seus diversos exemplos, a interrelação homem e meio na formação de sentimentos, nesse caso, o medo diante dos ambientes.

Nela o autor desenvolve sua concepção acerca das “Paisagens do Medo”, segundo ele, são inúmeras e para classificá-las utiliza as atitudes, os valores e o lado comportamental que temos perante o meio, estabelecendo a percepção como ponto chave na formação dessas paisagens. Vejamos sua definição:

Paisagens do medo diz respeito tanto aos estados psicológicos como ao meio ambiente real. [...] São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma toda construção humana – mental ou material – é componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos. (TUAN 2005, p. 12).

Na definição apresentada, são destacados alguns aspectos sobre as paisagens do medo, por exemplo, elas estão ligadas aos aspectos naturais e humanos; são quase infinitas, pois estão subordinadas a ordem e a desordem; são construções materiais e mentais presentes no

sentido de controle. Dois pontos são relevantes sobre as paisagens do medo: primeiro, elas são fundamentalmente construídas a partir da percepção; segundo, elas representam uma forma de controle.

Essas paisagens estão em todos os lugares, são compostas de elementos subjetivos e objetivos, como destaca Tuan (2005), a paisagem pode ser formada de elementos psicológicos, mas também reais, podemos ter medo de uma bruxa, de um espírito maligno, de um ente lendário, mas também temos medo de furacões, das grandes ondas do mar, de cadáveres, de hospitais, de cemitérios, de ladrões; inúmeros são os elementos que formam essas paisagens.

Segundo Tuan (2005), as paisagens são construídas para controle moral e social, seja uma construção proposital, geralmente realizada pelo Estado para o controle coletivo; ou uma construção pessoal, de certa forma, também controla o comportamento individual.

O aspecto relevante nessas paisagens é o elemento medo, este não só é o elemento formador, como também alimenta e define a paisagem, evidenciando uma espécie de trajeção entre o medo e a paisagem, uma interrelação: o meio produzindo o medo e o medo transformando o meio, ou seja, paisagem e medo co-integrados. Diante do medo que sentimos, procuramos mecanismos para conviver com esse sentimento perante as paisagens.

Nos estudos de Tuan (2005) sobre paisagens do medo, ele as classifica em distintos espaços, as paisagens rurais (o campo) e as paisagens urbanas (a cidade); em diferentes períodos como, por exemplo, as paisagens da Idade Média, do período renascentista e também contemporâneo; paisagens formadas em diferentes espaços terrestres, como a zona equatorial e o polo norte. Cada uma dessas classificações possibilita diferentes formas de estudar esses tipos de paisagens, optamos em nos direcionar especificamente a um tipo de paisagem, aquelas existentes nos ambientes urbanos, e, exclusivamente são formadas pelo medo da criminalidade e da violência.

Dentro da cidade, o autor classifica as paisagens formadas pelo medo sobre dois aspectos: o medo do ambiente físico e o medo que o habitante tem uns dos outros. Sobre o ambiente físico ele exemplifica o medo do trânsito, do incêndio, do desabamento e dos ruídos; segundo ele, aspectos comuns nas cidades, também relacionados com os moradores e contribuem para a formação de paisagens do medo.

Entretanto, nosso estudo se volta especificamente para o medo que os habitantes compartilham entre si, ou seja, o medo do outro. Esse tipo de medo está ligado principalmente aos atos da criminalidade, dos quais os habitantes da cidade, em sua maioria são vítimas, estabelecendo uma ambivalência entre confiar e ter medo uns dos outros. Tuan (2005) ressalta que a cidade é constituída de pessoas heterogêneas, seria essa ambivalência que geralmente resulta em conflitos, vejamos sua descrição:

De uma perspectiva aristotélica e sociológica, a cidade não são **paus** e **pedras**, mas uma complexa sociedade de pessoas heterogêneas vivendo perto uma das outras. Idealmente, pessoas de diferentes procedências habitam em harmonia e usam seus diferentes dons para criar um mundo comum. [...] Porém, a heterogeneidade é também uma condição que incentiva o conflito. (TUAN, 2005 p. 251 grifo do autor)

Portanto, os habitantes das cidades compartilham ambientes e buscam viver em harmonia, embora a desconfiança seja um fator propício a desarmonia, estando atrelada as diferenças, isso favorece a possibilidade dos conflitos. Entre os conflitos existentes na cidade, os atos violentos são atualmente apontados como exemplos concretos do caos vivenciados pelos seus habitantes. Esses atos violentos marcam os espaços e constroem um mosaico de paisagens seguras e inseguras que permeiam a memória dos moradores, no qual o elemento principal é o próprio habitante. Conforme Bauman (2009), podemos afirmar que confiar ou ter medo na cidade é na verdade confiar ou ter medo dos seus habitantes.

Conseqüentemente, os habitantes compartilham o medo entre si, principalmente do que o outro pode fazer, seja sozinho ou em grupo, esse medo é o elemento que forma os tipos de paisagens que estamos estudando, ou seja, paisagens ligadas à criminalidade, por exemplos, roubos, estupros, latrocínios e homicídios.

Contudo, para uma melhor compreensão da formação dessas paisagens, se faz necessário uma discussão acerca dos conceitos e dos aspectos que envolvem a violência, a criminalidade e o medo, assuntos do próximo capítulo.

CAPÍTULO II - A VIOLÊNCIA E A CRIMINALIDADE URBANA: ASPECTOS E FATORES QUE CONTRIBUEM NA FORMAÇÃO DA PAISAGEM DO MEDO.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas – ONU, sobre as Perspectivas da urbanização mundial, publicado em 2014, mais da metade da população mundial vivem em cidades, esse fato reflete a ideia da vontade humana de viver no ambiente urbano, buscando de certa forma, realizar aspirações diversas. Segundo Tuan (2005), a cidade foi constituída pelo anseio humano de um ambiente de ordem física harmonioso. Tuan (2012) acrescenta que as cidades mais antigas surgiram como centro de ritual religioso, almejava-se com isso a continuidade de uma ordem do cosmo, para os frágeis habitantes, ou seja, a cidade se apresentou como uma busca de um modelo de vida agradável, segura e tranquila, mas, o autor destaca que esse ideal durou pouco, pois desde a antiguidade aos dias atuais, viver nas cidades pode não ser agradável a todos.

Os atos violentos ligados a criminalidades evidenciam muito bem a violência presente nas cidades, esses atos fazem parte do cotidiano urbano, dependendo da cidade em maior ou menor proporção. Geralmente os atos que envolvem as relações interpessoais, segundo as normas jurídicas brasileiras são legalmente considerados como crimes, entre eles, podemos citar: sequestros, estupro, roubos, furtos, latrocínios e homicídios, aos quais os habitantes das cidades estão vulneráveis. Precisamente, são acontecimentos que quebram o ideal harmônico de uma cidade segura e tranquila, conforme a representação dos estudantes, esses crimes causam medo e insegurança.

As paisagens do medo apresentadas no terceiro capítulo refletem o medo que os estudantes sentem em relação à criminalidade e a violência, por isso, estritamente iremos nos direcionar a esse tipo de paisagem. Portanto, este capítulo trata exclusivamente desse tema, ou seja, a questão da violência e dos crimes com os quais os moradores geralmente experimentam excessiva violência. Assim procuramos esclarecer alguns pontos importantes sobre o conceito de violência, sua classificação; em seguida abordar aspectos da violência da criminalidade urbana que alimentam o medo e formam as Paisagens do Medo.

2.1 A definição de violência e alguns aspectos

Etimologicamente a palavra Violência é de origem latina, segundo Japiassú e Marcondes (2006) ela é derivada do termo *violentia*, que se refere à *violare*, ou seja, violar, no sentido de um ato exercido contra um obstáculo, está ligado ao comportamento humano, é um tema que abrange a princípio às discussões filosóficas, pois a construção do senso comum, assim como o sentido jurídico fundamentam-se na moral e nos costumes, ou seja, no certo e no errado, no bem e no mal.

Sobre a definição de violência, percebemos que não se trata de algo novo e tão somente da sociedade atual, a violência acompanha a construção da vida coletiva nas diversas sociedades existentes em tempos distintos. Segundo Levisky (2010), definir ou conceituar violência não é tão simples, pois o termo é carregado de sentimentos diversos que são diferentes entre culturas, vejamos sua descrição:

A violência não é um estigma da sociedade contemporânea. Ela acompanha o homem desde tempos imemoriais, mas, a cada tempo, ela se manifesta de formas e em circunstâncias diferentes. Não há quem não identifique uma ação ou situação violenta, porém conceituar violência é muito difícil visto que a ação geradora ou sentimento relativo à violência pode ter significados múltiplos e diferentes dependentes da cultura, momento e condições nas quais elas ocorrem. (LEVISKY, 2010 p. 6)

O autor nos confirma que ao tratarmos de Violência, não podemos entendê-la como um problema que aflige apenas a sociedade atual, a Violência está presente na trajetória humana na superfície terrestre, em tempos e sociedades distintas. Assim, definir o que é violência não é uma tarefa fácil, principalmente pela diferença dos aspectos socioculturais de cada povo em períodos diferentes. Para contribuir com essa ideia descrevemos a seguir as observações de Chauí (2012) acerca da definição de violência:

Evidentemente as várias culturas e sociedades não definiram nem definem a violência da mesma maneira, ao contrário, dão-lhe conteúdos diferentes, segundo os tempos e os lugares, de tal maneira que o que uma cultura ou uma sociedade julgam violento pode não ser avaliado assim por uma outra. (CHAUÍ, 2012 p. 382)

Logo, o conteúdo cultural que cada sociedade constrói ou construiu é o princípio para um melhor entendimento sobre a definição da violência. Esse conteúdo está constituído de uma variedade de outros termos, que geralmente são utilizados como sinônimos de Violência. Segundo Arendt (2018), para que se possa definir claramente o que é violência, é preciso entender primeiramente definições de palavras-chave como: Poder, Vigor, Força e

Autoridade, pois estas se referem a fenômenos distintos, porém possuem ligações com a Violência.

Todas essas palavras, de acordo com Arendt (2018) possuem relações, pois estão atreladas a Violência, ou cotidianamente são usadas como sinônimos. Começaremos pela Força, conforme a autora, a palavra Força deve ser utilizada às questões naturais, especificamente nas situações que envolvam os movimentos físicos, ou seja, uma onda, o vento, uma avalanche ou um ataque de um animal feroz, estes, possuem forças destruídas, mas não são violentas, como geralmente assim se atribui.

Essa noção é reforçada por Leivas (2014), a força é um fator inerente aos movimentos físicos ou as forças naturais, que geralmente causam danos:

A força usada pelo leão e a força dos ventos podem ser compreendidas dentro do conjunto de forças em atividades no mundo natural, sendo inapropriado, exceto como figuras de linguagem ou metáforas, referir-se a ataques violentos de animais ferozes, ou qualificar tempestades e furacões como fenômenos naturais violentos. (LEIVAS, 2014 p. 585)

Precisamos entender que alguns discursos ou falas referentes aos fenômenos físicos são metáforas, pois a palavra força está ligada diretamente as questões naturais. Para as ações humanas, a força deve ser entendida como Potência, capacidade humana, que dada à intensidade e intenção se manifesta em ação violenta. O ser humano dispõe, por exemplo, da sua intenção para utilizar as forças naturais, como instrumentos na prática da violência. Leivas (2014) cita a utilização da bomba atômica e o gás mortal como exemplos contemporâneos de como controlar as forças naturais por meio de tecnologias, para servirem como ferramentas em ações violentas. Nesse caso, a força antecede a violência e em outros casos serve como propulsora da mesma, mas não são sinônimos.

Quando se trata do ser humano Arendt (2018), orienta que a melhor utilização seria a palavra Vigor, mais aceitável do que força, o termo vigor designa propriedade inerente a uma pessoa, utilizado essencialmente nas relações com objetos e com outras pessoas e que dependendo da intensidade aplicada e da intenção resulta em violência; essa intensidade e intencionalidade são compostas de racionalidade ou passionalidade. Essas propriedades são inexistentes quando usamos a palavra força, pois os fenômenos naturais não são dotados de intenção.

A definição de Poder é comumente confundida com violência. Arendt (2018) explica que muito embora o poder seja usado como sinônimo de violência são termos distintos, em seu entendimento, o Poder é uma habilidade humana, mas não é individual, ele só existe em si, se estiver relacionado a um grupo, o poder é dado a determinada pessoa, cuja característica é a autoridade e esta é relacionada com a hierarquia, cujo elemento para mantê-la é o respeito pela pessoa ou pelo cargo. Assim, o poder é exercido pela representatividade que a pessoa e o cargo possuem, quando essa característica deixa de existir, o Poder desaparece e a autoridade também, abrindo espaço para o autoritarismo e para a violência.

Para Leivas (2014) o Poder é exercido por um chefe de uma instituição, que possui autoridade para exercer tal cargo, o autor salienta que geralmente é o poder que alimenta a potência para a prática de atos violentos. Por isso, poder e violência estão sempre próximos, ficando evidente que o Poder em muitos casos é a prerrogativa ou o princípio para se praticar a violência, seja praticada por um chefe de estado, um pai de família, um diretor de uma empresa, um líder de um grupo criminoso, entre outros. E quanto aos casos de violência praticados por indivíduos de forma isolada? Baseado nas ideias de Arendt (2018), podemos determinar que é o Vigor que alimenta o indivíduo para a prática da Violência.

Segundo Arendt (2018) o poder deveria ser o meio para barrar a violência, no entanto, ele pode existir disfarçado de autoritarismo, alimentando a violência latente, estrutural ou subjetiva, sustentando as bases de um Estado ou qualquer outra organização, por exemplo, a família. A autora destaca que quando a violência toma forma concreta e visível, o poder e a autoridade são suplantados, seja qual for a organização, Estado-Nação, empresa ou família.

Além das palavras força, poder, vigor e autoridade, Leivas (2014) acrescenta outro termo comumente confundido com violência, a Agressividade, para o autor além de força e poder, a agressividade geralmente é sinônimo de violência, quando de certa forma, a agressividade pode ser até certo ponto, um elemento da violência.

A agressão decisivamente não é uma forma de violência. A violência pode manifestar-se agressiva, mas não é necessariamente, e agressão expressar-se de forma violenta, mas não necessariamente. O conhecimento da causa ou a natureza da agressão é fundamental na diferenciação comparativa dos dois termos. (LEIVAS, 2014 p. 584)

É óbvio que no cotidiano violento, a distinção entre agressividade e violência é quase impossível. Mas o autor esclarece alguns pontos, como por exemplo, os atos violentos geralmente possuem agressividades, pelo fato de serem praticados por humanos, estes

instintivamente são agressivos, em muitos casos tomados pelas paixões e despidos da razão, por isso, adentram ao campo da agressividade, situação que para Leivas (2014) deveria acontecer apenas com as outras espécies, pois estas não tem a capacidade de racionalizar as consequências de seus atos.

Dessa forma, poderíamos dizer que o ataque de um leão é agressivo, mas não é violento, pois não há racionalidade na ação do animal. Porém, o ser humano quando age de forma agressiva, geralmente está tomado de paixões (ódio, ira, prazer e amor), nesse caso, perante os nossos costumes é um ato de agressividade e juridicamente é uma ação violenta. Logo, a agressividade humana é violenta, pois as ações humanas deveriam ser racionais.

As definições dos termos (poder, vigor, força, potência, autoridade e agressividade), nos fornecem a ideia de que os mesmos possuem relação direta com a violência. Desse modo, o que os distingue da violência? Para Arendt (2018) esses termos irão se distinguir de violência, pelo caráter instrumental que esta possui:

Finalmente, a violência, como eu disse, distingue-se por seu caráter instrumental. Fenomenologicamente, ela está próxima do vigor, posto que os implementos da violência, como todas as outras ferramentas, são planejados e usados com o propósito de multiplicar o vigor natural até que, em seu último estágio de desenvolvimento, possam substituí-lo. (ARENDR, 2018 p. 63)

A Violência é um instrumento, com o objetivo de promover danos, imbuído na busca de um resultado, possuindo todo um conjunto de instrumentos que visam essencialmente o caos, assim ela sempre estará próxima ou acompanhada de um dos termos apresentados.

Devido o seu caráter instrumental de causar dano intencional, seja pela ação como pela omissão, afirmamos que a violência é um fenômeno estritamente humano. Essa afirmativa é reforçada por Leivas (2014), o mesmo esclarece que os fatores socioculturais, as práticas e as relações cotidianas alimentam e resultam num fenômeno, que é exclusivamente humano, a violência:

Esclarecemos agora que, na medida que definimos a violência como um dano ou prejuízo voluntário ou intencional que um ser humano ou grupo de humanos pratica em outro ser ou grupo de sua espécie – a violência, praticada direta ou indiretamente, pode estar relacionada a um agente individual ou coletivo -, pretendemos com isso que apenas os humanos são capazes de praticar atos violentos. (LEIVAS, 2014 p. 584)

Logo, somente o ser humano individual ou coletivamente é capaz de elaborar, calcular, mediar e atuar em ações; concomitantemente este também produz, reproduz,

manipula e utiliza instrumentos capazes de causar danos físicos e psicológicos aos seus semelhantes e também a outras espécies.

Arendt (2018), Bauman (2009), Leivas (2014) e Tuan (2005) destacam que a violência sempre esteve presente na trajetória histórica da humanidade, em todos os períodos ocorreram eventos marcantes para exemplificar essa evidência. Em nosso tempo, os autores mencionam as atrocidades da segunda grande guerra, como exemplo da intencionalidade que compõe a violência.

Assim, entendemos a violência como um fenômeno humano, que possui caráter instrumental, cujo objetivo é causar danos. Dessa forma, buscamos uma definição que se aproximasse dessa ideia, para tanto temos:

Fundamentalmente, a violência é percebida como exercício da força física e do constrangimento psíquico para obrigar alguém a agir de modo contrário à sua natureza e ao seu ser ou contra sua vontade. Por meio da força e da coação psíquica, obriga-se alguém a fazer algo contrário a si, aos seus interesses e desejos, ao seu corpo e à sua consciência, causando-lhe danos profundos irreparáveis, como a morte, a loucura, a autoagressão ou a agressão aos outros. (CHAUÍ, 2012 p. 383)

Essa definição confirma a ideia pela qual estamos tratando de um fenômeno, pontua aspectos como as ações e omissões e destaca a noção de violação, resultando em danos. Para a autora, a violência é resultante de uma estrutura e em cada cultura é estabelecida por uma conjuntura. Assim podemos classificar a violência como estrutural e conjuntural.

Para Burke (2002) a estrutura sociocultural de cada sociedade é constituída também pela violência, ou seja, está presente na maneira como cada sociedade se organiza e forma seus comportamentos. Nesse sentido entendemos que a violência é estabelecida por um agente constituído, segundo convicções ideológicas, práticas políticas, econômicas e religiosas, fatores que sustentam, por exemplo, um Estado, uma família, uma organização econômica ou religiosa. A violência estrutural vai se perpetuando ao longo da história, aliada geralmente ao senso de justiça.

Burke (2002) esclarece que a violência estrutural, pode ser vista como endêmica, ou seja, é inata à espécie e a cultura humana, não há como extingui-la. Para Leivas (2014), a violência estrutural é vista como violência política, para o autor, ela tem caráter coletivo, ainda que praticada por um indivíduo, ele age em nome de um grupo. Ela também está relacionada às ideologias, aos tratados e as teorias que alimentam os atos violentos. O autor coloca como exemplo a teoria da guerra justa, geralmente utilizada nas relações

internacionais, esta face da violência é sempre acompanhada de argumentos pautados na ética e em muitos casos resultam no que ele chama de contraviolência, o que seria uma segunda Violência, justificada pela prática da primeira, outro exemplo é a Violência praticada contra o Estado ou contra as ações de agentes do Estado. Esses exemplos confirmam que a violência estrutural é a violência das instituições, ou seja, é a violência institucionalizada.

Quanto à violência conjuntural, ela está diretamente ligada à violência estrutural, toda conjuntura é desencadeada por uma estrutura. Para Burke (2002) a violência conjuntural é epidêmica, ou seja, está atrelada a uma área e a um determinado período, que está relacionada a elementos da conjuntura política, econômica e social de cada lugar. Podemos ter como exemplo, às conjunturas jurídicas formadas em diferentes épocas, estas estabelecem quais atos serão considerados crimes e será a incidência numerosa desses crimes que servirão de base para classificarmos a Violência como epidêmica.

Existe uma estrutura aliada a uma conjuntura que estabelece em cada lugar e momento a violência epidêmica, ou seja, são os valores e os costumes que constituem as relações cotidianas, juntamente com as práticas jurídicas que desencadeiam e definem os atos violentos. Nesse caso, a violência não pode, segundo Chauí (2012) ser analisada sem que os valores éticos e culturais estejam presentes:

Quando uma cultura e uma sociedade definem o que entendem por mal, crime e vício, definem aquilo que julgam violência contra um indivíduo ou contra o grupo. Simultaneamente, erguem os valores positivos – o bem, o mérito e a virtude – como barreiras éticas contra a violência. (CHAUÍ, 2012 p. 383)

Os valores que cada sociedade constrói e compartilha historicamente definem os atos que ferem a moral e a dignidade de uma pessoa ou de um grupo, estes são vistos costumeiramente como imoral e tipificados legalmente como crimes, evidenciando culturalmente o que é certo ou errado, seja pelos costumes ou pelas normas juridicamente impostas. Logo, cada sociedade estabelece sua definição de violência ligada a sua estrutura e conjuntura. Vejamos a ideia de Chauí (2012), dentro do contexto cultural brasileiro:

Em nossa cultura, a violência é entendida como violação da integridade física e psíquica de alguém, da sua dignidade humana. Eis por que o assassinato, a tortura, a injustiça, a mentira, o estupro, a calúnia, a má fé, o roubo são considerados violência, imoralidade e crime. [...] a profanação das coisas sagradas, como a invasão e roubo de igrejas, templos, sinagogas; destruição de textos, imagens e símbolos religiosos; invasão e destruição de túmulos. [...] é violência à discriminação social e política de pessoas por suas condições étnicas, crenças religiosas, convicções políticas e preferências sexuais, seja por meio de prisão, tortura e morte. (CHAUÍ, 2012 p. 383)

As práticas que trazem danos à dignidade humana e ao patrimônio serão considerados como atos violentos, são inúmeras essas ações, porém nem todas são tipificadas como crimes. Certamente, a violência abrange um universo de ações humanas, que figuram em cada cultura como ação violenta, confirmando a violência como um fenômeno. O contexto brasileiro citado anteriormente é sem dúvida encontrando em outras sociedades.

Dentre as ações violentas apresentadas, o homicídio, o roubo e o estupro, são crimes destacados pelos estudantes em suas paisagens, essas ações, segundo as normas jurídicas, especificamente a lei penal, são tipificados como crimes e fazem parte da chamada violência epidêmica. É a generalização corriqueira da prática desses crimes que denominamos de criminalidade. Consideramos a violência urbana epidêmica, à medida que assola as cidades em tempos diferentes, com variação de incidência; ela não acontece uniformemente dentro do espaço urbano e pode ser controlada por meio de ações.

Entendemos a criminalidade como o estado exacerbado da prática de atos imputados pelas normas jurídicas como crimes, é a generalização de crimes que acontecem a todo o momento, em diferentes formas e contexto. A criminalidade tem como fonte o crime. Segundo Felix (2002), no senso comum o crime está associado ao assassinato, isto acontece principalmente porque a literatura enfatiza muito esse tipo de crime, além dele ser um ato imoral que ceifa a vida. No entanto, a criminalidade não abarca apenas o homicídio, mas sim um conjunto de crimes praticados por indivíduos que agem sozinhos ou em grupos.

Segundo Kill (2007) o crime está ligado à conduta humana que lesa ou expõe um bem jurídico protegido, por exemplo, a vida ou o patrimônio. Portanto, a criminalidade que integra a violência urbana é a prática excessiva de crimes contra a vida, a integridade física e o patrimônio. Destacamos principalmente o homicídio, o furto, o roubo, as lesões corporais, o estupro e o latrocínio, crimes presentes no cotidiano das cidades, praticados nos logradouros públicos, nos meios de transportes, nos centros comerciais, dentro das residências, escolas, empresas, bares, casas de shows e tantos outros ambientes. E são esses crimes que causam a sensação do medo e a insegurança que permeia a vida dos habitantes das cidades.

Entendemos a Violência como um fenômeno oriundo de um contexto estrutural, resultando em ações e omissões, onde boa parte são consideradas crimes e dadas as circunstâncias das ocorrências, designamos de criminalidade.

2.2 Fatores ligados a violência e a criminalidade urbana

A violência e a criminalidade urbana são assuntos discutidos no âmbito acadêmico, na mídia em geral e nas agências governamentais, exclusivamente aquelas que lidam diretamente com a questão da segurança pública. Existe atualmente uma quantidade de dados estatísticos que versam sobre o tema, em qualquer um dos meios citados.

Diante desse aspecto, ao tratarmos desse tema, não enveredamos para o caminho das estatísticas e nem na busca de argumentos que venham justificar ou defender questões que favorecem a violência e a criminalidade nas cidades. Buscamos sim, desmistificar alguns pontos sobre esse assunto, como: a) a ideia da violência e da criminalidade na forma como se apresentam sejam exclusivamente problemas urbanos; b) o entendimento de que a violência e a criminalidade são problemas apenas das cidades contemporâneas; c) a argumentação excessiva que a pobreza e a miséria são os únicos problemas que fomentam esse fenômeno; entre outros.

a) No cotidiano urbano é comum a ideia de que a violência e a criminalidade, tal como a percebemos e a experimentamos, seja um problema vivenciado exclusivamente nas cidades, e que as áreas rurais vivem esse fenômeno de forma diferente, ou o campo é mais seguro e tranquilo que a cidade. Essa é uma questão relevante e que precisa ser analisada sempre quando se tratar desse fenômeno, não podemos generalizar. É preciso que fique esclarecido que a violência, embora seja um fenômeno mundial, ela possui características peculiares ao lugar e ao tempo.

A generalização desse fenômeno tão complexo, geralmente leva ao exagero de se acreditar que a violência e a criminalidade sejam problemas exclusivamente vivido na cidade, e, ainda que o campo tenha seus conflitos, eles são diferentes. Somente estudos aprofundados e específicos irão revelar que tal noção não se aplica em todos os países ou regiões. O primeiro aspecto sobre essa questão é sempre creditar a criminalidade e a violência ao surgimento das cidades.

A princípio, é fato que o desenvolvimento das cidades aumentou o surto violento que muitos lugares vivem, mas precisamos esclarecer que a prática de atos violentos não começou nas cidades. Conforme: Hobsbawm (1976), McNeill (2002) e Tuan (2005), a violência dita urbana, possui suas raízes no campo, ou seja, o ambiente rural é sem dúvida onde está assentado o surgimento da violência e da criminalidade, tal como a vemos hoje se propagar

nas cidades. Aos poucos e ao longo do tempo ela tomou conta da cidade. Tuan (2005) descreve como indivíduos praticavam atos que amedrontavam moradores e viajantes:

Os bandidos perpetravam atrocidades de todo o tipo. Saqueavam a terra, mutilavam ou matavam viajantes, destruíam a safra e o gado daqueles que ofereciam resistência, incendiavam as casas e violavam e matavam os moradores, sequestravam para pedir resgate e profanavam as igrejas. (TUAN, 2005 p. 216)

A prática de atos violentos começou dentro das comunidades camponesas e a violência que vivenciamos hoje em nossas cidades já era praticada nas áreas rurais. A violência, hoje chamada violência urbana têm suas raízes entre os camponeses, os vilões ou bandidos, segundo McNeill (2002) se organizavam geralmente em grupos e estavam sempre à espreita, as margens das estradas e nos arredores de distritos e lugarejos, em que geralmente as vítimas eram os próprios camponeses:

Mas está claro que a sociedade camponesa vivia sob a ameaça de que grupos armados aparecessem subitamente, incendiassem e destruíssem o que não conseguissem pegar e carregar. A autodefesa local era raramente eficaz. A fuga às vezes salvava as vidas, mas era essencial também esconder os estoques de alimentos e sementes para posterior recuperação. (MCNEILL, 2002 p. 13)

De acordo com o autor, os camponeses eram vítimas diretas de grupos ou de indivíduos que praticavam a violência, a vida camponesa não era tão segura como a dos habitantes das primeiras cidades, que geralmente dispunham de muralhas em seus arredores. Assim, os camponeses estavam à mercê desses atos e ataques constantes.

Essa ideia é confirmada por Hobsbawm (1976), segundo o autor, a prática da criminalidade nasce no seio rural, porém geralmente os bandidos, em muitos casos eram vistos como heróis ou vingadores, na medida em que se impetravam em vingança por parte de outros grupos ou contra o Estado. Desse modo, ele destaca dois tipos de bandidos que irão surgir na prática de crimes: os que agiam sozinhos, geralmente por si ou por servir a alguém; os que formavam os chamados bandos, eram bem organizados com lideranças, ligados a uma ideologia, agindo em distritos e lugarejos de jurisdições diferentes, os quais o autor designa como bandidos sociais:

O ponto básico a respeito dos bandidos sociais é que são proscritos rurais, encarados como criminosos pelo senhor e pelo Estado, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, e são considerados por sua gente como heróis, como campeões, vingadores, paladinos da justiça, talvez até mesmo como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e apoiados. (HOBSBAWM, 1976 p. 11)

A organização do crime, ou dos grupos na prática criminosa nasce no seio rural. Organizados, esses grupos agiam de certa forma, fora do seu distrito, em muitos casos, eram vistos como heróis, poderíamos dizer que cada distrito tinha seu grupo e assim, os moradores estavam seguros; boa parte dos grupos não estavam exclusivamente a disposição do distrito e sim, a disposição de quem os apoiassem; por outro lado, os criminosos que agiam sozinhos estavam a crescer dentro das áreas rurais. Tuan (2005) destaca que os camponeses estavam mais temerosos do que os cidadãos dentro de suas muralhas e castelos.

A insegurança nasce no campo, somente depois ela se expande para a cidade, tanto McNeill (2002) como Tuan (2005), destacam que além das pestes, pragas e eventos naturais que assolavam o campo, os camponeses tinham que conviver com a prática constante de roubos, invasões, estupros, incêndios e homicídios; esses eventos eram constantes nas aldeias e nas estradas que as ligavam entre si.

Segundo Tuan (2005) na medida em que as práticas não agrícolas tomavam conta da cidade, as relações culturais se modificavam e os espaços simbólicos perdiam valor (arquitetônico e harmônico), a cidade atraía a população rural para os seus arredores, passando a ser ameaçada constantemente pelo caos e a experimentar a violência cotidianamente: “Durante sua história, a cidade tem sido oprimida pela violência e pela ameaça constante do caos” (TUAN, 2005 p. 251).

Não estamos afirmando que antes do crescimento das cidades não havia violência; o fato é que o controle era mais eficaz e punir quem cometia crimes era mais fácil, servindo como aviso a quem viesse cometer novamente. Foucault (2009) destaca que, entre as punições aplicadas nos vilarejos e cidades, a mais severa era a pena de morte, realizada em público com intuito de inibir o crime; embora o resultado não tenha sido atingido como se esperava, mas em boa parte das cidades e lugarejos serviram para afastar criminosos, ao menos por algum tempo.

No Brasil, Buoro et.al (1999), explica que a violência e a criminalidade também tem raízes no campo, a situação do Brasil como colônia de Portugal favorecia a vinda de pessoas condenadas por diversos crimes nas cidades portuguesas, estas vinham para cumprir suas penas em terras tupiniquins; houveram também os levantes e revoltas no Brasil colônia e imperial, além da formação de grupos armados nas áreas rurais do Brasil. A medida em que as cidades surgiam em meio as revoltas contra impostos, injustiças e os anseios de um país independente, a violência foi sendo também vivida nas cidades, tal como acontecia no campo.

Os grupos que habitavam as cidades brasileiras eram formados pela miscigenação. Os interesses políticos também divergiam entre o grupo dominante, sendo constante a busca do domínio com o uso da violência. A urbanização no Brasil já traz em sua formação as marcas da violência, seja ela estrutural como conjuntural. As cidades brasileiras são exemplos claros das questões que envolvem a violência, a segregação e a discriminação são frutos de um processo de ocupação e exploração dos espaços que começaram no campo e depois chegaram à cidade.

Ao tratarmos da violência e da criminalidade urbana, jamais poderemos nos esquivar de olhar para os seus arredores, ou para a formação de cada cidade. É provável que nessa verificação, encontremos algumas exceções, mas conforme Hobsbawm (1976), em sua vasta pesquisa sobre o banditismo e a criminalidade, sempre haverá uma ligação entre o campo e a cidade. Deixar essa convicção de lado é contribuir para o mito de que só as cidades sofrem com a violência epidêmica que assola o mundo.

b) Para discutirmos sobre a noção que a violência é um problema apenas das cidades contemporâneas, precisamos observar que o processo de urbanização aconteceu de forma diferente nas distintas áreas geográficas, daí a importância das particularidades e especificidades de cada cidade, pois alguns lugares não experimentaram a violência de forma generalizada. Diante disso, nosso discurso está pautado no processo de urbanização ocidental.

A violência já era um problema nas cidades antigas. Tuan (2005) enfatiza que a Idade Antiga, já apresentava cidades com traços de violência, como exemplo ele cita a cidade de Roma, segundo ele, conforme a cidade crescia demograficamente, os seus governantes começaram a ter dificuldades em manter a tranquilidade, aliados a isso, surgem às questões de interesses coletivos, grupos começaram a ser comum na cidade e os conflitos violentos, sejam individuais ou coletivos, tomaram conta de Roma.

As cidades de grandes impérios, ao longo dos tempos, principalmente as mais importantes, poderiam se considerar seguras, mas à medida que a heterogeneidade tomava conta das mesmas, surgiam os levantes, famílias contra famílias, grupos rivais, os vingadores, assassinos, guerreiros, escravos rebelados, ladrões anônimos e salteadores começaram a habitar as cidades e a organização do Estado não conseguia controlar em grande parte esses eventos.

Quando Tuan (2005) nos apresenta uma cidade medieval insegura, por conta de pestes e da Violência, ele nos favorece a ideia de romper com outro mito: as cidades anteriores a Revolução Industrial, eram seguras e tranquilas e não experimentaram ou vivenciaram a violência como nós a vivenciamos hoje. “Mas para as pessoas que viveram nesses tempos, foram muito mais evidentes os acontecimentos de cada mês e de cada ano, que incluíam disputas civis e religiosas, guerras, epidemias e fome” (TUAN, 2005 p. 118). Fatos que esquecemos quando tratamos da violência em nossas cidades atuais.

As guerras civis, os massacres, os estupros, os infanticídios, entre outros; juntamente com o que chamamos de contraviolência, ou seja, a guerra justa ou guerra santa, matar em nome da honra e o direito dos governantes de executar criminosos e opositores, aliados ao tom apocalíptico de cada ano ou décadas, davam as cidades medievais um tom de medo e insegurança. Bauman (2009), embora enfatize a violência nas cidades contemporâneas, ele destaca que o medo e a insegurança era um elemento das cidades medievais, por isso, o fim desse período representava para muitos a liberdade e a segurança, fato que em muitos casos não se concretizou.

Durante toda a Idade Média as cidades, principalmente as europeias, tiveram que conviver com a criminalidade, as punições impostas eram modificadas severamente, indo da crucificação, empalação, esquartejamento, fogueira, até a forca; atos que tinham como finalidade: diminuir a criminalidade nas cidades e no campo. Diante desse aspecto, as cidades viveram a calamidade do crime. Tuan (2005) ressalta que durante toda essa época e também no período renascentista, o crime já tomava grandes proporções em cidades inglesas, italianas e francesas. A insegurança já fazia parte do cotidiano das cidades, o Estado nesse aspecto, se consolidava dando proteção a quem pagasse mais impostos, situação que Burke (2002) descreve como serviço de proteção, ressaltando bem a situação da criminalidade enfrentada pelos habitantes dessas cidades.

Portanto, cabe a nós perguntarmos. Quais são os aspectos que diferem a criminalidade anterior a Idade Contemporânea? Jamais poderemos comparar a violência vivida hoje com a violência de outros tempos, pois os aspectos que as envolvem se expressam distintamente. As questões políticas, econômicas e ideológicas que formam as instâncias jurídicas, a elaborarem os códigos de condutas (códigos penais) são diferentes. Porém, é importante frisar que o ato violento em si não mudou, ou seja, ceifar a vida de outrem, ainda é um assassinato. Outro

aspecto que marca esse fenômeno em tempos distintos é a característica epidêmica, que tomou conta das cidades.

Então, porque se propaga a ideia que as cidades contemporâneas vivem a calamidade da violência diferentes de outras épocas? Tuan (2005) destaca que a nossa percepção da mudança rápida vivida hoje, nos leva a ilusão de que em outras épocas tudo estava estável, isto acontece segundo ele, pelo cronocentrismo, ou seja, estamos sempre voltados ao nosso tempo; aliado a isso, o autor cita a cronomiopia que é a dificuldade de olhar para o passado e buscar entender os acontecimentos e os fatos. Essas dificuldades não permitem olharmos o passado de forma real e sim geralmente com saudosismo.

Outro ponto destacado por Duarte e Nogueira (2018), é uma parcela da mídia moderna, tratar exclusivamente da criminalidade urbana, esse meio de comunicação tem a capacidade de usar ou manipular os atos violentos tornando-os mais evidentes e cruéis, frente à própria realidade; fazendo da criminalidade urbana um ramo mercadológico, onde o fato torna-se mercadoria, alimentando a sensação do medo e da insegurança na população.

Desse modo, os atos violentos são dispersos pelas mídias e abarcados pelas redes sociais, onde muitos habitantes tornam-se repórteres na constante alimentação de uma ambivalência, informar ou propiciar o aumento da sensação do medo. Esse aspecto contribui na formação das paisagens do medo. Alguns estudantes mencionaram os meios de comunicação, como fonte de informações sobre os crimes percebidos nas paisagens por eles representadas.

Os meios de comunicação estão interligados e todas as informações são compartilhadas de forma instantânea, boa parte da população não busca confirmar se as notícias que estão sendo transmitidas são verídicas ou forjadas para criar e aumentar ainda mais a sensação do medo e da insegurança. Poderíamos dizer que a criminalidade e a violência também é um elemento da sociedade do espetáculo, definida por Debord (2003).

Outra questão relevante apontada por McNeill (2002), é o fato de dispormos hoje de dados mais precisos dos crimes que acontecem na cidade, a própria população, ou pelo menos uma parcela, se coloca como denunciante das práticas criminosas, engrossando as estatísticas da criminalidade; a própria linguagem que versa sobre a violência urbana é ainda pautada em números de homicídios, roubos, entre outros; fato não expressivo e contundente em outras épocas, conforme ele cita:

Nosso sentimento de uma onda crescente de violência urbana reflete indiscutivelmente um aumento das expectativas, assim como a existência de estatísticas mais precisas. Na época de Mark Twain, por exemplo, seu relato de bordo dos barcos a vapor do Mississippi mostra que aquilo que acontecia entre os negros não preocupava a polícia, ao mesmo tempo que as autoridades legais toleravam deliberadamente a violência dos brancos contra os negros. (MCNEILL, 2002 p. 12)

Atualmente parte do aparato das forças governamentais de segurança está voltado para computar os crimes praticados, principalmente os mais graves e mais relevantes no cotidiano; a própria Organização Mundial das Nações Unidas –ONU, mantém um observatório para computar índices da criminalidade nas diversas regiões do globo, fato que não existiu em períodos anteriores, visto que esta instituição foi criada em meados do século XX; por outro lado, a mídia não deixa de lado nenhum crime que cause repercussão e aumente a audiência, assim, nossos dias são mais violentos que em qualquer outro tempo. Segundo Bauman (2009) anteriormente, a violência acontecia de forma localizada e isolada, atualmente os crimes alimentam uma rede de informações, contribuindo para o medo global.

Diante das exposições discutidas, é provável surgirem argumentos como: os criminosos de hoje são mais audaciosos, destemidos e sem controles. Esses pontos merecem ser analisados de forma distinta: primeiro a audácia e o encorajamento para praticar o crime sempre foi característica da criminalidade, assim como as habilidades para manipular instrumentos necessários à prática do crime.

Burke (2002) destaca que o bom de punho, foi substituído pelo bom de gatilho, termo comum à habilidade para usar armas, para a defesa ou o ataque, utilizado também no meio do banditismo. De certa forma, os criminosos de hoje, não são os de ontem e os mecanismos e artefatos utilizados para praticar o crime também mudaram em boa parte, por exemplo, a espada e a adaga foram substituídas pelo revólver e a pistola, a fuga a pé ou a cavalo foi substituída por automóveis de duas ou quatro rodas, entre outros. Mas as práticas criminosas ainda estão ligadas aos danos, seja ao patrimônio ou a integridade física.

Por outro lado, as transformações arquitetônicas realizadas nas cidades e nas residências, como os muros com cercas elétricas, câmeras e alarmes, agentes de segurança e a iluminação pública, forçam os atuantes da criminalidade a buscar meios de burlar ou quebrar essas barreiras, a fim de realizarem seus atos. O ato de roubar cavalos e outros animais, assim como relíquias, foi substituído por roubos de automóveis, televisores, computadores e celulares; os assaltos realizados em ônibus e transeuntes, também já eram realizados em

carruagens, caravanas, grupos de pedestres e peregrinos, tanto nas cidades antigas como nas medievais e renascentistas.

Porém, há uma questão importante que envolve a violência atualmente nas cidades. As rotas e os grupos de práticas criminosas se expandiram. Dois aspectos contribuíram para essa questão, primeiro as transformações ligadas ao processo intensificado da urbanização, experimentado após a segunda guerra mundial; aliado ao segundo aspecto, à expansão das redes, principalmente de transportes e comunicações. As redes permitiram o fortalecimento e a expansão do tráfico de armas e de drogas ilegais, ampliando e fortalecendo os grupos envolvidos no crime, surgindo o que chamamos de crime organizado. Portanto, a criminalidade urbana tem em seu cerne, o envolvimento de organizações criminosas ligadas diretamente nos diversos crimes praticados no cotidiano das cidades.

Ao analisarmos a questão da violência e da criminalidade, no sentido de buscar algum fator que diferencie de outros tempos, poderíamos então destacar esses dois exemplos que citamos anteriormente. Mas, não podemos esquecer que tratamos de contextos históricos diferentes. Ressaltamos que um olhar para o passado, deveria ter como principal intuito entender os fatos do presente e não apenas para comparar qual sociedade viveu mais tranquila e segura.

c) A violência e a criminalidade nas cidades geralmente são vistas sob a ótica econômica, por meio das explicações das lutas de classes. As relações de consumo e trabalho na produção do espaço urbano evidenciam a ideia que as questões econômicas são a única fonte da criminalidade e violência urbana. Lefebvre (1991) destaca que a sociedade urbana moderna, está assentada no consumo, ele designa essa sociedade como terrorista e aterrorizada. Essa noção leva geralmente ao entendimento de que a violência seja fruto do capitalismo, regime que atua sobre essa sociedade. Leviski (2010) esclarece que os conflitos violentos do cotidiano são frutos das lutas de classe, ou da busca de adquirir o que não se consegue obter se não pelo trabalho.

Não podemos negar a importância dessa noção para entendermos a violência dentro das cidades, é inviável olhar para a nossa sociedade e não perceber que o capitalismo favorece efeitos em todos os âmbitos, isto por que, trata-se do regime econômico e ideológico que favorece o modelo de vida atual. Porém, esses aspectos sem as devidas observações, ao longo dos anos foi construindo um discurso que tornou-se comum na mídia, nas escolas, nas agências governamentais e até nos centros acadêmicos, a utilização apenas do viés econômico

para justificar a criminalidade que toma conta das cidades. Encontramos em muitos discursos sempre a noção que a pobreza e a miséria são problemas que originam a criminalidade.

Esse discurso, em parte serve para mascarar políticas públicas ineficientes, ele está carregado de preconceitos, com os quais distintas áreas urbanas são classificadas como inseguras e violentas e acima tudo, pobres; além de segregar grupos ditos como perigosos, a partir do lugar onde vivem. Em Manaus, temos exemplos dessa situação, conforme veremos nas paisagens dos estudantes, bairros e zonas são consideradas violentas a partir da generalização da pobreza. Misse (1995) aborda esse assunto expondo que a ideia da pobreza como a única causa da criminalidade urbana é um discurso baseado em comparações estatísticas entre indicadores de pobreza e índices da criminalidade, não há um estudo aprofundado que realmente justifique essa noção, principalmente aqui no Brasil. Segundo o autor, crime não tem classe.

Para Misse (1995), essa tese dá ênfase às ações do sistema policial e judicial, que só prende pobres, deixando criminosos das classes mais elevadas soltos, como se o crime tivesse classe, e nesse caso é exclusivo da classe pobre. Para o autor, dentro desse aspecto o que sobra são poucos pobres honestos e trabalhadores, no mais teremos um bando de criminosos, responsáveis pela criminalidade, desse modo, a polícia já segue um roteiro em busca do típico criminoso, geralmente jovem do sexo masculino, pobre e negro. O que temos de fato são pobres e ricos, onde todos são capazes de praticar crimes, mas há no senso comum a ideia que o crime de rico é diferente do crime de pobre.

Essa ideia é confirmada por Zaluar (2002), ela enfatiza a manipulação das estatísticas, que buscam generalizar a violência como um fenômeno exclusivamente social, cuja criminalidade é culpa dos pobres, para a autora é necessário analisar cada caso, de forma específica e não generalizada, ela apresenta dados de sua pesquisa realizada em um bairro no Rio de Janeiro:

A evolução da pobreza nas últimas décadas não sustenta a tese que explica o aumento da criminalidade pela miséria apenas. O percentual de pobres entre os pobres que optam pela carreira criminosa é baixo: menos de 1% em relação ao total da população de um bairro pobre pesquisado: 380 pessoas pertencentes às quadrilhas de traficantes e aproximadamente 1.200 pessoas envolvidas com roubos e furtos, de uma população calculada em 120 mil pessoas. (ZALUAR, 2002 p. 76)

Essa constatação é importante, pois geralmente a situação da criminalidade nas cidades é vista apenas por meio dos índices de pobreza generalizados, sem levar em

consideração os aspectos reais de cada cidade e bairro. Quando se aplicam estudos em áreas ditas violentas, por causa da pobreza, encontramos a violência instalada, porém, ela não representa o senso comum que a criminalidade é fruto exclusivo da pobreza, o que existe de fato são inúmeras carências institucionais, entre elas políticas públicas voltadas para os jovens, onde alguns sem foco ou perspectivas acabam se envolvendo na criminalidade.

O envolvimento de jovens na criminalidade é outra importante questão dentro dos aspectos da violência urbana, de certa forma, envolvem também ideias deturbadadas quanto aos jovens que estão envolvidos no crime. Em primeiro lugar, muitos desses jovens não são capazes de explicar claramente os fatos que os levaram e os motivos que os mantêm, daí geralmente surge o senso comum novamente, que os mesmos foram levados apenas por motivos econômicos, ou seja, o enriquecimento ilícito, vejamos a descrição:

Embora a maioria de nós deplora a violência urbana e não goste do crime, precisamos nos dar conta de que o recurso à violência armada traz vantagens reais para jovens que têm dificuldades em obter, de outra maneira, papéis adultos satisfatórios na sociedade urbana. Primeiro [...] a violência oferece uma chance de riqueza fácil através do simples roubo, ou mediante arranjos mais complicados para a venda de substâncias ilegais e a coleta de taxas de proteção. (MCNEILL, 2002 p. 22)

Precisamos entender que os jovens envolvidos no crime, ao mesmo tempo em que buscam vantagens econômicas também almejam prestígios, em muitos casos são alimentados pela ideia de heroísmo, perante ao grupo que pertence; ou serem temidos por rivais ou pelo Estado, conforme assinala Hobsbawm (1976). É importante frisar que quando um jovem adentra a criminalidade, ele tem sua própria trajetória, geralmente marcada pela exclusão, mas, ao olhar para esse aspecto apenas pelo viés econômico, fortalecemos ainda mais a ideia que a pobreza é a única fonte da criminalidade.

Segundo Zaluar (2002), ao pautarmos nosso discurso somente no argumento economicista, deixamos de lado a dimensão do poder simbólico que envolve a criminalidade, esquecemos os motivos que levam os jovens da classe média ou alta adentrarem na criminalidade. Não podemos diante de um assunto tão complexo, estagnarmos num discurso exclusivamente de cunho econômico.

Existe o envolvimento de jovens na criminalidade presentes nas cidades, porém como menciona Zaluar (2002), a maioria deles não estão envolvidos, nem todos são pobres e nem sempre é a sua condição econômica que os levam ao envolvimento com a criminalidade:

No entanto, o maior contingente desses jovens e crianças, muitos dos quais trabalham na rua, permanece ao largo das atividades criminosas, embora fiquem em posição mais vulneráveis à influência dos grupos organizados de criminosos. Apenas poucos terminam envolvidos pelas quadrilhas de ladrões e traficantes, nas quais trabalham armados. (ZALUAR, 2002 p. 76)

Não podemos negar a participação de jovens e adolescentes presentes na criminalidade, porém é importante que o discurso não seja pautado no achismo, mas em estudos e pesquisas que revelem a realidade dos jovens presentes nas ações criminosas, atuando isoladamente ou em grupos e principalmente quem são os adultos que atuam por trás deles.

As questões que implicam no discurso da criminalidade urbana, principalmente a pobreza e a participação de jovens no crime, não podem ser descartadas, elas devem a princípio fazer parte de um discurso mais condizente com a realidade. Os estudantes que participaram dessa pesquisa representaram em algumas paisagens símbolos e imagens ligadas a pobreza e a participação de jovens no crime, logo, esses problemas devem ser encarrados de forma mais séria perante o poder público.

Os aspectos que pontuamos acerca da criminalidade e da violência urbana, fortalecem ainda mais a noção que estamos diante de um fenômeno epidêmico, dadas às proporções e os fatores que o cercam contribuem na formação de paisagens do medo, o próximo item ampliará o debate para confirmarmos essa ideia.

2.3 As paisagens do medo formadas pela criminalidade e violência: a insegurança e o medo na cidade

Nossa discussão em relação à formação das paisagens do medo será iniciada pela definição da palavra Medo. A princípio o termo medo pode ser visto no contexto psicológico, como um fenômeno que afeta a mente e é, sobretudo um sentimento. Japiassú e Marcondes (2006) trazem a seguinte definição: “Medo, fenômeno psicológico de forte caráter afetivo, marcado pela consciência de um perigo ou objeto ameaçador determinado e identificável.” (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006 p. 183). Ao tratar de conceitos filosóficos, os autores destacam o medo como importante no entendimento das relações humanas, um elemento da psique humana capaz de alterar as ações e o comportamento dos indivíduos.

Numa abordagem antropológica, Rezende e Coelho (2010) tratam o medo como sendo um sentimento inerente à humanidade, de acordo com as autoras é um potencial humano

sentir medo, esse sentimento possui destaque nas emoções antropológicas, ele está atrelado ao contexto histórico, no qual cada grupo se desenvolve. A partir desse desenvolvimento, o medo passa a ser compartilhado e ainda que se forme individualmente, ele se torna sociável, de acordo com as especificidades de cada grupo. Assim, o medo deixa de ser apenas psíquico, para ser também antropológico e social.

Precisamos observar a princípio que o medo possui conotação psicológica e individual, mas também faz parte do contexto antropológico e social, aspecto indissociável, ou seja, não há medo coletivo sem que cada indivíduo experimente-o individualmente. Este sentimento está pautado em sensações que em muitos casos levam o indivíduo a transtornos, classificados como fobias, geralmente tratados dentro das áreas psicológicas e psiquiátricas.

Dentro do contexto social, o medo é um sentimento compartilhado entre os componentes de uma determinada sociedade. Atualmente o medo e suas nuances, se tornou um dos temas mais recorrentes, ocupando destaque em livros e artigos, principalmente nas áreas da psicologia e da sociologia, envolvendo estudos relacionados a grupos e indivíduos em diversas escalas.

Nosso enfoque é o medo no contexto social, ele torna-se relevante perante a sociedade que embora estruturada e com aparatos tecnológicos, conforme resalta Bauman (2008), ainda sente-se presa a esse sentimento. Para o autor, a população atual, principalmente as que vivem em países considerados desenvolvidos, deveriam compartilhar a sensação de segurança, pois as mesmas dispõem de artefatos capazes de prevenir ameaças e ações violentas, pelo contrário, a população de muitos países experimenta e compartilha esse sentimento cotidianamente.

Ao tratar do medo como o elemento da sociedade atual, Bauman (2008) descreve sua definição:

Medo é o nome que damos a nossa incerteza, a nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito - do que pode e do que não pode – para fazê-la ou para enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance. [...] O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, flutuante, sem endereço nem motivo claros [...]. (BAUMAN, 2008 p. 8)

Segundo o autor, é um sentimento compartilhado entre todos os animais, porém o homem percebe por meio de sensações que é impotente diante do medo. Diferente dos demais animais, o homem é capaz de buscar atenuar essas sensações. Enquanto para os demais

animais geralmente a fuga é a decisão viável, para o homem, as tomadas de decisões são mais abrangentes, geralmente a prevenção ou o enfretamento diante do medo são vistas como atitudes viáveis, dependendo das circunstâncias.

Diante de uma extensa descrição das causas e tipos mais frequentes do medo, Bauman (2008) ressalta que o tipo de medo mais compartilhado pela sociedade atual, advém do próprio meio social, ou seja, o medo do outro. Portanto, é um sentimento essencialmente elaborado a partir do meio, é fruto do seio social.

Sendo o Medo um elemento do seio social, podemos de certa forma classificá-lo como um elemento da paisagem. A partir dessa ideia ele passa a ser estudado pela geografia. Desse modo, dentro da geografia humanista Tuan (2005) estabelece o Medo como sendo subjetivo e um elemento do meio: “Os medos são experimentados por indivíduos e, nesse sentido são subjetivos; alguns, no entanto, são, sem dúvidas produzidos por um ambiente ameaçador.”(TUAN, 2005 p.7). Portanto, é inegável que o Medo não seja visto como um elemento da paisagem. Essa afirmação é ampliada pela seguinte definição:

O que é o medo? É um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente, e a resposta instintiva do animal é enfrentar ou fugir. Por outro lado, a ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação. (TUAN, 2005 p. 10)

Sua definição expõem dois aspectos: o medo do inesperado, situação em que enfrentamos ou fugimos; o outro é o medo difuso, a ansiedade do que pode acontecer, ambos estão relacionados ao meio, ou seja, as sensações criadas pela mente são geradas pela percepção, seja de perigo ou de ansiedade, os sentidos estão sempre em atividades, para a formação desse sentimento. Tuan (2005) ainda destaca que, para os humanos o medo provém das catástrofes naturais, das doenças, das ações humanas isoladas ou em grupos, por exemplo, as guerras. O medo é um elemento regulador de nossas ações, é inerente ao ser humano, é formado e alimentado pelo ambiente onde vivemos.

A noção que o medo é um sentimento formado pela percepção que temos do meio, e o fato de uma considerável parcela da humanidade viver em cidades, nos leva a afirmar que o medo está presente nas paisagens urbanas, desse modo, as paisagens urbanas possuem elementos que constroem ou alimentam esse sentimento.

O medo como elemento da paisagem, nesse caso a paisagem urbana, pode ser compreendido a partir do surgimento das cidades. Tuan (2005) aponta a cidade como uma realização humana na busca de um equilíbrio cósmico: “A cidade representa a maior aspiração da humanidade em relação a uma ordem perfeita e harmônica” (TUAN, 2005 p. 231). Essa ordem estava atrelada a ideia da paz, da segurança, da perfeição e do controle. Segundo o autor, essa ideia durou pouco tempo. Logo, o caos toma conta da cidade, e o ambiente urbano se revelou ameaçador, revelando os medos físicos e imaginários, acima de tudo, a cidade consagra o medo uns dos outros.

Os governantes das cidades antigas perceberam, que quanto maior era o número de habitantes, mais difícil ficava o controle e mais distantes estavam da ideia de paz e de segurança. Novos eventos como: invasões, roubos, assassinatos e doenças contagiosas, aos poucos tomavam conta das cidades. Estabeleceram-se duas ordens: governantes diziam-se primar pela proteção de todos; por outro lado, nascia também a ideia da proteção individual. Pois além dos medos de fantasmas e animais, surgiram o medo de ataques, invasões e transmissão de doenças. Dessa forma, a paisagem urbana já apresentava elementos que favoreciam a formação do medo.

Segundo Tuan (2005) as paisagens das cidades a partir da Idade Média e posteriormente a modernidade estabeleceram um ambiente difuso e ameaçador para o morador e para o visitante. O autor destaca os ruídos, os desabamentos, os incêndios, o trânsito e as querelas entre moradores como elementos desse ambiente, exemplos, que segundo Tuan tornaram-se mais visíveis nas cidades medievais, lugar onde o caos e a desordem se instauraram de uma vez por todas. As paisagens dessas cidades geralmente eram compostas de ruas estreitas, não iluminadas, lixos, animais transitando juntamente com pedestres, casas inacabadas, falta de ordenamento administrativo, furtos, ataques, contaminação por doenças e etc. Elementos suficientes para alimentar a sensação de medo.

O ambiente medieval dominado por elementos que suscitavam o medo é confirmado por Bauman (2008), ele destaca que o medo era um elemento peculiar dessa paisagem: “Na escuridão, tudo pode acontecer, mas não há como dizer o que virá. A escuridão não constitui a causa do perigo, mas é o habitat natural da incerteza – e, portanto, do medo” (BAUMAN, 2008 p. 8). Para o autor, a sensação de medo que permeava a vida dos moradores das cidades medievais europeias, alimentava a ideia que a modernidade representava uma luz, ou seja, o

fim do medo. De acordo com ele, essa ideia não se confirmou, pois o medo na Idade Média estava localizado e restrito, hoje ele é difuso e global.

Corroborando com essa ideia, Tuan (2005) ressalta que no período medieval o medo de elementos reais como: ladrões, saqueadores e assassinos eram somados aos medos imaginários de bruxas e de fantasmas, que tinham na escuridão o habitat perfeito para realizar suas ações.

A modernidade, de certa forma, reduziu o medo de bruxas e fantasmas, mas não eliminou ladrões, assaltantes e assassinos. O medo do outro, ou o medo de pessoas desconhecidas é o principal aspecto do medo no mundo moderno. Os mapas e as descrições dos estudantes confirmam que os moradores sentem medo e desconfiam dos outros moradores.

A cidade é um ambiente complexo, repleto de elementos que dispõe de características para a prática da criminalidade; a inexistência ou ineficácia de serviço básico de segurança como, por exemplo, a falta do policiamento ostensivo nas áreas urbanas contribui nessa dinâmica, propiciando a exacerbação de crimes como, furtos, roubos e latrocínios, além do tráfico de drogas. Silva Filho e Gall (2002) apontam que a ineficiência administrativa das agências de segurança pública reflete em resultados negativos frente ao principal objetivo da polícia ostensiva, que é a prevenção da criminalidade.

Diante desse quadro, as paisagens dentro do espaço urbano estão vulneráveis às ações criminosas, muitos desses ambientes são tomados por criminosos determinados a agir a qualquer momento, os elementos e objetos presentes nessas paisagens tornam-se símbolos da criminalidade, cuja percepção é capaz de captar, sejam eles visíveis e não visíveis. As paisagens dos estudantes apresentadas no capítulo III trazem elementos como: áreas com vegetação, casas desocupadas, ruas mal iluminadas, escadas, ponto de ônibus, entre outros, que se configuram como símbolos da criminalidade.

As ações criminosas que acontecem em diversos ambientes públicos, as quais muitos moradores vivenciam, reforçam a ideia que a criminalidade e a violência contribuem na formação das paisagens do medo. Os mapas mentais dos estudantes representam cenas de assaltos e de consumo de drogas, evidenciando que os moradores convivem diariamente com esses eventos. Buoro et.al. (1999) ressalta que no cotidiano urbano, os moradores se deparam com imagens e cenas de roubos, furtos, assassinatos, encontro de cadáveres, venda de drogas

e tantos outros eventos, que aumentam a sensação de insegurança ao transitar ou permanecer nesses espaços, sobretudo, onde esses atos são mais comuns, constituindo para os moradores paisagens que representam medo e insegurança.

Outra situação relevante na formação das paisagens do medo, são as atitudes de alguns moradores dispostos a captar com o uso de celular as imagens ligadas à criminalidade e reproduzi-las por intermédio de aplicativos e redes sociais, dissipando a um grande número de moradores os acontecimentos nas diversas paisagens. Esse processo faz parte de uma rotina que alicerçada pela mídia vai construindo imagens mentais acerca de ambientes inseguros. Pois as ações ligadas à criminalidade possuem localização, assim, os crimes vão sendo referenciados por elementos presentes nas paisagens, surgindo no discurso urbano expressões, como as representadas pelos estudantes, por exemplo: “beco do terror”, “escada do medo”, “parada do medo”, “rua perigosa”, “parada do assalto”, entre outras.

Logo, as paisagens do medo são formadas pelos valores e atitudes que adquirimos diante da experiência perante o ambiente, assim nossa percepção é formada a partir dos valores que construímos e também dos valores já existentes nos elementos presentes nessas paisagens, como estamos falando de criminalidade e violência, estes elementos tornam-se símbolos desse fenômeno.

Contudo, as paisagens do medo existentes no espaço urbano impõem aos moradores uma ambivalência, entre se sentir seguro ou inseguro. Então, os mesmos buscam mecanismos para conviverem diante dessas paisagens, suas rotinas são alteradas, pois está incutido em suas mentes que essas paisagens tem em seu cerne a violência e a criminalidade; isto implica principalmente na mobilidade diária que os moradores realizam dentro da cidade, além das atividades realizadas em locais públicos, rotinas que em alguns casos são determinadas pelo medo em relação as paisagens.

Os moradores em sua maioria, não são passivos diante dessas paisagens, eles buscam diariamente mecanismos que possibilitam sua convivência perante o perigo e o medo que sentem, como por exemplo, a mudança de horário, não andar sozinho, evitar ruas escuras ou desertas, não ficar sozinho no ponto de ônibus, evitar transitar próximo a áreas com vegetação ou terrenos baldios. Os mapas dos estudantes apresentados no próximo capítulo reforçam e confirmam a questão cotidiana dos moradores diante das paisagens.

Outro aspecto da paisagem do medo ligada à questão da insegurança é o papel do Estado como detentor da guarda e da segurança dos cidadãos. McNeill (2002) afirma que o Estado burocratizou a violência, ao criar instituições com profissionais especializados em combater a criminalidade e estabelecer a segurança, isso pode ser compreendido dentro da situação em que o Estado tem a violência urbana como um elemento a ser utilizado tanto nos discursos políticos como na tentativa de estabelecer aos moradores que a segurança almejada depende em grande parte das atitudes deles perante o cotidiano da cidade, como é o caso dos furtos e roubos, que em grande parte dos acontecimentos o senso comum estabelece a vítima como culpada.

Em relação às instituições, de certa forma, elas estão envolvidas na trama da criminalidade, alguns agentes que deveriam prestar serviço de segurança, passam a integrar como elementos que alimentam o medo e causam insegurança à população: “O apoio popular à polícia em nossas cidades está longe de ser obtido. Comunidades inteiras temem ou desconfiam dos policiais e vivem, tanto quanto conseguem ousar, do outro lado da lei”. (MECNEILL, 2002 p. 29). Portanto, boa parte da população urbana não consegue ver nos agentes de segurança pública a segurança almejada e o que deveria causar confiança, causa medo.

As ideias discutidas por Zaluar (2002), nos levam ao entendimento que o discurso da violência como um problema meramente social, em que a culpabilidade é dada a sociedade, geralmente aos pobres, retira da pauta a questão que a insegurança causada pela criminalidade não é um problema institucional, segundo a autora, desvia-se o olhar do Estado como responsável na resolução dessa situação. Desse modo, as classes economicamente distribuídas discutem entre si a atribuição da culpa, legando ao Estado o papel de mediador desse conflito, enquanto o seu real dever é estabelecer a segurança. Dentro desse aspecto, as discussões acerca da segurança pública estão sempre pautada na busca dos responsáveis pela criminalidade e não nas instituições responsáveis por garantir a segurança, assim permanece a ideia que a insegurança pública é um problema social, enquanto a questão institucional é deixada de lado.

Os agentes de segurança pública estabelecidos por lei para a garantia desse direito são os policiais militares e civis. A polícia ostensiva (militar) é aquela mais próxima dos moradores, tem como função primordial a prevenção do crime ou da criminalidade, porém as estruturas policiais geralmente não atendem a esse princípio. Silva Filho e Gall (2002)

apontam que as forças policiais brasileiras sofrem dos problemas que envolvem boa parte do sistema de gestão pública, entre esses problemas destacam: o parasitismo, a impunidade e os privilégios burocráticos. Esses fatores atuam dentro das corporações policiais e impedem a principal função da polícia, que é estabelecer a ordem e manter a segurança pública. Vejamos a descrição dos autores:

Definimos incentivos perversos como mecanismos, estabelecidos por lei ou costumes, que premiam comportamentos que prejudicam a consecução dos propósitos das instituições. Os incentivos perversos desviam recursos e motivação da polícia para prevenir o crime; recursos esses que passam a sustentar burocracias inchadas e as enormes unidades especializadas e de caráter repressivo, onde se concentram os excessos da violência policial. (SILVA FILHO e GALL, 2002 p. 200)

Certamente, as instituições não garantem a segurança que a população almeja, o exemplo citado, esclarece alguns fatores que impossibilitam o papel da polícia perante a comunidade. Mas, essa questão deixa claro que o problema da criminalidade não é unicamente social, é preciso que ele seja tratado como um problema primeiramente institucional, a partir desse princípio é possível caminhar na busca de resolver as questões que envolvem a epidêmica violência que assola as cidades. Anemone (2002) ressalta que a diminuição da violência em Nova York teve como base a reforma do sistema de segurança pública, exclusivamente o policiamento, esse fator reafirma a ideia que o problema da insegurança ligado à criminalidade deve ser encarado como um problema institucional.

Ao apontar a insegurança pública como um problema unicamente social, e que a criminalidade instalada seja resultante exclusivamente das camadas mais pobres, deixamos o Estado ou suas instituições com pouca responsabilidade perante tal problema, abrindo precedentes para o que Burke (2002) chama de gerenciamento da violência, realizado pelo poder público que consiste no uso da violência para coibir a violência, o que Leivas (2014) define como contraviolência. Nesse aspecto, a violência é utilizada para controlar as massas e as ações criminosas, ideia defendida por Tuan (2005), onde os resultados são momentâneos e não diminuem a sensação do medo.

Enquanto esperam as respostas do Estado para diminuir a criminalidade, os moradores vão estabelecendo a seu modo, mecanismos de proteção individual ou coletivos que visem diminuir a sensação de insegurança e de medo diante das paisagens. Por outro lado, vão por meio dessas paisagens alimentando também a desconfiança entre as pessoas, conforme destaca Bauman (2009):

Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade. (BAUMAN, 2009 p. 16).

Na rotina dos habitantes da cidade estão presentes a insegurança e o medo, causados exclusivamente pela criminalidade, aliados com a desconfiança de tudo e de todos, é viver em estado de alerta constante. Mas, os mesmos precisam se locomoverem para o trabalho, à escola, à academia, à igreja, o cinema, o supermercado, o bar e etc. Essa mobilidade exemplifica a ambivalência de viver nas cidades. Nas descrições e nos mapas dos estudantes, percebemos o elo entre ter medo e confiar, ou seja, as paisagens do medo representam e confirmam a ambivalência.

A segurança que buscamos na cidade, pode ser vista como um estado num dado momento, em determinado ambiente. Portanto, os habitantes buscam os ambientes seguros ou os transformam em busca de segurança. Tuan (2005) ressalta que a maturidade e a experiência com os ambientes amplia o cenário da confiança e da segurança que cada morador possui em relação à cidade.

Não vivenciamos a cidade como um todo. Segundo Lynch (1997) geralmente construímos uma imaginabilidade diante dos elementos que compõem as paisagens urbanas, a identidade que possuímos em relação a esses elementos, além das suas estruturas são primordiais para construirmos a imaginabilidade, que por sua vez torna-se uma imagem coletiva, dessa forma, muito do que percebemos nas paisagens do medo, fazem parte de uma identidade coletiva acerca do espaço urbano.

Acreditamos que o medo que sentimos diante da criminalidade e da violência, sobre o qual formamos a paisagem do medo, advém essencialmente da nossa experiência diária perante os crimes que acontecem ao nosso redor, mas também essa formação possui uma carga dada pelo imaginário coletivo, que por sua vez é alimentado pelo fluxo de informações advindas das relações cotidianas vividas na cidade, como por exemplo, os meios de comunicação.

A insegurança que provém da criminalidade possui características da paisagem em que vivemos diretamente, mas também se completa por elementos que nos chegam de forma indireta, os mapas mentais que apresentam as paisagens do medo dos estudantes, irão contribuir para entendermos como formamos a ideia de ambientes seguros e inseguros.

Toda cidade, segundo Tuan (2005) é um complexo heterogêneo, em Manaus essa heterogeneidade, possibilita um mosaico de paisagens formadas por elementos que se configuram como símbolos de insegurança e medo: as construções, as casas abandonadas, os terrenos baldios, as ruas e becos sem iluminação pública, áreas com vegetação com livre acesso, e tantos outros que estão representados e descritos como elementos das paisagens do medo dos estudantes.

Essa afirmação é constatada diante das interpretações dos mapas elaborados pelos estudantes, esses mapas confirmam e concluem as discussões até aqui estabelecidas. O próximo capítulo é, sobretudo, a constatação evidente da formação e da existência das paisagens do medo, assim como a verificação dos elementos simbólicos que representam a violência e a criminalidade.

CAPÍTULO III - OS MAPAS MENTAIS DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CRIMINALIDADE E DA VIOLÊNCIA EM MANAUS

Esse capítulo reforça e confirma as discussões realizadas até o momento; as representações dos estudantes sobre suas percepções foram interpretadas sob a perspectiva fenomenológica, cada paisagem é discutida frente às teorias e os conceitos trabalhados nos capítulos anteriores, buscamos identificar os elementos e entender como estes simbolicamente representam o medo da violência e da criminalidade para os estudantes.

Os sujeitos envolvidos nessa pesquisa participaram a partir da elaboração de mapas mentais, por meio dos quais representaram suas Paisagens do Medo, compondo o resultado dessa pesquisa. Este capítulo apresenta e discute as Paisagens por eles representadas, mas acima de tudo expressa os princípios metodológicos dessa pesquisa, pois os resultados foram obtidos sob a percepção dos estudantes, tradando-os como sujeitos ativos e não somente como dados, conforme descreve Nogueira (2014):

O homem, com suas experiências pessoais do lugar, com suas emoções em relação a ele, com suas experiências agradáveis e desagradáveis dele, foi pensado pela Geografia, mas logo sufocado pelas críticas de que essas interpretações, que levam em conta o sujeito enquanto indivíduo, seria uma análise subjetiva e individual do mundo, e à ciência não interessaria. Retornou-se, então, à discussão mais racional, onde o homem foi tratado enquanto população, povo, classe, recursos humanos. (NOGUEIRA, 2014 p. 32)

Aproveitamos para reforçar que não se trata de um resultado baseado em índices e estatísticas, não está em questão dados ou números que representem a criminalidade em Manaus. Essa pesquisa é focada em uma Geografia que leva em consideração as subjetividades que cada estudante possui a partir de sua percepção acerca do tema estudado. Nossas discussões e considerações são realizadas sob os aspectos das Paisagens do Medo apresentadas nesse capítulo.

A princípio, faremos algumas considerações sobre a Percepção e a Representação, destacando principalmente que os mapas mentais se constituem uma das formas de Representação e que esta somente é possível por meio da Percepção.

3.1. Considerações acerca da Percepção e da Representação

A percepção é uma categoria presente nos estudos da ciência geográfica, mas esse fato não é um aspecto exclusivo da atualidade dos estudos geográficos, segundo Nogueira (2014) os estudos da percepção na geografia não estão ligados apenas há um determinado momento, ele foi se desenvolvendo ao longo da construção de seu aporte teórico-metodológico:

Nota-se que os estudos da percepção na Geografia não é apenas parte de um momento da história do pensamento dessa ciência, o que vemos é que essa perspectiva se fez presente, mesmo que timidamente, nos debates teórico-metodológicos nos seus vários momentos. (NOGUEIRA, 2014 p. 73)

De acordo com a autora, as escolas geográficas: francesa, alemã, norte-americana e anglo-saxônica tiveram em seus debates a questão da percepção do meio, seja primeiramente na relação dos aspectos econômicos e depois nas relações com eventos catastróficos. Evidenciando de fato que a percepção esteve e está presente nos estudos da geografia.

Mas, o que entendemos por Percepção? Tuan (2012) destaca de forma preliminar, que devemos definir a percepção como a resposta dada pelos sentidos a partir dos estímulos do meio ou por questões individuais. Vejamos sua descrição: “Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”. (TUAN, 2012 p. 18). Para o autor, um traço comum entre os humanos que favorece a percepção são os sentidos, segundo ele, tato, olfato, paladar, audição e visão se coadunam na formação da Percepção:

Um ser humano percebe o mundo simultaneamente por meio de todos os sentidos. A informação potencialmente disponível é imensa. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizado somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar. O órgão do sentido mais exercitado varia de acordo com o indivíduo e sua cultura. (TUAN, 2012 p. 28)

O primeiro aspecto na formação da Percepção são os sentidos, estes são responsáveis pela assimilação dos fenômenos existentes no meio e pela experiência que construímos ao longo do tempo junto ao meio. O exercício de cada sentido é individual e cultural. Tuan (2012) explica que culturalmente a sociedade atual, em sua maioria tende a sobrepor a visão diante dos demais sentidos, pelo fato da grande quantidade de elementos que ativam ou aumentam a atividade perceptiva da visão, fortalecendo ainda mais a ideia do: ver para crer.

Quanto ao aspecto individual, sabemos que cada ser humano possui acuidades diferentes e alguns não possuem principalmente a visão ou a audição. É importante salientar a relevância do uso do sentido, diante do espaço, ou melhor, da paisagem, pois está ligado diretamente aos aspectos ali apresentados, existem paisagens nas quais os ruídos são contundentes, em outras o odor é predominante, sobrepondo dessa forma a audição e o olfato diante dos demais sentidos.

As paisagens do medo representadas pelos estudantes possuem uma dinâmica que envolve principalmente três sentidos: visão, audição e tato, pois os atos violentos que acontecem e predominam nessas paisagens são carregados de detalhes visíveis ou não, são ambientes nos quais pouca coisa se vê (visão); também são paisagens tomadas pelos ruídos, ou pelo silêncio, geralmente perturbador (audição); são ambientes que colocam o corpo em vulnerabilidade a tudo que o envolve (tato). Esses exemplos confirmam que os sentidos são primordiais para a formação da Percepção.

O segundo aspecto que Tuan (2012) destaca na formação da Percepção, é uma resposta proposital ligada ao nosso comportamento perante o meio, o autor afirma que a Percepção é acompanhada de atitudes, estas são formadas através dos valores, então não basta somente vermos, ouvirmos, cheirarmos ou tocarmos, é preciso que tenhamos uma carga de experiência diante de cada aspecto existente no meio para que possamos formar a Percepção; esses valores são construídos por um elo afetivo (a topofilia), ou no caso das paisagens do medo (a topofobia). As paisagens apontadas pelos estudantes estão carregadas de valores por eles atribuídos, construídos pela experiência que eles possuem por viverem nessas paisagens.

As questões apresentadas por Tuan (2012) em relação à Percepção e seus dois aspectos são confirmadas na noção dada por Merleau-Ponty (2011), em que os sentidos nos dão a sensação, e, a partir daí construímos um juízo de valor diante dos fenômenos que os sentidos nos apresentam. Esse juízo de valor constrói de fato a verdadeira Percepção, cuja essência é o vivido e ao mesmo tempo o percebido.

Segundo Merleau-Ponty (2011), percebemos com o corpo, desse modo todos os sentidos estão atuando na formação da Percepção, mas são os elementos que vivenciamos no mundo que promovem a Percepção. Quando o autor fala de mundo, ele refere-se não apenas ao mundo físico, mas ao mundo cultural construído pelo ser humano e tomado por valores, conforme sua descrição:

Não tenho apenas um mundo físico, não vivo somente no ambiente da terra, do ar e da água, tenho em torno de mim estradas, plantações, povoados, ruas, igrejas, utensílios, uma sineta, uma colher, um cachimbo. Cada um desses objetos traz implicitamente a marca da ação humana à qual ele serve. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 465).

Portanto, nossa percepção é formada diante de todos os elementos, sejam físicos ou culturais, mas os elementos não são nada, se a eles não forem atribuídos valores e significados. Assim, a nossa Percepção estará mais voltada para os ambientes nos quais os objetos ali contidos nos causem alguma sensação, ou melhor, nos comovam, nos inquietem ou nos realizem; sem o princípio da sensação, jamais poderemos entender o fenômeno da Percepção. Desse modo, os objetos que percebemos já possuem valores e sentidos dados anteriormente pela ação humana, porém a cada um deles ainda atribuiremos os nossos valores.

Um estudo que busca compreender a violência e a criminalidade através de quem vivencia tais fenômenos, deve ser fundamentado na Percepção. Os elementos representados pelos estudantes são carregados de valores por eles atribuídos, mas também esses elementos são pré-carregados de significados e valores advindos da cultura.

A Percepção é sem dúvida a fonte primária para as representações presentes em nosso cotidiano, representamos aquilo que percebemos, ou melhor, reproduzimos artefatos simbólicos mediante a nossa Percepção. As paisagens estão tomadas de representações, são objetos que revelam nossa construção mental, mentalizamos e representamos. Segundo Nogueira (1994) esse processo já estava presente no princípio da interrelação homem e meio: “Os homens mentalizavam os seus lugares de vida, suas formas de vida e as representava”. (NOGUEIRA, 1994 p.66). Logo, as transformações que realizamos no ambiente, podem ser vistas como fruto daquilo que percebemos por meio de nossa vivência.

A Percepção e a Representação estão presentes nos estudos geográficos, são geralmente abordadas juntas, atualmente a forma mais comum para realizar esse processo é o uso dos mapas mentais. Oliveira (2013) fortalece essa ideia, destacando que a Representação é um elemento marcante da geografia e o uso dos mapas é indispensável para a concretização desse processo. Os mapas produzidos a partir das construções mentais abriram espaço dentro da geografia para o elo entre Percepção e Representação.

Um importante estudo que contribuiu para esse processo foi realizado a partir da construção mental que formamos sobre a cidade. Lynch (1997) foi quem realizou esse estudo, embora seus objetivos não estivessem alinhados ao de muitos geógrafos que buscavam a

imagem mental como fonte para seus resultados, conforme ressalta Nogueira (2014), porém foram os estudos de Lynch que marcaram a preocupação da imagem que o homem tem da paisagem e que afeta o comportamento diante dela.

Sobre a Representação, Kozel (2013) afirma que as imagens mentais são construídas a partir da trajetória da vivência por meio da Percepção, construindo imagens repletas de símbolos, chamados de Mapas Mentais: “O ser humano é influenciado por aquilo que vê e sente, ativando a sensibilidade a atribuir ao que é visto, uma variedade infinita de simbologias”. (KOZEL, 2013 p. 65). Então é possível ativar estas simbologias por meio da elaboração dos mapas, onde as mesmas serão representadas. Para a autora, a Representação é um processo marcado pela produção e sua concretização se traduz a uma imagem, geralmente um mapa.

Para Nogueira (2014) a Representação do espaço vivido se dá por meio dos Mapas Mentais, estes começaram a serem utilizados pelos geógrafos nos estudos relacionados a Percepção:

A denominação de Mapas Mentais chega inicialmente à Geografia pelos geógrafos que discutem a questão da percepção do meio e do comportamento. Sua função era de fornecer dados sobre os lugares para fins especificamente de planejamento. [...] Os Mapas Mentais ganham suporte teórico com a ampliação dos debates sobre a valorização do saber cotidiano dos lugares, do reconhecimento deste saber enquanto conhecimento do lugar. (NOGUEIRA, 2014. p. 106)

Inicialmente os mapas utilizados em muitos estudos geográficos visavam apenas fornecer informações do comportamento perante o meio, sem interessar muito as questões atreladas aos saberes e as experiências que os indivíduos constroem nos ambientes onde vivem. Conforme a autora, esses aspectos colocaram o Mapa Mental como um recurso importante para esse entendimento.

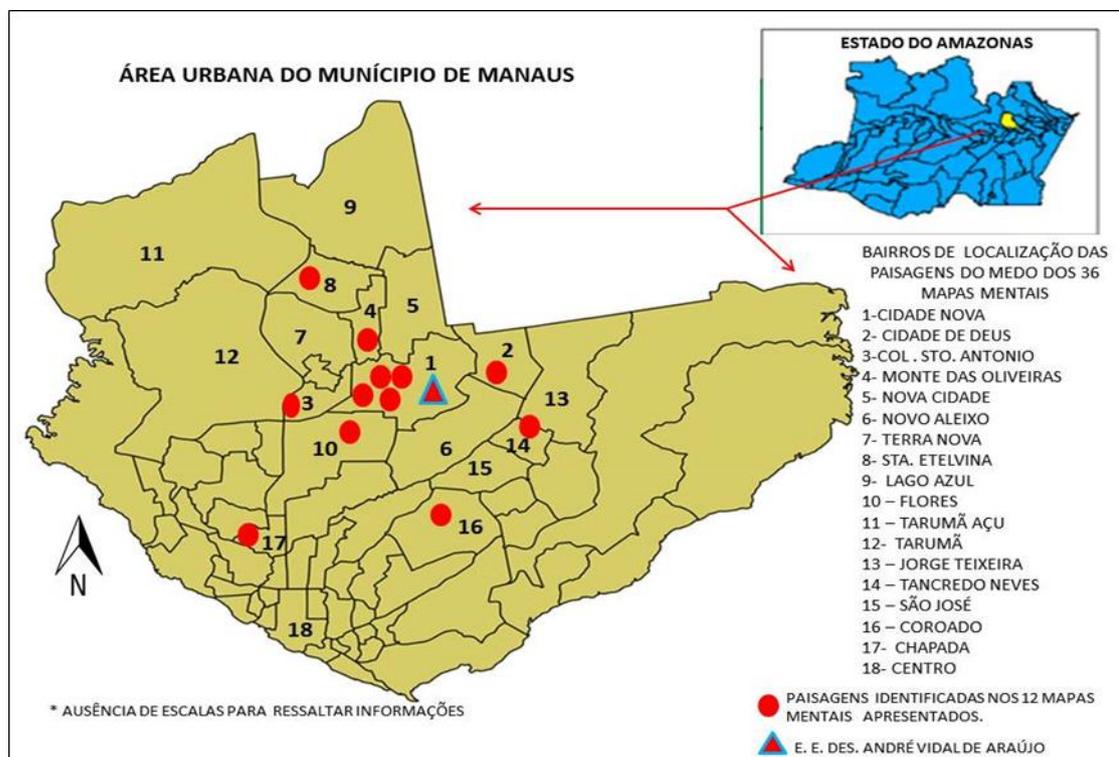
Não iremos enveredar para uma discussão aprofundada acerca dos mapas mentais, pois Nogueira (1994), já realizou esse estudo e deixou claro como os Mapas Mentais são suportes importantes para as pesquisas que se fundamentam na Percepção. Segundo a autora, é um recurso indispensável para revelar aspectos que expressam valores intersubjetivos, revelando o elo de afeição, ou seja, sensações agradáveis e desagradáveis que temos diante das paisagens.

Portanto, os mapas mentais se concretizaram como os instrumentos dessa pesquisa, elaborados pelos estudantes, os mapas juntamente com as descrições e as respectivas interpretações são o resultado desse trabalho.

3.2 Os mapas mentais dos estudantes: elementos e símbolos percebidos e representados que formam as paisagens do medo

A primeira interpretação sobre os Mapas Mentais dos estudantes serviu para selecionarmos quais mapas iriam compor esse trabalho. No primeiro momento percebemos que os 36 mapas representaram paisagens situadas em 18 bairros de Manaus; porém o nosso objetivo buscou identificar elementos que simbolicamente representassem o medo percebido pelos estudantes; por isso, não selecionamos os mapas por bairros e sim pelos elementos encontrados nas representações. Os 12 mapas selecionados identificam os principais elementos encontrados nos demais. No mapa abaixo é possível visualizar as localizações das paisagens elaboradas e apresentadas; ele serve de base para a localização dos mapas mentais discutidos nesse trabalho.

Mapa de Localização das Paisagens do Medo Representadas pelos Estudantes



Fonte: Duarte, R. L. 2019

Os mapas são apresentados de forma que os elementos sejam identificados e discutidos frente às teorias e os conceitos abordados nesse trabalho.

O primeiro mapa representa o entorno da Escola Estadual Desembargador André Vidal de Araújo, situada na esquina das avenidas Timbiras e Tamoios s/n. Bairro Cidade Nova, trata-se de uma paisagem vivenciada pelos demais estudantes.

Mapa Mental 01: O PERIGO RONDA A ESCOLA



Fonte: Estudante O, K. S. Manaus, 2018.

Estudante O, K. S. (2018)

Eu considero a escola uma área segura e tranquila, aqui não há brigas e nem furtos, estudamos em paz, mas quando saímos pra ir pra casa ai sim fico com medo, pois na esquina com a Timbiras sempre acontecem assaltos, é perigoso, tem bandido a pé e também em motos, nem sempre tem viatura, fico preocupada quando é a hora da saída, então essa é minha paisagem do medo, por isso digo que o perigo ronda a escola.

A estudante representa as duas avenidas que dão acesso à escola, ela destaca a insegurança e o medo de transitar nessas ruas no horário da saída da escola e esclarece que se sente tranquila dentro da escola, o seu medo começa ao sair da escola.

A princípio boa parte das crianças teme a escola, principalmente nos seus primeiros anos. Tuan (2005) faz referência a esse aspecto, mas destaca que durante o percurso da vida escolar vem à adaptação, diminuindo a ansiedade e o medo. Na adolescência esse medo desaparece, porém alguns jovens podem continuar sofrendo ataques e desenvolva transtornos

nesse ambiente, alterando esse processo e fazendo com que o medo continue existindo dentro da escola.

A estudante não percebe o interior da escola como uma paisagem do medo, mas, sim um ambiente tranquilo, o perigo está lá fora, o título do seu mapa destaca essa questão: “O perigo ronda a escola”, ou seja, o medo está lá fora nas ruas. Dentro dos muros da escola, ela se sente segura em relação à criminalidade. Verificamos então um primeiro aspecto sobre a criminalidade urbana, que os muros, portões e trancas garantem a sensação de segurança, é importante destacar essa questão, pois é visível em seu mapa mental o muro e os portões da escola como aspecto de proteção, estabelecendo a sensação de estar segura dentro da escola e desprotegida fora dela.

Trancas, muros e portões, segundo Bauman (2009) são sinônimos de proteção para os moradores, ambientes com essas características representam confiança, segurança e proteção, mas existem limites, pois alguns habitantes sentem que sempre haverá alguém tentando transpor muros ou romper portas e tais artifícios apenas retardam as ações. Mas, diante de uma rua com movimento de pessoas, em sua maioria desconhecidas, em comparação a um local cercado por muros, como é caso da escola, não é difícil estabelecer onde nos sentiremos mais seguros.

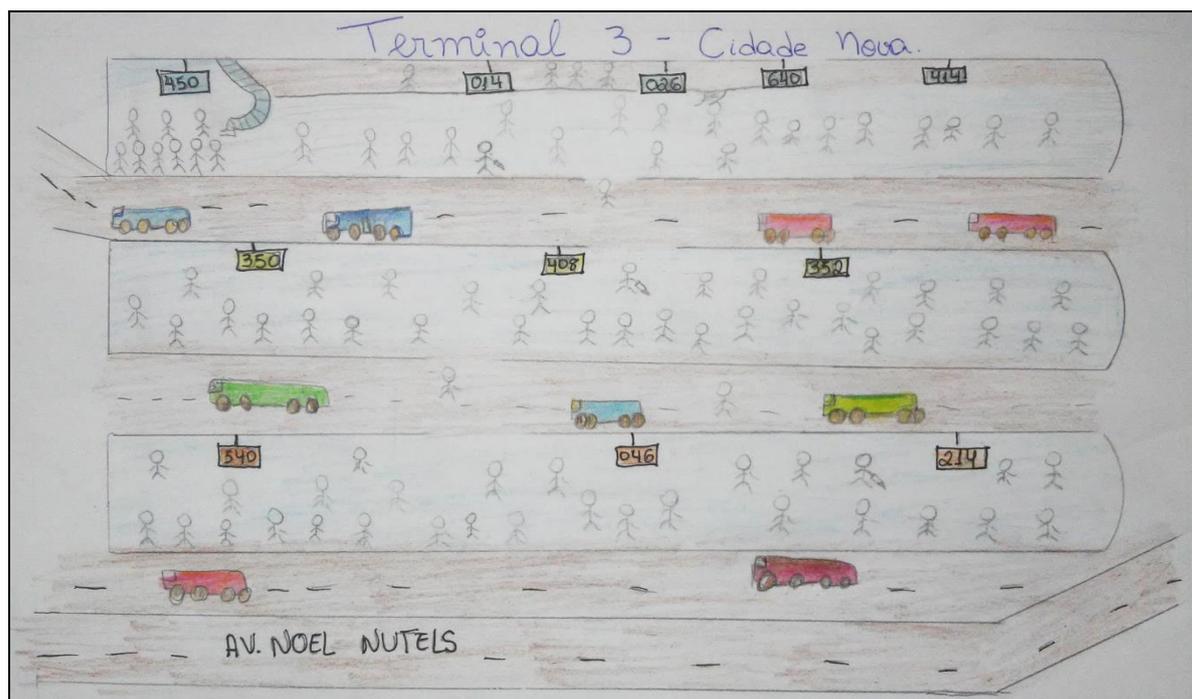
A segurança dentro da escola não está garantida apenas pelos muros, mas principalmente pelas relações de convivência e confiança estabelecidas no ambiente escolar, esse aspecto é comprovado em sua descrição: “estudamos em paz”, uma referência ao grupo que ela pertence e se sente segura, ou seja, na escola a estudante não está sozinha e nem junto a desconhecidos, diferentemente da situação fora da escola.

O principal medo da estudante fora da escola é ser assaltada, isto está explícito em seu mapa como um alerta em uma faixa amarela: “assaltos na avenida”, ela representa também cenas dessa ocorrência, dando ênfase ao perigo e ao medo que sente ao transitar nessas ruas. A mesma não menciona se já sofreu algum assalto, mas devido ao contexto do fenômeno da criminalidade, qualquer notícia ou rumores de ações violentas ativam o alerta do perigo e do medo.

Sua Percepção está além do visível, não é preciso ver e nem se envolver num assalto para sentir medo, ele se forma muito mais pelos aspectos subjetivos entre o campo da segurança e insegurança que permeiam o viver na cidade.

O segundo mapa representa um dos cinco terminais de integração de transporte público de Manaus, este chamado de terminal 03, está situado na Avenida Noel Nutels no bairro da Cidade Nova, zona norte. Ele integra principalmente as zonas centro-sul, leste e oeste da cidade, localiza-se a duas quadras da escola e é utilizado pela maioria dos estudantes.

Mapa Mental 02: TERMINAL DE INTEGRAÇÃO 3 BAIRRO CIDADE NOVA



Fonte: Estudante S, A. P. T. Manaus, 2018.

Estudante S, A. P. T. (2018)

Bom sobre o terminal 3, ele fica próximo da escola, quase todos os alunos usam o t3 pra ir pra casa, ele é um terminal muito lotado tanto de manhã como meio dia, quando voltamos pra casa, são muitas filas, são muitos ônibus como vocês podem ver no meu mapa, toda hora chega gente, toda hora sai gente, é uma vai e vem sem fim e no meio dessa multidão tem pessoas querendo roubar bolsas e celular. O terminal pra mim é uma paisagem do medo, já ouvi pessoas dizendo que roubaram seu celular, o perigo é na hora de entrar no ônibus, fica aquele empurra pra lá e empurra pra cá e acabam levando o celular, você não sabe quem foi, é um local que dá medo.

A representação da estudante juntamente com sua descrição, revela uma paisagem tumultuada, com muitos passageiros esperando ônibus, ao mesmo tempo acontecem embarques e desembarques. Segundo ela é um vai e vem, ou seja, um fluxo constante de pessoas e veículos, a imagem confirma sua descrição. O terminal aqui representado é uma grande estrutura com plataformas, escadas e passarelas construídas em meio à avenida, porém

a estudante representou justamente os aspectos que lhe causam o medo, sua percepção está voltada para o fluxo de pessoas, ela destacou em seu mapa os ônibus, as placas e as pessoas ali presentes.

O medo da estudante paira exatamente no momento do embarque, segundo ela, é tumultuado com empurrões e é nesse tumulto que ocorrem os furtos de objetos, por exemplo, celular; ela descreve que nunca foi vítima desse crime, mas relata que sabe que isso acontece. O furto e roubo de celular e outros pertences como: bolsas, mochilas, carteiras porta-cédulas, notebook, entre outros, são os objetos preferidos pelos praticantes desse crime. Outros estudantes descreveram que sentem medo desse tipo de crime.

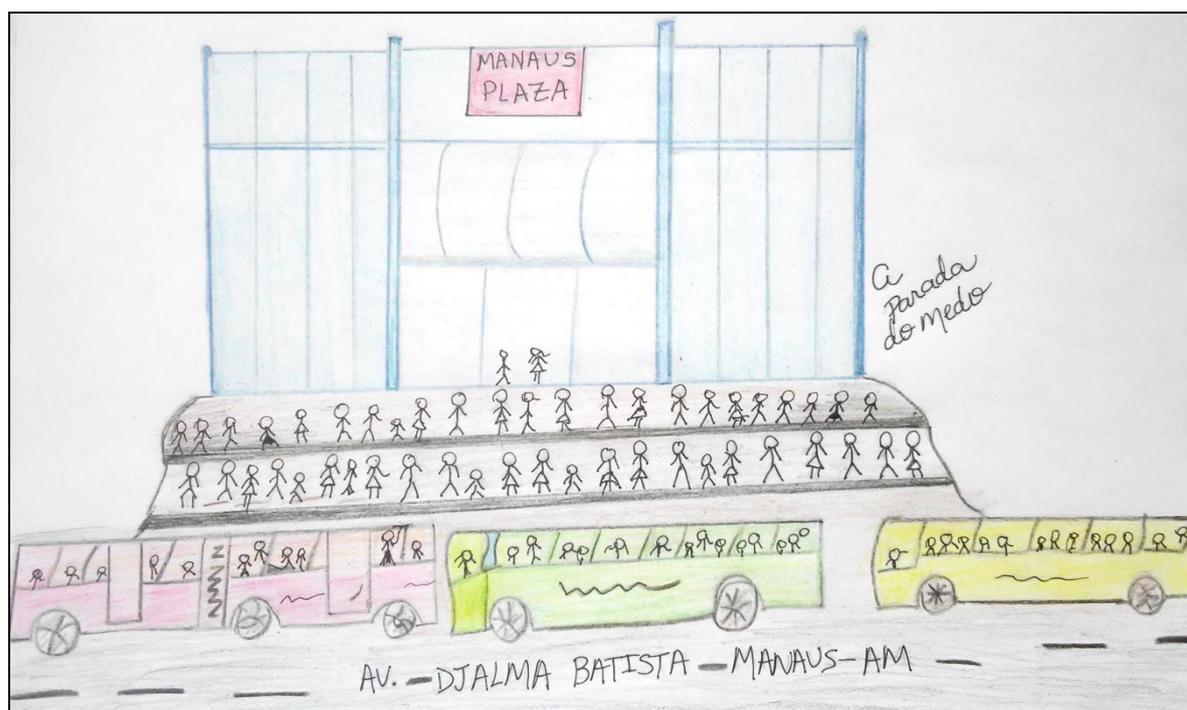
O seu medo é o principal dentre tantos tipos de medos, segundo Bauman (2008), o primeiro tipo de medo é o medo que ameaça o corpo e a propriedade. A estudante teme pelo furto de sua bolsa e do seu celular, ou seja, são os bens materiais que ela possui naquele momento. Boa parte das pessoas são desconhecidas, seu temor é constante, pois a mesma não sabe quem irá tentar furtar seus bens; seu medo exemplifica o temor da maioria dos moradores da cidade, o medo de pessoas desconhecidas.

Os locais públicos com grande concentração ou fluxo de pessoas, como é o caso da paisagem representada pela estudante, representam para muitos habitantes, insegurança e medo, ambiente propício à formação da mixofobia, segundo Bauman (2009) é o estado de ansiedade e desorientação, um impacto psicologicamente torturante, proveniente da mistura de imagens e sons ligados ao ambiente no qual se encontra o morador. Os sons dos motores dos veículos, as buzinas, as conversas, juntamente com as imagens do vai e vem de pessoas, em boa parte desconhecidas coadunam para o estado da mixofobia, conforme a sua descrição, ela experimenta dentro do terminal essa sensação.

Provavelmente a maioria dos usuários do transporte público presentes nessa paisagem ou circulando nos ônibus sofra também desse problema. A mixofobia é experimentada nas diversas paisagens dentro da cidade; as grandes avenidas, as áreas comerciais, os centros de lojas, as estações de metrô, os pontos de ônibus, assim como o terminal representado no mapa mental da estudante, são exemplos de ambientes onde o fluxo constante de pessoas, juntamente com os diversos ruídos, as conversas, as propagandas, os vendedores ambulantes, anúncios, as luzes e as cores de painéis luminosos, sirenes de ambulâncias e viaturas de polícia, se misturam gerando a mixofobia.

Nossa próxima paisagem está diretamente ligada à paisagem anterior, trata-se também do uso de transporte público, além da possibilidade do furto de bens. É o mapa 03, que representa uma paisagem situada na Avenida Djalma Batista, no Bairro da Chapada, zona centro-sul da cidade é uma importante Avenida de Manaus.

Mapa Mental 03: A PARADA DO MEDO NA DJALMA BATISTA



Fonte: Estudante R, J. O. Manaus, 2018.

Estudante R, J. O. (2018)

Eu sempre vou ao Plaza, assistir filme e na hora da saída, fico com medo, a parada é muito lotada, na hora em que o ônibus chega, começa a correria pra entrar no ônibus e é nesse momento que acontece o roubo de celular e de bolsas, então pra mim é uma paisagem do medo, nunca vou sozinho, sempre ando com meu irmão ou colegas, coloco a minha mochila pra frente e escondo meu celular, é sempre ariscado. E a parada de ônibus fica em um local nobre, essa avenida é uma principal.

Como podemos ver no mapa, é um centro de lojas com salas de cinema, meio de atração que leva o estudante a frequentar o local. Próximo, à frente desse *shopping*, situa-se o ponto de ônibus, em Manaus comumente chamado de “parada”, ou seja, parada do ônibus, que atende em boa parte os frequentadores do Manaus Plaza e do Amazonas Shopping (outro centro de compras nessa mesma avenida), por isso, o grande fluxo de pessoas à espera dos ônibus, bem representado no mapa.

A paisagem está situada em uma área considerada privilegiada, com boa pavimentação, iluminação pública e policiamento. Porém, tais características não garantem segurança ao estudante, é uma paisagem distante de sua residência, o aluno reside na zona norte, sua experiência não é diária, mas é uma paisagem que lhe representa o medo, principalmente de ser furtado ou roubado. O mapa serve também para exemplificar que as paisagens do medo estão dispersas na cidade e não em uma área específica.

O sentido da proteção está presente nessa paisagem, o estudante descreve que é na hora da saída do cinema que ele sente medo, lá dentro sente-se protegido, na saída percebe o perigo, evidenciando a característica da violência urbana, ou seja, o medo que os moradores sentem ao transitar pelas ruas e avenidas da cidade; pois eles sabem que os crimes em sua maioria são praticados nessas vias; dessa forma, tomado por esse medo, o estudante percebe que naquele local ele pode ser uma vítima.

O estudante expõe seu medo, temendo muito mais pelo seu celular e sua mochila, tal como a estudante que representou o terminal de integração. Estamos tratando das mesmas características, embora as paisagens sejam distintas, o estudante descreve aspectos que segundo Tuan (2005) representa uma sensação comum entre os moradores da cidade, a chamada agorafobia - o medo dos locais públicos com concentração de pessoas, tal como o ponto de ônibus apresentado pelo estudante.

O medo dos estudantes descritos nos mapas 02 e 03 são semelhantes, podem ser classificados dentro dos aspectos da mixofobia e da agorafobia, mas não estamos afirmando que os mesmos sofram frequentemente desse mal. Contudo, a criminalidade presente na cidade impregna nessas paisagens características que possibilitam essas sensações.

As duas representações exemplificam uma variedade de paisagens nas quais os moradores experimentam a mixofobia ou a agorafobia. As cidades são constituídas de paisagens com essas características, podemos citar as feiras, os mercados, as rodoviárias, as praias e os balneários, as praças, os centros de convenções e tantos outros ambientes que servem estrategicamente para ladrões cometerem crimes e aumentar a sensação do medo.

A paisagem representada no mapa 04 está localizada na Avenida Max Teixeira, importante avenida que liga a zona centro-sul à zona norte de Manaus, ela situa-se no Bairro Colônia Santo Antônio, lá está inserida a residência do estudante e ele estabelece uma relação diária com essa paisagem vivenciando seus aspectos.

Mapa Mental 04: CUIDADO COM ASSALTOS NA PARADA



Fonte: Estudante M, F. D. Manaus, 2018.

Estudante M, F. D. (2018)

Essa paisagem fica na Av. Max Teixeira, entre a parada de ônibus, o planeta shopp até a rua da minha casa, lá tem assaltantes e traficantes e eles atacam sempre de noite assaltando as pessoas, quando eles não estão na rua em local mais escuro, eles estão na parada de ônibus esperando suas vítimas é uma paisagem sem segurança, eu convivo com isso todos os dias, mas eu moro ali.

Seu mapa representa o que Dardel (2011) descreve sobre a paisagem, quando se refere às afeições e ao sentimento de pertencimento, o estudante afirma isso: “...é uma paisagem sem segurança,[...] mas eu moro ali.”. Embora, ele sinta o medo da criminalidade está é a sua morada, lá ele vive e é justamente sua vivência que estabeleceu a percepção para que ele viesse representar a área que lhe traz mais insegurança.

A percepção que o estudante possui acerca da violência e da criminalidade urbana, lhe garante a construção da ideia de viver numa área que lhe traz insegurança, mas ao mesmo

tempo é a sua morada, ou seja, sua paisagem representa claramente a noção de topofilia, segundo Tuan (2012), refere-se ao sentimento de pertencer ao lugar e estabelecer relações afetivas; ao mesmo tempo representa conforme Tuan (2005), a insegurança e medo de alguns aspectos presentes na paisagem, como por exemplo, assaltos e o tráfico de drogas, relatados pelo estudante.

Essa afirmação pode ser confirmada na representação do estudante, ele destaca a cena do assalto perto de sua casa e também no ponto de ônibus, mas, ele dá ênfase ao ponto de ônibus, isso é visível principalmente no título do seu mapa: “Cuidado com assaltos na parada” (como já citamos anteriormente, em Manaus é comum se referir ao ponto de ônibus como: parada de ônibus), ao mesmo tempo ele confirma descrevendo que os assaltantes estão no ponto de ônibus esperando suas vítimas ou estão nas áreas escuras, deixando fora da sua descrição, referências de situações próximas a sua residência.

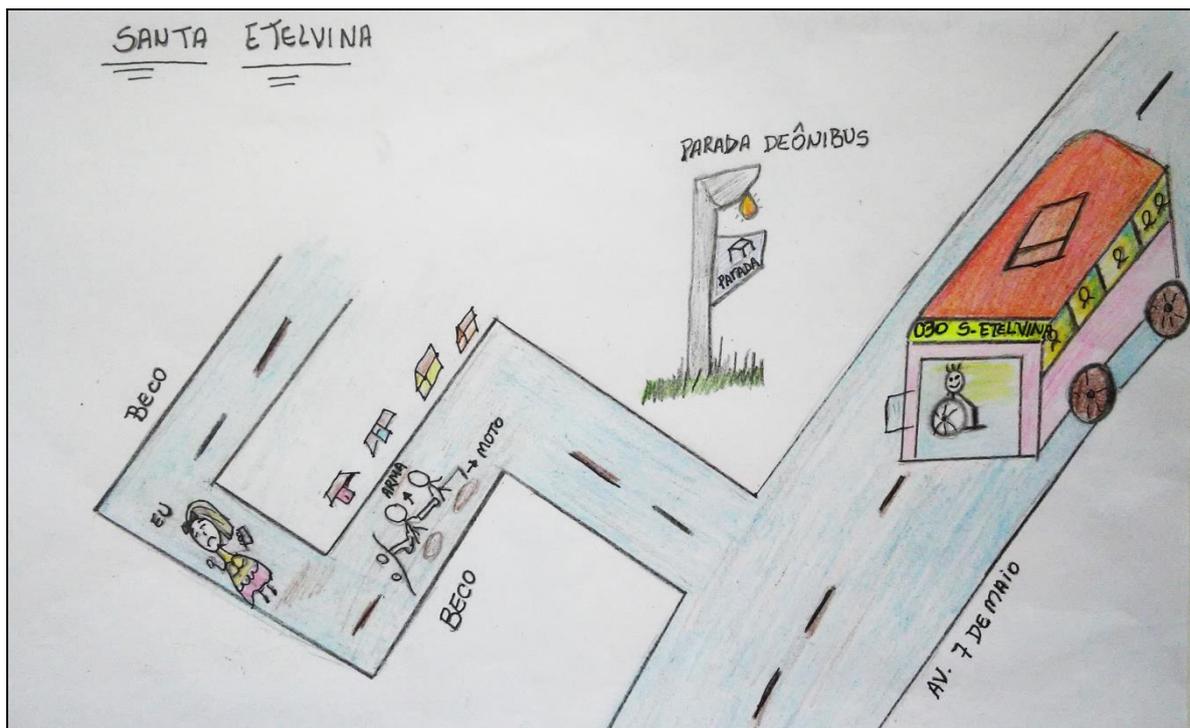
Merece destaque em sua representação, a questão da iluminação pública. Ao descrever que traficantes e assaltantes estão nas ruas escuras, ele reforça o sentimento de boa parte dos habitantes da cidade, que os criminosos buscam abrigos em locais escuros, Tuan (2005) ressalta como a rua escura representa ao morador a ansiedade diante da possibilidade do ataque, do roubo e de outros crimes. O estudante percebe que o escuro serve como esconderijo de assaltantes e traficantes.

Outra questão que é evidente na sua representação é o tráfico de drogas, a percepção do estudante, a partir da sua vivência com a paisagem deixa claro que lá existe o tráfico de drogas. Quanto a isso, outras informações adquiridas por ele, advindas de outros locais e de imagens veiculadas na mídia contribuem na sua percepção acerca do tráfico de drogas. Conforme Buoro et.al. (1999), as imagens da criminalidade estão em todos os ambientes da cidade e certamente contribuem para formar as paisagens do medo.

Porém, é viável que em algum momento ele tenha vivenciado a venda e o uso de drogas próximo a sua residência. Outros mapas, não apresentados nesse trabalho, também representaram essas mesmas situações, confirmando que essas práticas criminosas estão presentes nas paisagens, são percebidas e fazem parte do conjunto de crimes pertencentes ao fenômeno da criminalidade.

O mapa 05 representa uma paisagem que está situada na Avenida 7 de maio no bairro Santa Etelvina, zona norte de Manaus. A estudante reside nessa paisagem e vivencia esses aspectos, embora ela não tenha representado sua residência, a mesma se destacou em sua representação e descreveu sua percepção quanto ao medo da criminalidade e os desafios de conviver nessa paisagem.

Mapa Mental 05: O BECO DO MEDO E A PARADA DO TERROR



Fonte: Estudante R, L. L. Manaus, 2018.

Estudante R, L. L. (2018)

Vou falar dessa paisagem do medo, fica lá onde eu moro, mas mesmo eu sinto entre a parada do ônibus e o beco, na Avenida 7 de maio no Bairro Santa Etelvina, os assaltos acontecem na parada do ônibus ou no beco, sempre acontece a noite quando estamos descendo do ônibus, não sei quem poderá me assaltar, quando vejo pessoas na parada ou no beco fico com mais medo ainda, se eu conheço a pessoa fico mais tranquila. Então sair e chegar em casa é um momento de medo, principalmente sozinha, não sei onde pode acontecer, por isso é que chamo o beco do medo e a parada do terror.

A estudante destaca dois pontos em seu mapa, são eles: o ponto de ônibus e o beco que dá acesso a sua casa. O ponto de ônibus é para muitos dos estudantes envolvidos nessa pesquisa, uma paisagem do medo, eles não se sentem seguros, a estudante é um exemplo, quando descreve sobre assaltos que acontecem no ponto de ônibus. A mesma representa um

elemento que diante dos demais estudantes, torna-se um símbolo do medo da criminalidade: o ponto de ônibus, definitivamente não é uma paisagem segura, estando ali, o morador torna-se alvo de ladrões, mas a necessidade da mobilidade dentro da cidade coloca os moradores tal como a estudante, diante dessa realidade todos os dias.

Há dois fatores que julgamos importantes na percepção da estudante: primeiro, a experiência que ela possui nessa paisagem, somada aos rumores de possíveis vítimas ou ela ter presenciado um assalto; o segundo, a fonte que contribui para a sensação do medo no ponto de ônibus e no beco, ou seja, a mídia, Duarte e Nogueira (2018), ao tratarem da espetacularização da violência, destacam que existe um segmento da mídia especializado em tratar a criminalidade e a violência urbana como um espetáculo, uma das consequências desse processo é o aumento da sensação de insegurança e a difusão do medo que os moradores compartilham sobre a criminalidade.

Desse modo, os moradores como é o caso da estudante, sabendo que acontecem assaltos em outros pontos de ônibus, irá construir a ideia de que a qualquer momento acontecerá assaltos no ponto de ônibus ou no beco que ela transita para chegar em sua casa; as pessoas que ela encontra são sempre suspeitas, isto está claro em sua representação, quando ela destaca a cena do assalto e ao descrever o medo que sente ao encontrar pessoas estranhas.

A mídia tem um importante papel na formação e na difusão do medo aliado a ineficácia do Estado, que segundo Bauman (2008) não consegue amenizar a crescente sensação do medo, tornando-o não apenas um fenômeno coletivo, mas principalmente individual, como é o caso da estudante. As instâncias públicas que deveriam garantir a segurança, não atingem esse objetivo e a sensação do medo passa a ser compartilhada entre todos, confirmando que o medo é um sentimento coletivo e individual.

A representação da estudante reforça a ideia do medo que os moradores possuem das pessoas desconhecidas, conforme Bauman (2009), o medo do desconhecido ou do estrangeiro é o principal fenômeno da sensação da insegurança, o desconhecido é visto como um possível agente da criminalidade, que sempre estará pronto para atacar, diante dessa situação, os habitantes alimentam a desconfiança uns dos outros; os logradouros públicos são ambientes onde nem todas as pessoas se conhecem, essas paisagens são símbolos na formação do medo do outro.

A paisagem representada no mapa 06 está localizada no loteamento Vale do Sinai, situado no Bairro Cidade Nova, zona norte de Manaus.

Mapa Mental 06: VALE DO SINAI E A SUBIDA DO MEDO



Fonte: Estudante R, T. R. S. Manaus, 2018.

Estudante R, T. R. S. (2018)

Minha paisagem está próximo da minha casa no Vale do Sinai ela começa da ponte passando pela escada que fica dentro da área verde, tenho medo de andar sozinha, lá acontecem assaltos a mão armada principalmente a noite, essa área verde é o local onde os assaltantes de ônibus das linhas 640, 300, 014 correm pra se esconder e sair pelo outro lado, esses ônibus passam na Max Teixeira e os assaltos sempre são a noite, então tenho medo de andar, mas é por lá que passamos é o caminho mais perto pra pegar ônibus.

É uma paisagem que devido à falta do planejamento para a ocupação e uso do solo urbano, permitiu que parte da área de preservação existente nesse local fosse ocupada. Em seu mapa, a escada representada está dentro de uma área ainda com uma pequena porção de vegetação, sendo o acesso mais rápido à Avenida Max Teixeira, uma das principais avenidas do bairro que permite aos moradores a acessibilidade aos serviços de transportes públicos e suas demais necessidades, segundo sua descrição.

A área de preservação aqui representada situa-se numa encosta, impossibilitando de certo modo uma total ocupação, porém ela acaba servindo para outros fins, como esconderijo de possíveis pessoas ligadas a prática da criminalidade, como por exemplo, assaltantes de ônibus, segundo descreve a estudante. O medo da mesma paira justamente nessa área, que representa o perigo, principalmente à noite. Ela teme por sua integridade física, mas precisa usar esse caminho. Seu sentimento provavelmente é compartilhado com outros moradores que convivem com esse dilema, diante da situação enfrentam o medo e transitam pela escada, é o caminho mais curto, porém perigoso.

É visível em sua paisagem a separação entre as casas e a mata, tendo o igarapé como divisor. Ela expõe as casas, porém sua menção está ligada diretamente a área vegetada, quando destaca a ponte, seu senso de proteção a põe em perigo a partir do momento em que ultrapassa a ponte, revelando uma espécie de divisão espacial entre a proteção e o perigo.

Quando observamos a paisagem da estudante não encontramos elementos visíveis que representem o perigo ligados à criminalidade. Contudo, segundo Nogueira (2014) precisamos buscar elementos que nos leve a encontrar significados presentes na paisagem: “Não nos importa, apenas, o visível a ser representado, mas também os símbolos que aparecem assinalados e que dão pistas para entender que existe um significado invisível também destacado” (NOGUEIRA, 2014 p. 108). Aparentemente trata-se de uma paisagem harmônica e tranquila, porém elementos como a área vegetada e a escada, nos dão pistas de possíveis acontecimentos, no caso da mata, o esconderijo de assaltantes percebidos pela estudante, ressaltando a característica simbólica e subjetiva da paisagem do medo.

Essa ideia é confirmada por Tuan (2005) para o autor, a paisagem do medo é carregada de subjetividade e pode se apresentar com uma placidez, mas não devemos nos precipitar em tal compreensão, pois os elementos são carregados de simbologias, como é o caso da mata (ou floresta), aparentemente deveria representar tranquilidade, porém culturalmente está carregada de simbologias. Nesse caso, a área de vegetação que a estudante representa possui essa característica. Mas irá exercer significados diferentes, as florestas para muitas culturas são ambientes que representam o perigo. Boa parte dos mapas representou a mata como símbolo da criminalidade; desse modo, o mapas 07 que virá a seguir características semelhantes, por meio do qual iremos discutir melhor a simbologia da mata.

A estudante representou no mapa 07, uma paisagem situada no Bairro Coroado, zona leste de Manaus, seu mapa representa a avenida próxima a sua casa, porém seu destaque está na vegetação designada como: “mata da Ufam”, nome comum dado a área de preservação, onde está localizado o campus universitário da Universidade Federal do Amazonas –UFAM, com 6,7 milhões de metros quadrados é a maior área de preservação dentro do perímetro urbano de Manaus, no seu entorno um dos bairros é o Coroado, onde reside a mesma.

Mapa Mental 07: A MATA DO MEDO FICA NO COROADO



Fonte: Estudante R, L. G. P. Manaus, 2018.

Estudante R, L. G. P. (2018)

A minha paisagem do medo, eu chamo de mata do medo, fica perto de casa no Coroado, é a mata da UFAM, perto da Beira Rio, lá tem uma trilha onde pessoas entram pra usar droga, também já encontraram corpo nessa mata, então quando olho pra mata eu sinto medo, procuro não me aproximar por não me sentir segura.

Sua percepção coloca a mata como o principal elemento representado em sua paisagem. Ela especifica suas observações destacando o uso da área para o consumo de drogas e para deixar corpos oriundos da criminalidade. A sua relação com a mata é de insegurança, ao ponto de um simples olhar que poderia ser de contemplação torna-se um sentimento de medo. A estudante estabelece em sua paisagem, a mata como um elemento que contribui e aumenta a sensação do medo, para ela, sua principal função é servir para ações

criminosas. Os outros elementos de seu mapa são elementos secundários, o seu medo habita justamente na mata, que se insere não mais como um elemento natural da paisagem urbana em seu sentido original, mas, como símbolo do medo da criminalidade.

O medo que a estudante sente em relação à mata descrita e representada está ligado às questões culturais e também ao planejamento da cidade. O entorno das áreas de preservação que concentram principalmente vegetação densa, como é caso da mata em questão, não possui, uma adequada fiscalização para impedir ações como as descritas pela estudante.

Por outro lado, existe a ideia acerca do bem público, em que parte da nossa sociedade, vê-lo apenas no sentido do uso, poucos são aqueles que pensam no bem público no sentido do cuidado e da preservação, assim áreas de preservação são utilizadas para outros fins, como exemplo, para a prática de crimes.

Uma grande área de preservação sem a fiscalização devida, fixa a noção de que ela não tem dono, deixando para alguns moradores o entendimento de usá-la como e quanto quiser. Então, criminosos tomam o controle desses locais para premeditar, praticar ou concluir crimes, como por exemplos, roubos, estupros, assassinatos e ocultação de cadáver.

Em Manaus, a área representada possui provavelmente em alguns dos seus quilômetros, espaços que tem essa serventia. A percepção da estudante não pode ser vista como imaginação diante da mata, as notícias em programas, telejornais, jornais impressos e blogs, destacam fatos e imagens relacionadas a cadáveres que foram encontrados na referida paisagem. Portanto, o destaque da estudante em sua representação, coloca a mata como um elemento que simbolicamente representa o medo da violência e da criminalidade.

A paisagem representada pela estudante está localizada bem distante da escola, em outra zona da cidade; isso reafirma que a escola atende estudantes de diversas áreas da cidade e que por esse motivo, certamente teríamos exemplos de paisagens nos diversos bairros da cidade, a exemplo essa paisagem.

Conforme já citamos, a mata se configurou um dos elementos mais representados pelos estudantes, por esse motivo, temos mais de um mapa com esse tipo de elemento simbólico. O mapa 08, a seguir apresenta nossa próxima paisagem e traz também a mata como o principal elemento, trata-se de outra grande área com vegetação no perímetro urbano da cidade de Manaus.

A paisagem do mapa 08 está localizada no Bairro Cidade de Deus, zona norte, o mapa representa uma parte da Avenida Margarita, também chamada de Grande Circular II ou Estradão da Cidade de Deus. A representação destaca uma característica de um trecho dessa avenida, no sentido norte, ela margeia a Reserva Florestal Adolpho Ducke, uma importante reserva situada na zona norte de Manaus.

Mapa Mental 08: O ESTRADÃO DA CIDADE DE DEUS



Fonte: Estudante V, L. A. G. Manaus, 2018.

Estudante V, L. A. G. (2018)

Em Manaus, sei que tem muitos locais que dão medo, muitas paisagens, essa paisagem fica na rua que chamamos de estradão da Cidade de Deus, de um lado a rua tem casas e iluminação, do outro é escuro e tem uma mata, já me falaram que é um lado perigoso, pois tem assaltos e estupros e também desova de corpos, passo todos os dias por lá, resolvi representar um lado da rua colorido e outro escuro que é o lado da violência e do medo.

O mapa representa bem o aspecto de parte dessa avenida, pois de um lado ela representa o bairro de forma colorida, destacando a iluminação e as residências; do outro, apresenta a mata que se refere a Reserva, nesse lado ela expõe seu medo, a partir de figuras que representam a criminalidade e a violência existentes na paisagem, a frase: “rua sem movimentação”, escrita após o canteiro central, especifica bem o limite que ela estabelece,

entre o medo e a segurança que sente, expondo claramente que existe perigo em transitar do outro lado da avenida.

O medo da estudante envolve o assalto e o estupro, ela estabelece o lado da mata como inseguro, a floresta é o ambiente do medo, lá é o espaço da criminalidade, as figuras representam bem sua percepção; ela representa entre as árvores “olhos”, expondo a simbologia que há detrás da floresta. Contudo, como é formada a percepção que uma área de vegetação, especificamente a floresta ou uma mata secundária dentro no perímetro urbano contribui para a formação de uma paisagem do medo? Ou melhor, como essas áreas representam paisagens ligadas à criminalidade?

As florestas assim como outras paisagens naturais, montanhas, desertos e os oceanos, sempre fizeram parte do imaginário humano, sua carga simbólica expressa para distintas sociedades que estavam diante dessas paisagens, uma relação afetiva e não apenas de contemplação conforme Dardel (2011):

A paisagem não é, em sua essência, feita apenas para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social. [...] A paisagem pressupõe uma presença do homem, mesmo lá onde toma a forma de ausência. Ela fala de um momento onde o homem realiza sua existência como presença circunspeta e atarefada. (DARDEL, 2011 p. 32)

Ainda que o homem não tenha concretamente adentrado nessas paisagens, sua presença já pode ser vista, à medida que ele nutre por essas paisagens uma relação de respeito, afeição, medo ou a curiosidade para desvendá-las, em busca das respostas que o envolve perante elas. As sociedades que se desenvolveram diante das florestas, sejam tropicais ou da zona temperada, vivenciaram tal situação, as florestas estão no imaginário e no real visível de muitos grupos.

De acordo com Tuan (2005), foram os primeiros grupos de caçadores que buscaram de forma destemida se aventurar nas profundezas das florestas, sem temer aos espíritos que ali habitavam, nos levando a considerar que a floresta sempre foi vista como um ambiente habitado por seres, ditos como donos dela. Esses seres em muitas vezes eram os obstáculos que freavam até certo ponto a retirada de recursos oriundos da floresta, como: animais, frutos, madeiras e outros elementos. Segundo o autor, na Idade Média, principalmente na Europa a floresta se tornou para uma grande parcela da população, a morada de bruxas, fantasmas e espíritos malignos, causando pavor em quem se aproximasse ou tivesse que percorrer caminhos dentro delas.

É provável que na Idade Média, as florestas também já fossem esconderijos de grupos que praticavam ataques a vilarejos e caravanas de viajantes ou aqueles que se aventuravam a viajar sozinhos. A floresta assume outro contexto, ela deixa de ser temida por ser habitada por seres míticos e lendários, para servir de morada para seres humanos, dispostos à prática de crimes como, roubos, estupros e assassinatos. Hobsbawm (1976), ao tratar de bandos de saqueadores descreve a lenda de *Robin Hood*, baseada em um tipo de ladrão definido como nobre, que tinha a floresta como morada. O autor ressalta que não havia nobreza nos ataques praticados por bandos, pelo contrário, eles amedrontavam as cidades e os vilarejos. Esse aspecto do ladrão habitar a floresta favorece a compreensão que a mesma torna-se também um ambiente usado para práticas de crimes, assim como o esconderijo pós-crime.

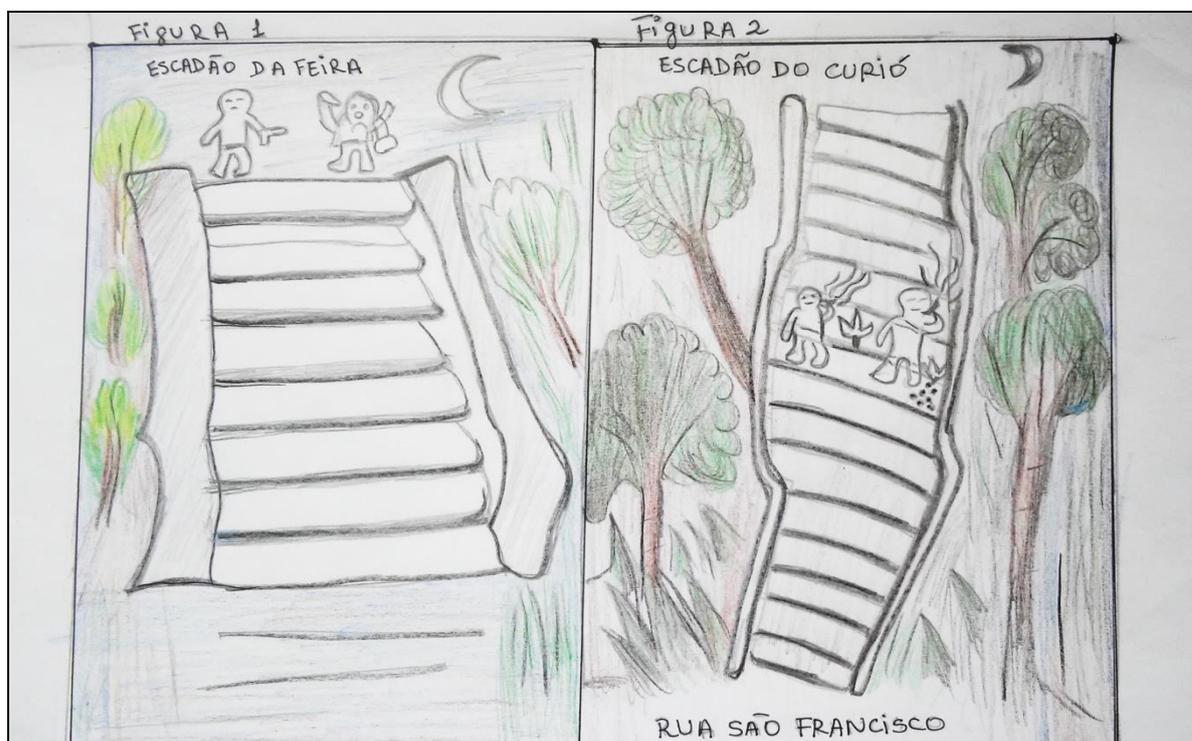
O principal argumento aqui é confirmar que o medo em relação à floresta, não é algo desprovido de uma construção cultural e social que permeiam a interrelação homem e ambiente (nesse caso homem e floresta). O medo da floresta sempre esteve presente na construção da percepção que formamos em relação à paisagem e ainda permanece em nossos dias; como vimos nas representações das estudantes em seus mapas 06, 07 e 08.

Segundo Tuan (2005), a cidade apresenta um mosaico de elementos que, aliados à criminalidade provocam o medo, certamente as matas representadas pelas estudantes é um desses elementos que simbolicamente representam o medo. Nenhuma das estudantes sofreu ataques nessas áreas, mas elas temem por suas vidas e seus bens, ao transitarem ou se aproximarem dessas áreas. As paisagens constituídas de vegetação existentes na cidade não representam a certo modo o medo de seres míticos, mas de seres capazes de cometerem crimes, tornando-as elementos de paisagens do medo.

As paisagens representadas nos mapas 06, 07 e 08, são exemplos de outras paisagens representadas por outros estudantes, a grande maioria destacou o medo de transitar ou de se aproximar de áreas com vegetação, peculiar em nossa região. A cidade de Manaus possui algumas Áreas de Proteção Permanentes – APP; Parque Estadual, por exemplo, o Parque Sumaúma; Reserva Florestal; APA do Tarumã, entre outras, estas preservam em parte a floresta nativa ou a mata secundária. Porém, devido à localização no perímetro urbano, servem também para a prática da criminalidade, conforme vimos nos mapas, representando diante da percepção dos estudantes, símbolos da violência e da prática de crimes.

O mapa 09, representa duas paisagens situadas na comunidade Campo Dourado, bairro Cidade Nova, na zona norte de Manaus, o estudante usou o recurso de apresentar duas paisagens num único mapa.

Mapa Mental 09: AS ESCADAS DO MEDO



Fonte: Estudante S, I. N. Manaus, 2018.

Estudante S, I. N. (2018)

Essas são duas escadas que ficam no Campo Dourado Cidade Nova, elas são paisagens do medo, pois dá medo de subir ou descer essas escadas, nelas acontecem assaltos, roubo de celular, uso de drogas e também em alguns horários a cobrança de pedágio. Os moradores se arrisgam, por isso sempre é bom andar acompanhado e os moradores já sabem dos horários mais perigosos, mas esse é o caminho mais rápido, por isso resolvi chamar de escadas do medo.

Sua paisagem representa um aspecto característico em muitos bairros de Manaus, as escadas. Elas se configuram como importantes elementos para a locomoção e a acessibilidade dos moradores, encurtam caminhos, possibilitando também a integração de ruas e a dinâmica econômica e cultural que os moradores realizam diariamente. Segundo a representação do estudante, ações ligadas à criminalidade tornam essas escadas elementos da paisagem do medo.

A representação do estudante expõe duas cenas marcantes, numa escada ele representa o assalto, noutra a cena do uso de drogas e conclui descrevendo o roubo e a cobrança de pedágio. São fatores que marcam a representação da criminalidade urbana evidenciando que o consumo de drogas está atrelado à prática de outros crimes.

O estudante não relata sobre ter sofrido algo nessas escadas, porém sua percepção construída a partir da vivência na cidade, frente ao fenômeno da criminalidade, somado aos fatores que envolvem sua expansão, como é o caso da mídia, estabelece a construção mental do estudante diante do ambiente e dos objetos que ele percebe em seu meio, criando a imaginabilidade do perigo.

Segundo Lynch (1997), a imaginabilidade não é formada pelo imaginário fugaz, ela é sem dúvida a construção mental que o estudante faz ao estar diante da escada, não de forma isolada, porém associada ao contexto em que ela se encontra, como por exemplo, o bairro, os acontecimentos e os fatos ligados a criminalidade, próximos ou na própria escada, presenciado ou não por ele, juntamente com as informações de fatos ocorridos em outras escadas.

A sua percepção não é formada somente pela visão, conforme Tuan (2012) todos os sentidos comungam para o estudante criar uma imagem mental, na qual as escadas servem também para a prática de crimes e venha considerar as mesmas como paisagens do medo. Todas as circunstâncias diárias vivenciadas pelo estudante favorecem a construção da paisagem que ele representa. Sua representação exemplifica também as rotinas que a criminalidade impõe aos moradores: enfrentar o medo ali existente, conviver com o medo das ações criminosas, estabelecer horários para transitar pelas escadas, procurar andar acompanhado e etc.

O mapa apresenta duas escadas, tornando-as elementos principais da representação; a escada também é um elemento presente no mapa 06. Esses dois mapas representam outros mapas que não foram selecionados, mas destacaram as escadas como símbolos da prática de crimes. Devido ao relevo acidentado da cidade de Manaus, as escadas são comuns nos diversos bairros e dependendo do horário tornam-se estrategicamente elementos da paisagem usados para a prática de crimes como: roubos, furtos, obstrução para cobrança de pedágio, entre outros, estabelecendo as escadas como elementos simbólicos da criminalidade.

A paisagem representada no mapa 10, localiza-se nas áreas limítrofes dos bairros Monte das Oliveiras e Santa Etelvina, ambos situados na zona norte de Manaus; sua paisagem possui uma característica marcante, conforme podemos ver em seu mapa, o estudante estabeleceu uma territorialidade, uma parte de sua paisagem ele representa como mais ou menos segura e a outra ele define como área vermelha.

Mapa Mental 10: A ÁREA VERMELHA



Fonte: Estudante R, R. B. Manaus, 2018.

Estudante R, R.B. (2018)

O meu mapa é uma parte do Bairro Monte das Oliveiras e do Santa Etelvina, é uma paisagem que apresenta uma área mais ou menos segura e a outra é perigosa, pois é uma área vermelha, lá tem ponto de venda de drogas e não é seguro andar nessa área. É uma paisagem que dá medo, perto do igarapé é muito perigoso, acontecem assaltos, tem presença de galera é sujo, não é seguro e não tem policiamento, as viaturas só passam na rua principal onde tem o comércio e a rua é asfaltada e iluminada.

Sua descrição confirma que se trata de duas áreas distintas, uma com policiamento, iluminação pública e pavimentação; a outra é suja, perigosa, sem policiamento e marcada pela criminalidade.

Para que tenhamos uma melhor compreensão sobre a formação da percepção, que levou o estudante a representar sua paisagem dividida entre a segurança e a insegurança

precisamos compreender que o planejamento urbano, sempre é realizado dentro de uma ideologia, conforme Claval (2012) dentro desse planejamento algumas áreas serão privilegiadas em detrimentos de outras.

Corroborando com essa ideia, a partir do discurso de Gandy (2004), afirmamos que o planejamento não atinge todas as áreas da cidade, dessa forma teremos uma grande quantidade de paisagens, sem as marcas dos serviços prestados pela administração pública, como: a iluminação pública, a coleta adequada de resíduos, serviços de esgoto e abastecimento de água, pavimentação e principalmente o policiamento ostensivo. Fatores comprovados pela experiência que o estudante possui em sua paisagem, favorecendo a percepção que existe uma área mais bem aparelhada que a outra.

Conforme destacam Bauman (2009) e Tuan (2005), essas áreas tornam-se sinônimos de criminalidade, pois representam a ausência do Estado, revelam a pobreza e a marginalização social contribuindo para fortalecer a ideia que a criminalidade urbana tem origem essencialmente na pobreza. Embora o foco principal seja a criminalidade, não podemos esquecer que há outros fenômenos envolvidos na dinâmica de sua paisagem, e um deles é sem dúvida, o planejamento urbano.

Seguindo as ideias de Misse (1995) e Zaluar (2002), as áreas segregadas são marcadas pelo preconceito e pela generalização da criminalidade, onde todos são suspeitos; essa generalização não leva em conta os moradores que não tem envolvimento com o crime. Os autores ressaltam que as áreas desprovidas de serviços, costumam concentrar grupos e pessoas que praticam ações criminosas, mas esses grupos não representam uma totalidade diante dos demais moradores.

A paisagem representada pelo estudante foi construída por meio de sua percepção, ele vive nesse local, lá ele vivencia acontecimentos próprios da vida urbana, mas a estrutura mental que o levou a representar sua paisagem está atrelada a diversas informações que o mesmo recebe de vários segmentos, principalmente da mídia. O tráfico de drogas, por exemplo, é um crime que ocupa relevância na questão da criminalidade e da segurança pública, grupos que praticam essas ações estabelecem territórios para garantirem lucros, essas áreas são comumente chamadas de “áreas vermelhas”, alguns jornais impressos, telejornais, programas de televisão e redes sociais (blogs e aplicativos de mensagens) são responsáveis pela reprodução das áreas pré-definidas como perigosas, ou melhor, “as áreas vermelhas”, tal como a representada pelo aluno.

Sua paisagem não representa um único elemento, mas sim a junção ou a justaposição de elementos visíveis e não visíveis, que constituem a formação de sua paisagem. No entanto é importante ressaltar em sua descrição, a menção que ele faz a chamada “galera”. Segundo Oliveira (2017), o termo galera em Manaus é empregado como sinônimo de gangue, a princípio eram grupos que se reuniam por laços de amizade e traços de pertencimento ao bairro, porém muitos grupos se envolviam em brigas, assaltos, estupros e até assassinatos. No estudo que autor realizou sobre esses grupos, a maior atuação ocorreu na década de 1990, ele afirma que as galeras aos poucos deixaram de existir, mas o “galeroso” não.

A ideia do autor que o “galeroso” ainda exista, pode ser explicada dentro do contexto cultural que vivemos atualmente, os jovens utilizam outros meios para se organizarem. Portanto, as galeras que tomaram ruas e quarteirões não mais existem; os grupos que geralmente são encontrados em pontos estratégicos são compostos de um número menor de pessoas e alguns estão certamente envolvidos na dinâmica do tráfico de drogas, passando a ser chamado de “galeroso”.

Geralmente o tráfico de drogas em sua organização, se utiliza de jovens em pequenos grupos para realizar algumas tarefas, como resalta Dowdney (2002) sobre o uso de crianças e adolescentes na venda de drogas, geralmente eles ficam em locais estratégicos para informarem sobre a chegada da polícia e também para intimidação de pessoas que não fazem parte daquele ambiente. Essa questão pode explicar a menção que o estudante fez sobre “a galera”, assim esses grupos que aterrorizaram alguns bairros de Manaus no final do século XX, ainda permanecem no imaginário dos moradores ou encontraram outras formas de agir, para o estudante “a galera” ainda compõe sua paisagem.

A espacialidade representada pelo estudante é diferente das anteriores, para ele a paisagem já possui uma dimensão além da que ele vê, sua espacialidade está atrelada a uma construção mental que ele possui do seu ambiente. Sua percepção é capaz de assimilar elementos presentes numa dimensão maior e não apenas sua residência, uma parada de ônibus ou uma escada. Ele elabora uma representação que expressa seu conhecimento perante a paisagem onde vive, sua percepção construiu imagens que ele estruturou, organizou e representou em seu mapa.

segregação, percebida quando as áreas por ela destacadas estão afastadas do comércio e do local de sua residência. Nos demais pontos, embora ela não descarte ações criminosas, ainda assim os considera seguros.

As três áreas destacadas pela estudante como fonte de medo e insegurança, são elementos já discutidos, o primeiro é o ponto de ônibus, como já vimos, esse elemento suscita medo, suas características principais são a falta de proteção, a presença e ausência de pessoas, manifestando a ameaça da integridade física e dos bens que o morador tem em sua posse. Mas, é importante frisar que não é apenas o ponto de ônibus em si que causa o medo, é preciso que haja uma conexão de elementos que envolvem o ponto de ônibus e o usuário desse espaço.

O outro elemento é um terreno desocupado que ela destaca em seu mapa. Como já citamos, o poder público não garante uma organização completa e nem tão pouco uma ocupação efetiva dos lotes urbanos, deixando muitos deles como serventia para esconderijos de criminosos e locais para práticas de crimes como o estupro, segundo relata a estudante: “é um terreno desocupado e com mato, lá já aconteceu estupro”. Ela afirma que o local já foi utilizado para o crime, então seu sentimento de medo é ainda maior, sabendo que ela pode ser vítima desse tipo de crime.

Terrenos baldios e casas desocupadas nas áreas urbanas são sinônimos da criminalidade. Segundo Tuan (2005), as áreas degradadas e ocupadas por criminosos, eram comuns no século XVIII denominadas de *alsácias* e de *rookeries* no século XX, casas e cortiços caindo aos pedaços, eram utilizados para esconderijos de ladrões e assassinos, principalmente nas cidades europeias, geralmente localizados em áreas com pouca infraestrutura. Portanto, ainda hoje, existe na cidade casas abandonadas, construções inacabadas e terrenos baldios que se configuram como elementos que alimentam o medo, por serem ambientes reais utilizados pela criminalidade.

Por fim, ela destaca em sua descrição a concentração de homens desconhecidos, se diz apavorada em transitar onde os mesmos estão, reforçando mais uma vez o medo que compartilhamos na cidade, ou seja, o medo de pessoas desconhecidas.

Seu mapa, juntamente como o mapa 10 apresentado anteriormente, expressam não apenas uma imagem ou um elemento, eles representam um contexto e nos fornecem a noção que a percepção é dinâmica e está em constante transformação; revelam a subjetividade e

também o lado objetivo de cada paisagem, mas acima de tudo expressam o conhecimento adquirido através da experiência de viver nessas áreas. A representação da estudante se assemelha a representação do mapa 10, pois são representações com dimensões espaciais diferenciadas, são exemplos em que a paisagem está além de uma estrutura física, ou apenas de uma cena, porém ela é a justaposição de elementos, cuja extensão espacial cabe ao sujeito, mediante a interrelação estabelecida entre ele e o meio determinar.

A peculiaridade nos dois mapas está presente na forma como os estudantes destacam a criminalidade e a violência, afastadas de suas residências; eles não descartam a possibilidade de acontecer ações criminosas, mas destacam os locais delimitando como área segura e área insegura. Barreto (2013), realizou um estudo relacionado à violência em Manaus, tendo como sujeitos de sua pesquisa policiais militares, percebemos nos mapas mentais representados em seu texto, que os locais violentos apontados pelas policiais, estavam em lugares distantes das suas residências, ou seja, a violência estava em outros bairros.

Os estudantes representam a criminalidade próxima das suas residências, mas as colocam em uma área possivelmente segura. Então, precisamos entender essa questão. Segundo Dardel (2011), estabelecemos uma relação afetiva com a paisagem, essa relação vai além do nosso entendimento puramente racional, ela expressa a geografia original.

Diante desse aspecto, os estudantes vêem suas residências como um lugar de realizações, não permitindo que atrocidades oriundas da criminalidade maculem suas moradas.

O estudo realizado por Costa (2009), sobre a percepção do lugar com estudantes do bairro Jorge Teixeira, zona leste de Manaus, nos confirmam esse entendimento, pois em sua pesquisa o mesmo comprovou a noção da identidade e do pertencimento que o morador possui em relação a sua morada ou o seu bairro. Essa constatação respondeu nossa inquietação inicial, onde o morador não permite que sua morada e sua rua sejam consideradas violentas ou o seu bairro seja visto como violento.

Portanto, a violência, segundo os estudantes está longe de suas residências, isso só é possível pelo fato dos estudantes gostarem de suas moradas e estabeleceram nesse ambiente uma harmonia, uma relação topofílica. Confirmamos essa ideia, ao perceber dentre os estudantes que representaram em suas paisagens suas residências, que nenhum estabeleceu a mesma como um elemento principal. Em suas paisagens do medo, tal como o mapa 11, o perigo está um pouco afastado de sua morada.

O mapa representa um perímetro da Avenida Autaz Mirim, compreende aos os bairros Jorge Teixeira e Tancredo Neves na zona leste da cidade de Manaus; o terminal de integração de transporte público t4, o pronto-socorro, os centros de compras, as agências bancárias e os grandes supermercados favorecem o intenso fluxo de veículos e pedestres. É uma mistura de ruídos e imagens que contribuem para estado da mixofobia. Seu mapa representa uma paisagem muito comum nas cidades, propiciando ações de criminosos, dispostos a praticar principalmente roubos e furtos.

Mapa Mental 12: MEDO NA ZONA LESTE DE MANAUS



Fonte: Estudante B, T. C. S. Manaus, 2018.

Estudante B, T. C. S. (2018)

Sempre ando nessa área, fica do terminal 4 indo na Autaz Mirim até o Shopping Grande Circular, é uma paisagem muito movimentada, pessoas e carros, sempre tem assaltos, roubos, a gente fica sabendo pelos jornais, não é seguro. Nunca fui assaltada, mas eu não me sinto bem andando nessa rua parece que algo vai acontecer, a Avenida Autaz Mirim fica na zona leste de Manaus, não moro lá, mas sei que é perigoso.

Comprendemos que a representação da estudante é resultante da imagem formada pelos elementos ali existentes; os valores e as atitudes que ela abstrai em relação ao espaço, resultam da experiência que a mesma possui em relação à paisagem. Segundo Lynch (1997), uma rua ou uma alameda pode ser uma via de circulação para o motorista, mas para o pedestre é um limite, o trânsito de veículos nas vias principais impõe ao pedestre pequenos espaços para se locomover. As calçadas de ruas com grande fluxo de pedestres são ambientes

que representam medo, pois estão tomadas de pessoas estranhas e como descreve a estudante, a incerteza toma conta desses espaços.

Sua representação expressa outros símbolos ligados à criminalidade na cidade de Manaus, a escolha desse mapa representa não somente a percepção da estudante quanto à violência e a criminalidade, mas sem dúvida ela reflete a ideia de muitos manauaras, sobre as questões que envolvem essa determinada área da cidade. Não poderíamos encerrar nossa discussão sem retomar um ponto importante, sobre os mitos e os preconceitos que envolvem os espaços urbanos diante da criminalidade, aproveitamos o mapa da estudante a partir de seu título para tecer alguns comentários.

O primeiro aspecto a ser considerado é o cuidado que devemos tomar ao tratar da violência e da criminalidade urbana. Muitas pesquisas se baseiam exclusivamente em índices; por outro lado, as agências de segurança pública trabalham exclusivamente em cima de estatísticas; tanto os índices como as estatísticas são coletadas em períodos distintos e com determinados grupos, resultando em dados que geralmente são usados de forma indevida, sem uma contextualização, generalizando bairros, zonas, cidades e até países, rotulando-os como violentos; é comum ouvirmos as expressões: “cidade violenta”, “bairro violento” e em Manaus: “a zona leste é violenta” e nesse caso, a mídia tem um importante papel na difusão desse assunto. A descrição da aluna enfatiza essa questão, quando ela faz referência às notícias que obtém sobre a criminalidade por meio do jornal.

Se realizássemos um estudo contundente nos bairros que formam a zona leste, tal como Zaluar (2002) realizou num bairro na cidade do Rio de Janeiro, certamente comprovaríamos a generalização do fenômeno da violência, relacionado aos espaços urbanos. Evidentemente, encontraríamos a criminalidade inserida nos bairros dessa área, provavelmente em proporções diferentes de outros bairros da cidade. Novamente voltamos a mencionar que existe a ideia de um discurso ideológico que permeia a configuração e a ocupação do solo urbano, cujo principal objetivo é privilegiar determinadas áreas em detrimento de outras.

O mapa da estudante, além de representar sua paisagem do medo, expressa também questões ligadas à segregação dos espaços urbanos, no que diz respeito à criminalidade. Sabemos que em todas as cidades sempre teremos as denominadas áreas violentas, bairros violentos ou ruas violentas; de fato, determinadas áreas são mais propícias à criminalidade, porém, precisamos entender que o crime pode ocorrer em qualquer parte do perímetro urbano.

Ficar rotulando áreas não é o caminho ou a ação mais indicada para diminuir a criminalidade e a violência urbana.

Os mapas mentais interpretados e apresentados nos forneceram importantes aspectos acerca da percepção da violência e da criminalidade. Primeiro, a criminalidade está presente nas diversas paisagens que compõe o espaço urbano; os estudantes foram capazes de representar por meio de suas imagens, situações que evidenciam os crimes como furto, roubos, estupros e outros. Esses crimes se configuram como os principais medos que os estudantes sentem em relação às paisagens por eles representadas.

O segundo aspecto corresponde ao fato do medo hoje ser difuso, o perigo está em qualquer lugar, aparentemente não há lugar seguro na cidade, a sensação que os estudantes demonstram é provavelmente o sentimento de boa parte dos moradores. Segundo Bauman (2008), o medo nas cidades é tão difuso que não sabemos de onde o perigo pode nos assolar:

O que mais amedronta é a ambiguidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas escuras ou das telas luminosas dos televisores. De nossos quartos e de nossas cozinhas. De nossos locais de trabalho e do metrô que tomamos pra ir e voltar. De pessoas que encontramos e de pessoas que não conseguimos perceber. (BAUMAN, 2008, p. 11)

A citação do autor confirma que os componentes presentes nas paisagens, tornaram-se simbolicamente elementos do medo, as representações dos estudantes confirmam essa ideia. São esses elementos que dão ênfase ao nosso terceiro aspecto: os símbolos, que representam a violência. Os mapas são constituídos principalmente de paisagens compostas por: matas, pontos de ônibus, ruas escuras, ruas movimentadas, escadas, becos, casas abandonadas, terrenos baldios, entre tantos outros que se configuram como elementos que favorecem o medo que os estudantes sentem da criminalidade. Segundo Tuan (2005) esses componentes sempre estarão presentes na dinâmica do espaço urbano.

Concluimos esse capítulo, reafirmando a importância dos mapas para a pesquisa e o ensino de geografia, por meio deles, cada estudante representou sua percepção em relação à criminalidade e a violência. Ao pesquisador cabe mediar e compreender os símbolos que expressam a construção mental de cada estudante. Portanto, cada vez que interpretarmos esses mapas, novos elementos surgirão, possibilitando novas discussões. Por isso, eles se tornam registros e fontes àqueles que através da fenomenologia pretendem compreender a percepção desses estudantes diante da criminalidade e da violência em Manaus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados, as discussões e as convicções apresentadas nesse trabalho foram construídos ao longo de alguns anos. Refletem a consolidação de um projeto desenvolvido sob a perspectiva de um estudo voltado diretamente para um grupo de moradores, os estudantes; eles não representaram diretamente estudantes dentro de uma escola, mas moradores que vivenciam a violência e a criminalidade nas paisagens que fazem do ambiente urbano.

O objetivo de: compreender o fenômeno da violência e da criminalidade na cidade de Manaus a partir da percepção e da representação dos estudantes do ensino médio por meio dos mapas mentais. Levou-nos a buscar a fenomenologia como o princípio metodológico, que veio guiar nossas etapas e procedimentos, tendo os mapas mentais como recursos, que representaram a percepção dos estudantes. Essas representações foram denominadas Paisagem do Medo.

As ideias e as convicções debatidas nesse texto foram pautadas em discussões que levam em consideração o sujeito como agente, aquele que percebe o fenômeno, são indivíduos que vivenciam a realidade cotidiana de uma cidade, eles não são tabulações, nem números, não representam apenas informações coletadas, eles são moradores, com experiências vivenciadas nas paisagens que representaram. São estudantes, mas poderiam ser motoristas de ônibus, feirantes, professores, ambulantes, entretanto, seriam moradores. Portanto, os estudantes envolvidos nessa pesquisa são acima de tudo, moradores da cidade de Manaus.

Procuramos discutir a violência sob a ótica de desmistificar noções que não contribuem para uma compreensão mais clara sobre o tema, visando desse modo, o entendimento que a violência nunca será extinta, ela é inerente ao ser humano, ela é inata a nossa espécie e dada às circunstâncias, ela toma a forma epidêmica, então o que precisamos é buscar soluções para cada evento dentro de cada cidade, não há um manual pronto para se combater a violência, mas devemos construir mecanismos de prevenção, ações em todas as esferas que visem diminuir os atos e os comportamentos violentos.

A violência e a criminalidade não podem ser vistas apenas como um problema social, ela também é institucional, pois está nas estruturas das organizações de cada sociedade, não

podemos olhar apenas por um único viés. Essa pesquisa procurou abordar esses aspectos, ampliando e levando o debate além do foco economicista, o qual classifica a violência geralmente como um problema de classes, deixando de lado questões importantes que devem ser discutidas dentro desse fenômeno. A violência não é um problema de classe, é um fenômeno humano, presente nas relações construídas entre os indivíduos, grupos e nações.

Entendemos que devemos agir em busca de segurança, a organização social é o primeiro passo para essa jornada. A segurança deve ser vista como um estado, assim, estaremos sempre procurando mantê-la. Dentro das cidades não podemos conceber somente a ideia de que muros e trancas nos darão a segurança. Vimos nesse trabalho, que o principal medo que compartilhamos é o medo do outro; os estudantes não tem medo da mata em si, mas de quem lá se esconde, por isso, a mata é um elemento simbólico; temos medo realmente das pessoas, principalmente aquelas estranhas ao nosso ambiente. Então, a construção de laços afetivos e de identidades devem se constituir como um princípio, do contrário, cada vez mais teremos paisagens do medo.

Essa pesquisa constatou que diante do fenômeno da criminalidade e da violência que envolve as cidades, o medo é um componente da paisagem urbana, vimos que existem paisagens que a primeira vista podem parecer seguras, mas existem em cada paisagem elementos invisíveis que alimentam o medo dos moradores. O medo é um sentimento compartilhado, sentido de forma individual e coletiva, não pode ser eliminado e sim controlado, dessa forma reduzir a violência é contribuir para o controle do medo que sentimos diante das paisagens.

O medo está presente na paisagem, logo, temos as Paisagens do Medo, elas estão diante de nós, vivemos nessas paisagens todos os dias e a todo o momento, a violência e a criminalidade são fenômenos que constituem essas paisagens, mas não são os únicos, há tantos outros fenômenos que formam paisagens que representam o medo, porém, nossa pesquisa focou apenas na violência e na criminalidade, pois para cada fenômeno é preciso um estudo exclusivo.

Esse trabalho trouxe como resultado as representações de algumas paisagens, constituídas de símbolos percebidos pelos estudantes da 3ª série do ensino médio, elementos visíveis e invisíveis. Contudo, cada uma delas nos proporciona variadas informações acerca do tema estudado. Essas paisagens representadas por meio dos mapas mentais foram formadas a partir da percepção que cada estudante possui das paisagens que eles vivenciam.

Os mapas forneceram informações sobre os elementos que os estudantes percebem em suas paisagens, estes são símbolos da criminalidade e da violência existentes na cidade. Eles revelam que os estudantes percebem a violência por meio de símbolos, ligados diretamente ao ser humano, confirmando que temos medo uns dos outros. Conforme já citado, os estudantes não têm medo diretamente da escada, da mata, do terreno baldio, do ponto de ônibus, eles temem de fato, as pessoas que usam esses ambientes para a prática de crimes, dando a esses elementos a configuração do medo.

Desse modo, juntamente com as ações coletivas na busca da segurança almejada pelos moradores, acrescentamos o papel do Estado, no intuito de um planejamento da cidade como um todo, estabelecendo a equidade dos serviços independentemente da localização de cada paisagem. A prestação de serviços essenciais seria um princípio para retirar desses elementos a simbologia do medo, por exemplo, a segurança e a educação.

Logo, essa pesquisa ressalta dois pontos importantes acerca dos resultados. Primeiro, é um estudo que leva em consideração a percepção de estudantes (moradores), que vivem e percebem a violência, em boa parte por meio de símbolos, sendo estes, elementos da paisagem se configurando em outro viés para a compreensão da criminalidade e da violência na cidade; evidenciando a importância de estudarmos a violência dentro das cidades a partir das experiências de seus moradores.

A segunda questão que devemos considerar é a relevância que esta pesquisa possui para os planejadores, ou melhor, para o planejamento das cidades, pois este estudo confirmou que existem variados elementos que compõem a paisagem urbana e que ao mesmo tempo representam simbolicamente o medo e a insegurança para os moradores. Sendo necessária, uma atenção mais concreta diante dessas paisagens, visando diminuir a simbologia que esses elementos representam aos habitantes.

Em suma, esperamos que os resultados dessa pesquisa forneçam aos pesquisadores e as agências governamentais de segurança pública, bases que venham fundamentar estudos e ações que tenham como objetivos prevenir e diminuir a violência e a criminalidade que nos amedrontam.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino. SEDUC. **Proposta Curricular das Ciências Humanas e suas Tecnologias para o Ensino Médio- Geografia**. Manaus, 2012.

ANEMONE, Louis. Como Nova York reduziu as armas ilegais. In: OLIVEIRA, Nilson. Vieira. (org.). **Insegurança Pública – Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p. 151-154

ARENDT. Hannah. **Sobre a Violência**. Trad. André de Macedo Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 9ª ed.

BARRETO, Thais Luíse Monteiro de Souza. **Percepção e representação da violência na cidade de Manaus: os mapas mentais do policial militar**. Manaus: UFAM, 2013. Dissertação Apresentada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Confiança e Medo na Cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (org.). **Geografia Cultural: uma antologia** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012 p. 239-243

BUORO, Andréa Bueno. (et. al.). **Violência Urbana: dilemas e desafios**. São Paulo: Atual, 1999.

BURKE, Peter. Violência Urbana e Civilização. In: OLIVEIRA, Nilson. Vieira. (org.). **Insegurança Pública – Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p. 32-50.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2012.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORREA, Roberto Lobato; ZENY, Rosendahl. **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 245-276.

_____. **A geografia cultural**. Trad. Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A paisagem geográfica – uma bibliografia**. Rio de Janeiro. Espaço e Cultura. UERJ, n. 4 junho. 1997 p. 50-54

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: introdução de uma temática, os textos de uma agenda. In:_____ **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 9-18

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 219-237.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.135-146.

COSTA, Francisco José Coringa. **A Geograficidade dos Jovens e o sentido de Lugar na sua experiência cotidiana**. Manaus: UFAM, 2009. Dissertação Apresentada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: a natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia?** Trad. Maria José J.G. Almeida. São Paulo: Centauro, 2008.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Railton Sousa Guedes. Coletivo periferia 2003 Disponível em: www.geocities.com/projetoperiferia

DOWDNEY, Luke. De aviãozinho a soldados: o crescente envolvimento de crianças nas lutas de grupos armados do tráfico de drogas no Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Nilson. Vieira. (org.). **Insegurança Pública – Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p. 86-129.

DUARTE, Risaldo Lima; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Cotidiano e Violência: A Espetacularização da Violência como Subsistema na Sociedade de Consumo Dirigido**. Manaus. Geonorte. DEGEO/PPGEOG/UFAM v. 9 n. 31. 2018: Edição Especial. p.77-88

DUNCAN, James. A Paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (org). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. (p. 91-132)

_____. O supra-orgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 63-102

FELIX, Sueli Andruccioli. **Geografia do Crime: interdisciplinaridades e relevâncias**. Marília: Marília-Unesp-Publicações, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2009.

GANDY, Matthew. Paisagem, estéticas e ideologias. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 75-90.

GOMES, Paulo Cesar da Gosta. **Quadros Geográficos: uma forma de ver uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da geografia**. Trad. Thomaz Newlands Neto. São Paulo: HUCITEC, 1978.

HOBBSAWM, H. J. **Bandidos**. Trad. Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976. 2ª ed.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: Eduel, 2016.

_____. **A geografia humanista: uma revisão**. Rio de Janeiro. Espaço e Cultura. UERJ, edição comemorativa. 2008. p. 137-147

_____. **Augustin Berque: um trajeto pela paisagem**. Rio de Janeiro. Espaço e Cultura. UERJ, n. 17-18 dez. jan. 2004a. p. 55-63

_____. A trajeção: reflexões teóricas sobre a paisagem vernacular. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (org). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004b. p.155-171

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

KILL, Bertoldo. **Princípio da Insignificância no Direito Penal**. Cacoal, 2007. Monografia Apresentada no Departamento do Curso de Direito. Fundação Universidade Federal de Rondônia- Campus Cacoal. 2007.

KOZEL, Salete. **Comunicando e Representando: mapas como construções socioculturais**. Rio de Janeiro. Geograficidades. v. 3. n. especial, primavera 2013. p. 58-70.

LEFEBVRE. Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEIVAS, Cláudio Cogo. Ética e Violência. In: TORRES, João Carlos Brum (org.). **Manual de Ética: Questões de ética teórica e aplicada**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 583-622.

LEVISKY. David Léo. Uma Gota de esperança. In: ALMEIDA. M.G. (org.). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Érica Vanessa. **A Pesquisa Qualitativa em Geografia**. Presidente Prudente. Caderno Prudentino de Geografia. n. 37, v. 2. p. 27-55. Ago/dez. 2015.

Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708/3618>

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARANDOLA JR. Eduardo. **Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro. Geograficidades. v.3 n.2 inferno 2013. p. 49-64

MCNEILL, William H. As Gangues de rua são uma antiga herança da civilização. In: OLIVEIRA, Nilson. Vieira. (org.). **Insegurança Pública – Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p. 11-31.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MISSE, Michel. **Cinco Teses Equivocadas sobre a Criminalidade Urbana no Brasil**. Rio de Janeiro, IUPERJ, Série Estudos. n. 91. Agosto. 1995. p. 23-39

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Mapa mental recurso didático no ensino de geografia no 1º grau**. São Paulo: USP, 1994. Dissertação de mestrado em geografia, apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1994.

_____. **Percepção e representação gráfica: a geofricidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcação no Amazonas**. Manaus: Edua, 2014.

OLIVEIRA, Marcos Roberto Russo de. **Amizades, porradas, facadas e caseiras fumegantes: uma história das galeras de Manaus (1985-2000)**. Manaus, UFAM, 2017. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, 2017.

OLIVEIRA, Livia de. **Sentidos de Lugar e de Topofilia**. Rio de Janeiro. Geograficidades. v.3 n.2 inverno 2013. p. 91-93.

RESENDE. Claudia Barcelos; COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SAUER, Carl. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p.181-217.

SILVA FILHO, João Vicente da; GALL, Norman. A polícia - incentivos perversos e segurança pública. In: OLIVEIRA, Nilson. Vieira. (org.). **Insegurança Pública – Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p. 200-220.

TUAN, Yi-fu. **Paisagens do Medo**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. **TOPOFILIA: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. **World Urbanization Prospects. Revision**. New York, 2014.

Disponível em: <https://esa.un.org/unpd/wup/Publications/Files/WUP2014-Highlights.pdf>

WAGNER, L. Philip; MIKESSEL, W. Marvin. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.135-146.

ZALUAR, Alba. Violência: Questão Social ou Institucional? In: OLIVEIRA, Nilson. Vieira. (org.). **Insegurança Pública – Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p. 75-85.